

O mito da mãe perfeita

Karen Ehman &
Ruth Schwenk



Dez coisas sobre
a maternidade das quais você
precisa desapegar

O mito da mãe perfeita

*Karen Ehman &
Ruth Schwenk*

**{ Dez coisas sobre
a maternidade das quais você
precisa desapegar }**

Tradução
Érica Silveira Campos



THOMAS NELSON
BRASIL*

Rio de Janeiro, 2016

Título original: *Hoodwinked — Ten Myths Moms Believe & Why We All Need to Knock It Off*
Copyright © 2015 por Karen Ehman e Schwenk.
Edição original por Zondervan. Todos os direitos reservados.
Copyright de tradução © Vida Melhor Editora S.A., 2016.

As citações bíblicas são da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Biblica, Inc., a menos que seja especificada outra versão da Bíblia Sagrada.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores e colaboradores diretos, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

PUBLISHER	<i>Omar de Souza</i>
GERENTE EDITORIAL	<i>Samuel Coto</i>
EDITOR RESPONSÁVEL	<i>André Lodos Tangerino</i>
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO	<i>Thalita Ramalho</i>
PRODUÇÃO EDITORIAL	<i>Luíz Antonio Werneck Maia</i>
COPIDESQUE	<i>Geisa Oliveira</i>
REVISÃO	<i>Maria Júlia Calsavara e Carlos Otávio Flexa</i>
DIAGRAMAÇÃO	<i>Abreu's System</i>
CAPA	<i>Rafael Brum</i>
PRODUÇÃO DO EBOOK	<i>Ranna Studio</i>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E67m

Ehman, Karen

O mito da mãe perfeita: dez coisas sobre a maternidade das quais você precisa se desapegar / Karen Ehman, Ruth Schwenk; tradução Érica Silveira Campos. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

Tradução de: *Hoodwinked*
ISBN 978.85.7860.946-7

1. Maternidade. 2. Mães – Vida religiosa. 3. Crianças – Formação – Aspectos religiosos. 4. Mãe e filhos – Aspectos religiosos. I. Schwenk, Ruth. II. Título.

16-35979

CDD: 248.8431

CDU: 2-457

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora S.A.

Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora S.A.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso

Rio de Janeiro – RJ – CEP 21042-235

Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313

www.thomason.com.br

De Karen:

*Para Vicki, Valerie e Veronica:
Éramos primas brincando alegremente com
nossas bonecas; agora somos mães que oram
e criam nossos dez filhos. Amo vocês.*



De Ruth:

*Para mamãe e em memória da
vovó Holden: Eu não seria
quem sou sem vocês.*



De Karen e Ruth:

*Para todas as mães que estão lendo este livro conosco, na luta diária, esforçando-se ao máximo para criar seus filhos para a glória de Deus. Oramos para que este livro sussurre esperança aos seus corações e realinhe seus pensamentos à medida que vocês se unem a nós na aventura
#nomorehoodwinkedmoms.*

Sumário

Prefácio escrito por Candace Cameron Bure

1. O mito da mãe perfeita: o mosaico mítico da maternidade
2. Primeiro mito: ser mãe é algo natural, fácil e instintivo
3. Segundo mito: meu jeito de ser mãe é o jeito certo (e único)
4. Terceiro mito: sou “só” mãe
5. Quarto mito: a maternidade nos consome totalmente e nos satisfaz plenamente
6. Quinto mito: uma boa mãe consegue fazer tudo (e ao mesmo tempo)
7. Sexto mito: a maternidade é uma competição
8. Sétimo mito: a maternidade é fruto do acaso
9. Oitavo mito: tudo depende de mim
10. Nono mito: tenho de fazer tudo certo, se não meu filho vai “sair errado”
11. Décimo mito: a escolha ruim de meu filho quer dizer que sou uma mãe ruim
12. Chega de mitos

Material adicional

Balanço anual para mães

A oração da mãe por seu filho

Guia semanal de oração da mãe

Dez lembretes com versículos para a mãe ocupada demais

Lembretes de encorajamento extraídos de O mito da mãe perfeita

Agradecimentos

Notas

Sobre as autoras

Prefácio

À medida que eu e Val, meu marido, criávamos nossos filhos, a maternidade ia evoluindo, cada fase trazendo sua combinação distinta de alegrias e desafios. Em cada fase, somos tentadas a acreditar em certas afirmações a respeito da maternidade que simplesmente não são verdadeiras.

Quando nossos filhos nasceram, eu e Val decidimos que eu ficaria em casa com eles em período integral. Eu passava meus dias com eles, alimentando-os, ensinando-os (quer fosse o abecedário, a amarrar o sapato ou a não brigar com os irmãos) e suprindo suas necessidades mais básicas.

Uma vez que deixei de lado minha carreira de atriz durante esse período, fui tentada a acreditar que eu era “só mãe”. Sem saber, os fãs solidificavam meus sentimentos quando me pediam um autógrafo e perguntavam em que novo programa de TV eu estava trabalhando. Quando eu respondia que tinha optado por ficar em casa com meus filhos, muitas vezes faziam uma expressão de desgosto ou decepção. “Ah, então agora você é só mãe?”, perguntavam, como se a celebridade que tinham encontrado de repente tivesse se tornado sem graça e sem valor. Meu coração se partia e eu me sentia como se cuidar de meus filhos fosse um trabalho inútil. Mas isso era uma grande mentira! Nossa sociedade tem perpetuado o mito de que uma mãe em casa é como um jogador no banco de reservas. A verdade, porém, é que uma mãe que passa os dias com seus filhos, cuidando deles e educando-os, está desempenhando um papel muito importante na sociedade. Ela está se concentrando em moldar seus filhos para o futuro. É um chamado fundamental!

Depois que nossos filhos cresceram e Val se aposentou de sua carreira como jogador profissional de hóquei, oramos e decidimos que eu retornaria para minha profissão. Uma vez que eles se encontravam nos últimos anos do Ensino Fundamental e no Ensino Médio e meu marido ficava em casa, ganhei flexibilidade para viajar a trabalho — fosse um curto período para atuar num filme ou coapresentar um programa de TV — ou assumir um cargo em tempo integral nos estúdios da Warner Bros. em nossa cidade. Essa nova fase permitia mudanças e crescimento em nossa família.

Um dos muitos mitos nos quais nós, mães, acreditamos é que podemos ter tudo simultaneamente. Mas aprendi com minha própria experiência que, de fato, isso não é verdade! Como escrevi em meu livro *Balancing It All* [Equilibrando tudo], podemos buscar nossos sonhos ou nossa carreira — se desejarmos —, mas temos de aprender a encontrar um equilíbrio, que consiste, basicamente, em um malabarismo. Às vezes, precisamos permitir que alguns pratos voadores se quebrem. Temos de ajustar nossos horários de acordo com as necessidades de nossa família dentro de cada fase da vida. Às vezes, é preciso recuar. Outras, podemos seguir adiante. Podemos “ter tudo”, mas não ao mesmo tempo!

Quando cremos nos mitos da maternidade, encontramos-nos distraídas de nossa missão como mães e somos tentadas a nos comparar com outras mães que parecem “estar fazendo tudo certo”. Se ao menos pudéssemos aprender a parar de acreditar nessas mentiras e começássemos a viver a verdade, não apenas seríamos capazes de abraçar nossa jornada singular da maternidade, como também estaríamos livres para realmente desfrutar de nossos filhos. Além disso, poderíamos aprender a apoiar outras mães que têm um estilo de criação dos filhos diferente do nosso, em vez de competir com elas ou excluí-las para sempre do nosso círculo de amizades.

Minha oração para você, enquanto lê este livro, é que possa parar de acreditar em mentiras e passar a viver a verdade — a verdade a respeito da maternidade que se encontra na Palavra de Deus. Por isso, não se engane, mãe! Você é singular, assim como sua jornada na maternidade. Que você possa ser encorajada e fortalecida para ser a mãe que Deus criou — uma

mulher que ama e serve a Deus fielmente à medida que cuida de seus filhos e os guia.

CANDACE CAMERON BURE, esposa, mãe de três filhos, atriz, produtora, autora best-seller do *The New York Times* e finalista da 18ª temporada de *Dancing with the Stars*.

The page is decorated with several grey hearts of varying sizes, some containing white dots. They are scattered around the text, with a larger heart in the center behind the title.

CAPÍTULO 1

O mito da mãe perfeita: o mosaico mítico da maternidade

Mãe — substantivo. Mulher que faz o trabalho de vinte, de graça. Veja também o vocábulo *santa*.

Como mãe, é meu trabalho cuidar do possível e confiar em Deus com o impossível.

— RUTH BELL GRAHAM.



Nheeeeeec. Nheeeeeec. Nheeeeeec. Nheeeeeec.

Era o barulho que fazia a velha gangorra de madeira no parquinho do bairro, no beco sem saída de nossa rua numa pequena cidade. A tinta verde-claro estava descascando, e os mecanismos de metal precisavam desesperadamente de óleo, mas as crianças não estavam nem aí para isso. Elas desfrutavam o momento com alegria. Para cima. Para baixo. Para cima. Para baixo.

Nheeeeeec. Nheeeeeec. Nheeeeeec. Nheeeeeec.

Algumas amigas e eu (Karen) tínhamos nos encontrado para passar uma tarde com as crianças. Era um dia frio de outono e as folhas de cores vibrantes se seguravam nos galhos antes de serem sopradas no ar revigorante daquela estação. Enquanto as crianças brincavam no balanço, no gira-gira e em outros brinquedos, nós, as mães, aproveitávamos para bater um papo.

Minha primeira filha tinha nascido no fim da primavera. E agora ali estava ela, toda agasalhada, tirando sua soneca da tarde no carrinho. As outras mães tinham bebês e também filhos mais velhos. Algumas já tinham quase meia dúzia de filhos.

Os tópicos eram diversos: horários de dormir, a melhor marca de fraldas, o que fazer para aliviar uma dor de ouvido... (Ligar para o pediatra? Colocar óleo de alho no ouvido da criança?) Algumas mães de crianças mais velhas discutiam sobre o que fazer quando o filho tinha arrumado encrenca com outra criança na escola ou na igreja. E, é claro, falávamos sobre casamento — como encontrar tempo para fazer do relacionamento conjugal uma prioridade quando parecia que toda energia física e emocional era sugada de nós ao longo do dia simplesmente por sermos mães.

Eu ficava ali sentada, absorvendo tudo. Como mãe de primeira viagem, estava desesperada para desempenhar meu papel direito. E, mais do que isso, eu tinha certeza de que já sabia como fazer tudo certo. Afinal, sou bastante observadora. E posso ter uma opinião bastante forte. Quando eu combinava minha observação com o que achava que era a visão certa, tinha certeza de que se apenas fizesse todas as coisas certas desde o início, meus filhos se tornariam maravilhosos. E eu era um pouco crítica em relação àquelas mães que eu encontrava cujos filhos não pareciam estar sendo “criados certo”.

Apesar de ser mãe há apenas quatro meses, eu estava confiante. Bem, pelo menos era o que aparentava. Para ser sincera, às vezes minha mente secretamente migrava para um lugar amedrontador. Será que estou fazendo isso direito? Meus filhos estão sendo criados do jeito certo? Estou fazendo as escolhas corretas sobre o modo como eu os estou criando? E a maneira

como os estou alimentando? E disciplinando? Mas raramente eu baixava a guarda, expondo minhas inseguranças ou confessando minhas dúvidas. Não. Por fora eu era calma, relaxada, tranquila e confiante. No entanto, dentro de minha mente, de vez em quando eu tinha de levantar meu moral para lembrar que eu sabia o que estava fazendo.

Eu tinha uma porção de outras crenças a respeito da maternidade em geral. Algumas delas eu havia reunido por meio da observação. Outras refletiam meus desejos. Outras crenças tinham chegado a mim por intermédio de outras mães. E outras, ainda, lendo as páginas de um livro famoso sobre criar filhos. Todas essas crenças aderiram à minha impressionável mente de mãe e afetaram não apenas minha perspectiva sobre a maternidade como também meu comportamento. Porém, o mais importante: adivinhe o que descobri sobre essas crenças?

Todas elas estavam completamente erradas.

Os mitos da maternidade

Tais crenças são os mitos da maternidade, que nos deixam confusas. Que nos enganam. Que nos fazem sentir desanimadas e derrotadas. Que evitam que formemos relacionamentos profundos e significativos com outras mães porque sentimos que não correspondemos às expectativas. Que nos atormentam com pensamentos errôneos a respeito de nós e de outras mães. Ou que dão origem a sentimentos negativos em relação aos nossos filhos e ao comportamento deles.

Estes são os mitos da maternidade que, juntas, vamos explorar e analisar:

- ✿ Ser mãe é algo natural, fácil e instintivo
- ✿ Meu jeito de ser mãe é o jeito certo (e único)
- ✿ Sou “só” mãe

- ✿ A maternidade nos consome totalmente e nos satisfaz plenamente
- ✿ Uma boa mãe consegue fazer tudo, e ao mesmo tempo
- ✿ A maternidade é uma competição
- ✿ A maternidade é fruto do acaso
- ✿ Tudo depende de mim
- ✿ Tenho de fazer tudo certo, se não meu filho vai “sair errado”
- ✿ A escolha ruim de meu filho quer dizer que sou uma mãe ruim

Não duvido que você possa acrescentar os próprios mitos, pois não é fácil ser mãe. Com certeza há aspectos da maternidade que são absolutamente prazerosos, em que as peças do quebra-cabeça se encaixam facilmente e nos fazem sorrir. Ser mãe é uma alegria muito, muito profunda. Nossos filhos muitas vezes nos deixam orgulhosas. Mas nem todos os fatos relacionados com a maternidade são agradáveis e nos fazem rir. Uma boa parte de nosso papel de mãe é extremamente desgastante. E até preocupante. Assim, as camadas de nosso coração podem começar a descascar, expondo nossas feridas à medida que balançamos na gangorra da maternidade. Para cima e para baixo. Para cima e para baixo.

Nheeeeeec. Nheeeeeec. Nheeeeeec. Nheeeeeec.

Esse é, com frequência, o som do coração de uma mãe enquanto segue pela vida aos trancos e barrancos. E somente Jesus pode tornar essa jornada mais suave, uma vez que ele nos permite ganhar sua perspectiva, substituindo os mitos pela verdade de sua Palavra.

Você não está sozinha

Mães de todo o mundo compartilham um elemento comum: num momento se sentem capazes, mas no momento seguinte tudo desaba. Perguntamos a mais de trezentas mães se elas tinham ideias preconcebidas do que seria a

maternidade. Surpreendentemente, 83% disseram: “Sim, com certeza!” Todas elas comentaram que tais ideias preconcebidas estavam completamente erradas. Fosse por meio do julgamento de outras mães antes delas se tornarem mães ou apenas do mundo ideal de maternidade que elas criaram em suas mentes, havia um ponto em comum entre nossas irmãs de pesquisa: um sonoro refrão com sentimentos de solidão, cansaço e decepção foi manifestado por essas mulheres. Basicamente, o seguinte: ser mãe não era o que elas esperavam e se sentiam pegadas de surpresa, completamente despreparadas para essa realidade.

Sarah C. compartilhou o que muitas mães sentem: “Não sou a mãe que eu imaginava que ia ser. É tão difícil executar todas as ideias que eu tinha na cabeça. A maternidade é muito mais árdua do que eu podia imaginar.”

Com certeza, Sarah não estava sozinha. Esse sentimento apareceu repetidas vezes.

Cindy B. disse:

Naturalmente, eu ia ser como minha mãe... Nos anos 1960, meu pai viajava seis dias por semana, deixando a mim, com quatro anos, e a meus irmãos gêmeos, que tinham um ano, para minha mãe criar sozinha. Depois de ter três filhos, ela era magra, estonteante e perfeita. Estava sempre com tudo no lugar, o cabelo arrumado, maquiada e uma roupa bonita que cabia direitinho em seu corpo perfeito. Todas as fotos dela pareciam com as de uma boneca Barbie, inclusive nossa casa, que era perfeita e imaculada 24 horas por dia. Até hoje, sinceramente, não sei como ela conseguia. Não foi uma fase. Ela ainda é assim com seus setenta anos. Avançando 25 anos, eu não conseguia entender, com apenas um bebê por vez, o que estava fazendo de errado. Por que eu estava tão exausta o tempo todo? Por que chorava por qualquer bobagem? Eu tinha nascido para ser mãe, certo? Quando criança, podiam me perguntar o que eu queria ser quando crescesse que respondia sem hesitar: “mamãe”. Aparentemente, eu estava fazendo alguma coisa errada. Num dia bom, meu cabelo estava escovado; num dia excelente, eu conseguia escovar os dentes! Um banho de cinco minutos era um luxo (infelizmente para meu marido, não era um luxo diário), mas, na verdade, secar meu cabelo não era. Era para eu vestir minha calça jeans *skinny*, como minha mãe, mas, para meu choque, ainda estava usando minha calça de moletom da gravidez e parecia grávida de seis meses! O sono me escapava, assim como uma explicação de

por que eu tinha alcançado meu sonho de ser mãe e estava claramente me saindo tão mal no papel. Questionava cada escolha feita, porque, certamente, eu não me conhecia! Aquela pobre nenê inocente tinha entrado numa fria ao me ter como mãe. O que seria dela, e como eu ia consertar tudo e me tornar uma mãe DE VERDADE, assim como Laura Petrie, Carol Brady e Ma em *Os pioneiros*?

Então, como abordamos a maternidade com uma visão “certa”? Como nos livramos dos mitos que têm nos enganado de forma tão cruel?

Criando o mosaico da mãe

Era uma tarde de outono fresca e clara, com o céu azul da cor do oceano e nuvens brancas e fofas que pareciam algodão dançando no ar. Minhas (da Karen) três crianças pequenas, todas no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, não fizeram o típico drama de sempre para se vestir e pôr os sapatos naquela manhã. O motivo da colaboração? Era dia de excursão.

Várias famílias foram a uma exposição de arte a cerca de uma hora de distância. Excursões eram divertidas — significavam passar tempo com os amigos e aprender algo novo. E meus filhos adoravam embrulhar o almoço para comer com os colegas quando a parte educacional do dia chegava ao fim.

À medida que eu passeava pela galeria via muitas criações incríveis. Havia vibrantes telas de pintura a óleo, peças de cerâmica feitas de argila comum, objetos artesanais de vidro brilhante e colagens compostas de elementos encontrados na natureza, tais como madeira, pedra e conchas. Mas o que mais me chamou a atenção foi um mosaico de tirar o fôlego que ocupava um espaço enorme na parede do museu.

O mosaico como obra de arte é uma criação bastante inteligente. Centenas de peças de vidro colorido, de pedra ou de outros materiais, aparentemente quebradas, são coladas juntas sobre uma superfície, criando uma montagem de cores. Embora cada peça individual não seja nada

espetacular, quando estrategicamente arranjadas combinam-se para criar uma imagem impressionante.

Se você der um passo para trás e contemplar um mosaico em sua totalidade, um retrato emerge. Talvez seja uma cena da natureza: por exemplo, uma paisagem com colinas com o pico coberto de neve ou um oceano azul-profundo com peixes coloridos nadando. Talvez seja uma figura contendo vários arranha-céus ou edifícios históricos. Mas, em geral, um mosaico é criado para retratar uma ou mais pessoas.

Muitas de nós formamos na mente o mosaico da mãe perfeita. Ao longo de nossos anos crescendo e nos tornando adultas, reunimos peças minúsculas de vidro colorido que, mentalmente, arranjamos para formar um retrato do que pensamos que uma boa mãe deveria ser. Quando damos um passo para trás e contemplamos a imagem que formamos, ela também pode nos tirar o fôlego, ou seja, deixar-nos ofegantes à medida que corremos para tentar replicar a imagem em nossa vida.

Em sua infância, havia uma mãe no seu bairro que sempre trazia biscoitos frescos e limonada para as crianças do quarteirão?

Clique.

Você depositou no banco de dados de sua mente que uma boa mãe faz isso sem esforço e com alegria.

Alguma de suas amigas do Ensino Médio tinha uma mãe que não somente comparecia aos eventos escolares da filha como ocupava uma posição importante no mundo corporativo?

Clique.

Mais uma característica guardada. É claro que você adquiriu a forte impressão de que uma boa mãe deve tanto trazer o toucinho para casa como fritá-lo na panela.

Você coletou mais uma peça de vidro colorido para o mosaico de sua mente quando, como mãe de primeira viagem, estava tendo dificuldade para manter seu filho de dois anos quieto na igreja, mas, algumas fileiras adiante, se encontravam sentados uma mãe e seus seis filhos que não mexiam um músculo sequer durante o culto inteiro. Isso a fez pensar que

uma boa mãe deve saber como manter seus filhos quietos enquanto o pastor prega.

Você visitou a casa de uma nova amiga que tem filhos em idade aproximada dos seus? A casa dela não era apenas decorada com bom gosto, mas também limpa e arrumada? Sua mente voltou para a cena em que você deixou sua casa naquela manhã: a louça suja do café da manhã ainda na mesa, marcas de geleia sobre o balcão e uma trilha de migalhas no chão que fariam João e Maria gritarem de empolgação. Pilhas de louça por lavar. Poeira por todo lado. Pasta de dente na pia do banheiro. E brinquedos espalhados bem longe da caixa de plástico que é seu local de moradia.

Peça por peça, fizemos em nossa imaginação um impressionante mosaico do que exatamente uma mãe deve ser. Mas há um pequeno detalhe que ignoramos com relação a retratos de pessoas em mosaico: *eles não são reais*.

Embora um mosaico real possa ser adorável de se apreciar durante um passeio numa galeria de arte, o mosaico fictício da maternidade é uma vista terrível para uma mãe que está buscando o seu melhor para realizar esse ofício.

Mas não são apenas nossos encontros “na vida real” com outras mulheres, aparentemente capazes e competentes, que nos tornam tentadas a criar em nossa mente uma imagem não realista. Uma breve caminhada ao longo da história recente ilustra as mensagens confusas alimentadas às mães. Imagens da mãe perfeita em tempo integral, da mulher livre pensadora e liberdade de pensamento livre e da mãe dedicada à carreira. Há muitas mães entre as quais escolher — e por intermédio das quais se tornar confusa!

O fim dos anos 1950 e início dos anos 1960 deram origem a um seriado televisivo de comédia, *Foi sem querer*, que apresentava “Beaver”, um menino simpático em idade escolar que estava sempre se envolvendo em confusões ou aventuras. Sua mãe? June Cleaver era o retrato supremo da mulher naquelas décadas. Ela era a dona de casa ideal — sempre adequada,

sábria e confiável, o retrato da mãe perfeita. Em vários aspectos, ela era um mosaico da maternidade que ganhou vida na tela da televisão!

O fim da década de 1960 e a década de 1970 assistiram a uma tremenda mudança na sociedade. Antigas visões a respeito da sexualidade, do comportamento e dos papéis desempenhados pelo homem e pela mulher estavam passando por uma “revolução”. June Cleaver parecia, então, uma mulher e mãe que tinha emergido das páginas distantes e empoeiradas da história. Durante anos, foram negados às mulheres certos direitos e oportunidades. Buscando igualdade e tratamento justo, a mulher daquela época era adepta do livre-pensamento, livre e progressiva. O seriado de comédia *A família Dó-Ré-Mi* exhibe essa mudança. Uma mãe viúva, Shirley, não apenas cria seus cinco filhos sozinha, ela também trabalha como líder de um grupo musical composto pelos membros da família. Eles viajam num ônibus boêmio, apresentando-se para multidões de adolescentes histéricos. Juntamente com a gestão de sua carreira, ela tinha de lidar com a gangorra da maternidade, incluindo os desafios e as travessuras. E Shirley parecia fazê-lo com calma.

E então vieram os anos 1980 e 1990. O popular *Cosby Show* retratava ambos, o marido e a esposa, como provedores da casa. Não mais era apenas o marido que trabalhava fora de casa; em muitos casos, a mãe também o fazia. A mensagem durante esse período era de uma mulher com uma carreira competente e capaz (*hello*, imperturbável Clair Huxtable!) que ainda gerenciava facilmente a maioria das responsabilidades maternas. O que estava implícito era “você pode e deve ter tudo”!

Havia também as anti-heroínas, as mães “realistas” criadas como uma forte reação a todas essas mulheres perfeitas. Veja Roseanne e Debra Barone em *Everybody Loves Raymond*. Em vez de agradar à família com jantares caseiros deliciosos, elas queimam a comida e despejam grandes quantidades de sarcasmo e raiva sobre seus maridos “sem noção”.

A partir do ano 2000, com o advento da internet e das mídias sociais, como o Facebook, a mãe incrivelmente organizada, criativa, extremamente espiritual, e qualquer outro tipo de mãe imaginável, migrou *on-line* e

desenvolveu dez mil faces. Não apenas sua melhor amiga, mas também aquela ex-colega do Ensino Médio, a mulher que você conheceu na escola dominical e a blogueira de quem você é seguidora estão todas agora evocando imagens da maternidade aparentemente perfeitas dez vezes por dia (ou com a mesma frequência que você acessa o Facebook, o Pinterest ou o Instagram).

Para onde nos levam todas essas imagens da maternidade? Como as mulheres de hoje podem não estar meio confusas sobre o que devem fazer ou ser? A discussão sobre o que é ser mulher e mãe continua. Somente esses breves e gerais períodos da história já nos ajudam a enxergar por que é tão difícil entendermos quem nós somos como mães. As mensagens de nossa cultura têm sido não apenas conflitantes, mas também confusas. Então, se você está se sentindo um pouco perplexa, há bons motivos para isso! Formamos uma imagem conflitante em nossa mente, proveniente de pessoas que conhecemos — ou que espiamos na televisão ou na internet —, sobre como exatamente uma boa mãe se comporta.

Padrões bíblicos sobre as atitudes de uma boa mãe

Não vamos ser precipitadas culpando a sociedade em geral, ou a internet, ou a televisão em particular, de nos levar a criar uma imagem da perfeição em nossa mente. Às vezes, nossa linha errada de pensamento pode ser rastreada ao elevado padrão de uma das mulheres mais famosas da Bíblia: a mulher que encontramos em Provérbios 31.

É claro que todas as Escrituras são inspiradas por Deus. A Bíblia é útil para nos ensinar e treinar e nos ajuda a corrigir nosso comportamento (2Tm 3:16). Capacita-nos a buscar a piedade e a permanecer longe do mal. As Escrituras são perfeitas; no entanto, pessoas imperfeitas podem dar certa — e errônea — interpretação a elas. Às vezes, fazemos isso para sustentar uma opinião que desesperadamente tentamos expressar. Outras, estamos simplesmente repetindo o que nos ensinaram no passado sobre uma

passagem específica da Bíblia. E, por vezes, as vozes de pregadores e professores do passado ecoam nas câmaras de nossa mente, e somos incapazes de ver uma passagem de outra maneira que não daquela que nos ensinaram.

E a mãe de todas as passagens? (Sim, trocadilho intencional.) É a mulher que encontramos em Provérbios 31.

Ela é icônica, fazendo uma entrada em quase todos os Dias das Mães na igreja ou, ocasionalmente, num blog popular das mães cristãs de hoje. Ela é colocada num pedestal. Louvada por tudo o que faz. Olhamos para todos os 22 versículos do Antigo Testamento e nos perguntamos se aquela mulher dormia. (Não a vemos tomando café, mas sem chances que ela conseguia realizar todas aquelas tarefas sem uma boa xícara!)

Vamos fazer uma pausa e ler sobre ela nos versículos reproduzidos a seguir. Veja se você não fica um pouco cansada só de pensar em tudo que ela parece realizar, da aurora ao anoitecer.

10 Uma esposa exemplar; feliz quem a encontrar!

É muito mais valiosa que os rubis.

11 Seu marido tem plena confiança nela

e nunca lhe falta coisa alguma.

12 Ela só lhe faz o bem, e nunca o mal,

todos os dias da sua vida.

13 Escolhe a lã e o linho

e, com prazer, trabalha com as mãos.

14 Como os navios mercantes,

ela traz de longe as suas provisões.

15 Antes de clarear o dia, ela se levanta,

prepara comida para todos os de casa,

e dá tarefas às suas servas.

16 Ela avalia um campo e o compra;

com o que ganha planta uma vinha.

- 17 Entregue-se com vontade ao seu trabalho;
seus braços são fortes e vigorosos.
- 18 Administra bem o seu comércio lucrativo,
e a sua lâmpada fica acesa durante a noite.
- 19 Nas mãos, segura o fuso
e, com os dedos, pega a roca.
- 20 Acolhe os necessitados
e estende as mãos aos pobres.
- 21 Não teme por seus familiares quando chega a neve,
pois todos eles vestem agasalhos.
- 22 Faz cobertas para a sua cama;
veste-se de linho fino e de púrpura.
- 23 Seu marido é respeitado na porta da cidade,
onde toma assento entre as autoridades da sua terra.
- 24 Ela faz vestes de linho e as vende,
e fornece cintos aos comerciantes.
- 25 Reveste-se de força e dignidade;
sorri diante do futuro.
- 26 Fala com sabedoria
e ensina com amor.
- 27 Cuida dos negócios de sua casa
e não dá lugar à preguiça.
- 28 Seus filhos se levantam e a elogiam;
seu marido também a elogia, dizendo:
- 29 “Muitas mulheres são exemplares,
mas você a todas supera”.
- 30 A beleza é enganosa, e a formosura é passageira;
mas a mulher que teme o Senhor será elogiada.
- 31 Que ela receba a recompensa merecida,
e as suas obras sejam elogiadas à porta da cidade.

Tudo bem. Vamos por partes. Essa mulher parecia ser incrível.

Como esposa, ela tinha a confiança do marido, fazendo-lhe “o bem, e nunca o mal, todos os dias da sua vida”. Você entendeu isso? Todos os dias de sua vida (versículos 11-12).

Com certeza, ela era uma Amélia, com todo esse papo de lã e linho e que nas mãos segurava o fuso e fazia vestes de linho para sua família vestir no inverno. Além disso, fazia cobertas para a cama e ainda tinha tempo de se vestir de linho fino e de púrpura (versículos 13, 19, 21 e 22).

Ela se levantava cedo e ficava acordada até tarde (versículos 15 e 18).

Era uma compradora esperta. Obtinha comida (versículo 14) e comprou um campo (versículo 16). E não ia simplesmente ao mercado mais próximo. Ela se esforçava para atravessar a cidade e trazer as provisões “de longe”. E o tal do campo? Parece que ela o usou para gerar lucro, talvez vendendo os frutos da vinha que plantou.

Ela arrumava tempo para ajudar os necessitados (versículo 20) e ainda tinha espaço para passar na academia e esculpir seus braços (versículo 17).

Tudo bem. Talvez seja um exagero.

Embora o texto não diga nada sobre seu método de criar os filhos ou quais livros de autoajuda cristãos ela leu para fazer seu bebê com cólica dormir à noite, ou seu filho teimoso obedecê-la logo na primeira vez, ou ainda sua filha adolescente fazer a lição de casa voluntariamente, estamos certas de que ela foi premiada com uma sabedoria fora do comum. Afinal, de que outra forma seus filhos se levantariam e a elogiariam (versículo 28)? Ela não deve ter cometido nenhum erro na criação dos filhos.

Obviamente, o marido também tinha ótimas coisas a dizer de sua esposa. Ele a louvava. As autoridades da cidade até pareciam admirá-la (versículos 23 e 31).

Ela não tinha preguiça (versículo 27). Não era uma mãe que gritava com os filhos, mas conversava com eles com paciência e amor (versículo 26).

Se já existiu uma Mulher-Maravilha, com certeza foi ela.

Ou não?

Mulher-Maravilha ou heroína enganada?

Ao lermos as Escrituras é importante não somente lembrarmos-nos do conteúdo, mas também do contexto. Também temos de tomar cuidado para não a lermos com nossos olhos modernos e apenas com nossa cultura atual em mente certas descrições do que uma pessoa fez naquela época. Temos de entrar numa cápsula do tempo e retroceder àquela época para desenterrar a verdadeira figura de alguém que fez o que lemos que elas fizeram.

Quando temos um vislumbre de tudo o que a mulher em Provérbios 31 fazia para servir e prover sua família, pode parecer exaustivo. Ela fazia as coisas à mão. Era responsável pela comida e pelo vestuário e ainda tinha tempo para ter um ministério fora de suas quatro paredes. Só porque essa mulher em particular fazia roupas e colchas para sua família, isso quer dizer que temos de fazer o mesmo?

Talvez, na época em que vivia e na faixa de renda em que se enquadrava com o marido, ela não tivesse outra escolha a não ser costurar as próprias roupas e fazer a própria colcha. Precisamos olhar para o que ela fazia e imitá-la? E se ela era de uma família rica, como foi observado por estudiosos da Bíblia, uma vez que no versículo 15 descobrimos que ela tinha ajuda doméstica? Talvez ela tivesse tempo livre e gostasse de costurar. Talvez seja isso! Todas as tardes, ela examinava o conteúdo do Pinterest da época e, depois, ia costurar para passar o tempo.

Será que devemos selecionar os versículos que mencionam essa mãe costurando e deduzir que nós também devemos costurar roupas para nossa família e tecer colchas para a cama? Ou que a maior lição é o fato de que ela passava seu tempo certificando-se de que sua casa estava devidamente decorada e que seus filhos tinham roupas adequadas para vestir?

Também é útil para nós a informação de que os versículos nesse capítulo 31 de Provérbios foram escritos em forma de acróstico. Meu pastor do Ensino Médio explicou isso quando eu era adolescente e achei fascinante.

Acróstico pode ser definido como um poema, um quebra-cabeça de palavras ou outra composição em que certas letras em cada frase formam uma palavra ou mais. No caso da descrição encontrada em Provérbios 31:10-31, cada frase começa com uma letra diferente do alfabeto hebraico. Alguns estudiosos acham que isso foi feito para facilitar a memorização desse poema de louvor. Assim, ele poderia ser facilmente recitado em voz alta. Na verdade, a tradição judaica é que os homens recitem esse acróstico como forma de louvar as mulheres em sua vida — muitas vezes, o marido para a esposa — e, normalmente, nas noites de sexta-feira antes do jantar do Shabbat.

Pode ser que haja outra forma interessante de avaliarmos a passagem, exceto como uma lista de todas as ações que qualquer uma de nós que queira ser uma boa esposa e mãe deve executar num período de 24 horas. Talvez, na verdade, fosse uma oferta de louvor a respeito de uma mulher específica de um homem específico. A maioria dos estudiosos do judaísmo e do cristianismo concorda que a pessoa que escreveu Provérbios 31 foi ninguém mais ninguém menos que o rei Salomão. No início do capítulo, ele é identificado como rei Lemuel. O rei Salomão também era conhecido por esse nome. Eles eram a mesma pessoa. E quem era a incrível mãe sobre quem ele escreveu?

A mãe de Salomão era Bate-Seba. Sim. A mesma Bate-Seba, se você não conhece a história, que foi espionada pelo rei Davi, enquanto ela se banhava e ele estava sobre o telhado. O rei decidiu que ele simplesmente tinha de ter aquela mulher — aquela (ahã!) mulher casada — como sua esposa! Então, ela se meteu numa confusão de adultério, assassinato e tudo quanto foi escândalo. Ainda assim, poderia ser exatamente a mulher a quem o escritor de Provérbios 31 louvou.

Como é possível?

Pense em escrever um cartão de aniversário para alguém. Talvez não fôssemos tão criativas a ponto de criar um acróstico e só colocássemos nossos pensamentos num pedaço de papel ou escrevêssemos na timeline do Facebook tudo que amamos nessa pessoa.

Será que incluiríamos as partes feias da vida dela? Seus erros? As vezes que ela deu com os burros n'água? É claro que não. Escolheríamos as melhores características dessa pessoa. As coisas que ela fez, desde que a conhecemos, que se destacaram aos nossos olhos. Os atos memoráveis. E honráveis. E nobres.

No fim do poema de louvor, se o lermos em sua totalidade, talvez pareça que nossa amiga aniversariante fez todas essas coisas maravilhosas no mesmo dia. É evidente que ela não as fez. É um retrato instantâneo da vida dela. Os destaques. As partes que você gostaria de mencionar no Facebook ou incluir em um cartão de aniversário escrito à mão.

Só as partes boas.

É mais ou menos assim que devemos entender o capítulo 31 de Provérbios. Nós não lemos o que havia nas entrelinhas.

Quando lemos que ela só faz ao marido o bem e nunca o mal todos os dias da sua vida, talvez nos pareça um padrão que jamais poderemos alcançar. Mas também temos de pensar sobre o que cada versículo não diz. Esse versículo não diz que ela faz ao marido o bem e não o mal todos os dias da sua vida, em cada momento de cada dia. É claro que deve ter havido ocasiões em que ela falhou ou perdeu a paciência. Se ela nunca o fez, bem... então ela seria perfeita. E sabemos que a única pessoa perfeita que já caminhou sobre a superfície da Terra foi Jesus.

Vamos parar de usar a imagem da perfeição que tem sido perpetuada durante décadas, talvez até séculos, sobre essa esposa e mãe. Ela era uma mãe fabulosa? Parece que sim. Mas uma coisa ela não era — perfeita. Ela ainda tinha momentos ruins. Ela ainda tinha defeitos. Ela ainda tinha pontos fracos em sua personalidade, e talvez até físicas. (Pensamos que ela até lutava contra celulite no quadril, uma vez que somente seus braços fortes foram mencionados!)

Perfeita ou aperfeiçoada?

Nós, mães, nunca vamos conseguir fazer tudo perfeito. Nem nossa casa. Nem nosso método de disciplinar os filhos. Nem nossa comida. Nem nossos horários.

Quando mantemos esses mosaicos míticos da perfeição como objetivo, estamos nos sabotando para o fracasso garantido. Precisamos parar de buscar a aparência da perfeição. (Sim, a aparência da perfeição. Verdadeira perfeição não existe.) Em vez disso, devemos começar a buscar Jesus Cristo.

Somente Jesus pode nos ajudar a nos livrar das mentiras e a abraçar a verdade. Só um relacionamento com ele pode nos ajudar a nos tornar mães melhores. Ele não faz isso permitindo que sejamos perfeitas, mas possibilitando-nos ser aperfeiçoadas.

Ser aperfeiçoada significa tentar ser mais semelhante a Cristo. Deixamos a Palavra de Deus habitar ricamente em nosso coração e, então, buscamos obedecer àquilo que ela diz. Aprendemos com os exemplos das mulheres da Bíblia, tanto os bons como os ruins, e permitimos que as lições difíceis que elas aprenderam sirvam como advertência para nós hoje. Abdicamos da corrida para replicar a experiência da maternidade de outra pessoa e, em vez disso, apertamos nosso cinto de segurança e nos preparamos para a jornada singular a que Jesus nos levará na experiência da maternidade.

Por meio de cada alegria. De cada provação. De cada momento de orgulho e de decepção desanimadora. Buscamos aprender a lição que Cristo tem para nós em cada momento. Paramos de olhar para outras mães — seja do passado ou do presente, na vida real ou em algum tipo de tela — e fixamos nosso olhar em Jesus, o autor e consumidor da nossa fé (Hb 12:2).

Mais importante ainda é que paremos de acreditar nas mentiras. Ah, são tantas! E todas essas mentiras servem apenas para nos desviar em nossa busca de piedade e graciosidade. Precisamos parar de nos apegar às mentiras e começar a viver na verdade. Mas, às vezes, o problema é que estamos acreditando — e, em essência, vivendo — na mentira sem estarmos

cientes disso. Assim, nosso passo inicial para quebrar esse ciclo terrível — buscando a perfeição com base numa porção de mitos e fracassando terrivelmente, apenas para nos torturarmos, chorarmos um pouco (ou muito), nos levantarmos e tentarmos perseguir a perfeição novamente — é conhecer as mentiras em que, conscientemente ou inconscientemente, estamos acreditando.

Sim. Exponha-as. Destrua-as. Substitua-as pela verdade.

Você está pronta para começar a entender os mitos nos quais tem acreditado? Como se dá com toda mentira, há sempre um elemento de verdade. Então, precisamos ter discernimento. O inimigo nos engana. Esses mitos nos quais acreditamos são verdades sutilmente distorcidas. O teólogo Charles Spurgeon disse muito bem: “Discernir não é saber a diferença entre o certo e o errado. É saber a diferença entre o certo e o quase certo”. Alguns desses mitos têm base na verdade, mas ainda são errados. E eles podem atrapalhar seu desempenho como mãe das piores formas.

E aí, você está pronta para começar a descobrir a verdade profundamente enterrada em algumas dessas mensagens que, na realidade, são mitos?

Hoje pode ser o seu primeiro dia, o seu primeiro passo em direção à uma caminhada mais bem iluminada. A jornada começa agora. Não é tarde demais, não importa onde você esteja para começar a andar na luz da Palavra de Deus. A maternidade não tem de nos deixar tropeçando no escuro. Temos um Líder que nos mostrará o caminho.

Chega de mitos. Chega de mensagens conflitantes. Chega de imagens e ideais de mulher e mãe perfeitas.

Você está cansada de ser enganada? Hoje é o dia em que podemos todas começar a dizer “Corta essa!” Junte-se a nós, enquanto desvendamos os dez mitos que nos enganaram, para que possamos parar de acreditar nas mentiras e viver a verdade.

CAPÍTULO 2

Primeiro mito: ser mãe é algo natural, fácil e instintivo

Mãe é um verbo, e não um substantivo.

— AUTOR DESCONHECIDO.



“Não consigo continuar. Simplesmente, não posso continuar a fazer isso”, eu (Ruth) disse para minha amiga.

Estava sentada no carro parado, o telefone pressionado em meu ouvido. Era o único lugar onde eu podia ter um pouco de privacidade — e consolo. Tinha acabado de ter um aborto espontâneo pela quinta vez, a última de nove gestações. Meu coração estava despedaçado, e meu corpo, cansado.

Quatro lindas crianças exigiam minha atenção em casa. Internamente, eu lutava — com as demandas incessantes de meus filhos, com a dor dos abortos espontâneos pelos quais passei e com a contínua responsabilidade que vem com a maternidade.

O período pelo qual eu estava passando não era como visualizara: todos aqueles momentos perfeitos de mães abraçando seus filhos, uma casa arrumada que poderia passar por uma severa inspeção e ser aprovada e uma

torta que acabou de ser tirada do forno. Eu tinha certeza de que mães desse tipo existiam, mas elas não moravam em meu bairro.

Minha experiência até ali como mãe não era exatamente a que eu tinha imaginado durante minha infância com minha avó.

Vovó sempre parecia estar no controle de tudo. Além de alegre, ela era também calma e equilibrada. Sua casa, segura e confortável, parecia ideal: ar-condicionado no verão, carpete macio que acariciava os pés, sabonete com hidratante no banheiro, biscoitos da melhor marca, um passeio em volta do quarteirão depois do jantar e, à noite, episódios fascinantes da série *Assassinato por escrito*. Tudo parecia perfeito, inclusive a vovó.

Logo, não é de admirar que o exemplo dela tenha sido o que despertou em mim o forte desejo de ser mãe.

Depois do meu primeiro filho, aos 23 anos, fiquei completamente apaixonada por aquele “pacotinho de alegria”. Passava os dias com tranquilidade, sem me preocupar com nada. Ele era o filho perfeito, e eu tinha certeza de ter algo a ver com a ótima mãe que ele possuía! Ele tinha somente um mês de vida e eu adorava ser mãe. Era fácil.

Então veio nossa filha. Ela era linda, e agora havia uma bonequinha para eu enfeitar. Ainda me lembro dela, adorável, dormindo no bercinho que tinha sido feito por uma amiga especialmente para ela. Enquanto ela dormia em paz, eu cuidava da casa e do nosso filho mais velho. Eu estava indo bem na jornada de ser como minha avó.

E aí? Bem, como dizem, a vaca começou a ir para o brejo! A cada gravidez os enjoos pareciam piorar. Quando fiquei grávida de nosso terceiro filho, eu estava na quinta gestação, contando os dois abortos espontâneos que tinha sofrido. Eu estava oficialmente esgotada. Tentava me animar para enfrentar tudo numa boa, mas nunca durava muito!

Ter o quarto filho não foi muito diferente de ter o terceiro. Quando fui me dar conta, estava exausta, com quatro crianças pequenas em casa e meu sonho de “maternidade tranquila” lançado pela janela. Não era tranquila. Perfeita? Nem um pouco. Quem eu estava tentando enganar? Não havia nada que levantasse meu ânimo.

Não que eu estivesse pronta para desistir de ser mãe. Só precisava do que toda mãe precisa — da verdade sobre a maternidade. Eu tinha sido enganada. Ser mãe tinha parecido tão natural, fácil e instintivo, mas não era. Nem um pouco.

Todas entramos na maternidade com nossos cenários planejados. Talvez você tenha planejado um parto natural, mas acabou pedindo anestesia ou foi obrigada a fazer cesárea. Eu esperava que a amamentação fosse fácil, mas foi tão difícil que chorei várias vezes até aprender essa arte. E o desfralde? Jurei que ia treinar meus filhos quando completassem dois anos, até que caí na real e tive de sucumbir a um método muito mais fácil, o de esperar que fizessem três anos.

Por que a maternidade deveria ser diferente?

Quando você para e pensa, o que na vida é de fato natural, fácil ou instintivo? Com certeza, a única coisa que fazemos sem pensar é respirar! Não saímos do ventre equipadas com sabedoria e experiência. Viemos ao mundo como estrangeiros que têm de descobrir as coisas à medida que crescem.

Se você é uma mãe que trabalha fora, é provável que tenha um conjunto de habilidades que demorou um tempo para desenvolver. Você estudou por vários anos, possivelmente incluindo pós-graduação, para adquirir as habilidades necessárias para ser bem-sucedida no mercado de trabalho. Com certeza, não acordou numa manhã na posse de todas as ferramentas necessárias para sua ocupação!

Ou talvez você cozinhe muito bem. É provável que seus pais ou seus avós lhe transmitiram valiosas dicas e técnicas gastronômicas, ingredientes e receitas. Você simplesmente não entrou na cozinha e logo soube cortar uma cebola, preparar um frango, fazer massa de pão ou até ligar o forno!

Mesmo para pessoas que têm um dom ou talento natural é necessário desenvolver essa habilidade. Nasci com talento para música e, até onde vai

minha memória, estava envolvida em solos, corais, recitais e quase tudo relacionado com a música. Fiz aulas de canto por vários anos. Até durante a faculdade, cultivei uma habilidade natural que Deus tinha me dado — mas não foi fácil!

Por que pensamos que na maternidade seria diferente? Quer falemos de amamentação, desfralde, disciplina, escola ou horários, não entramos no mundo automaticamente como especialistas em todos os aspectos da maternidade. Como seria bom se fosse assim!

Muitas mulheres têm a sorte de crescer com ótimos exemplos em casa. Até com um ótimo exemplo, a verdade é que assistir a algo e fazê-lo são duas coisas diferentes! A maternidade, embora às vezes seja natural e instintiva, nunca é fácil. E se tornar uma mãe sábia pode ser incrivelmente difícil.

Sabedoria requer esforço

Resumindo, sabedoria requer esforço. Até Jesus, Deus encarnado, teve de crescer em “sabedoria e estatura” (Lc 2:52). A Bíblia, especialmente Provérbios, nos diz que precisamos nos esforçar para ganhar habilidades para viver.

Escrito da perspectiva de um pai que transmite sabedoria ao filho, o livro de Provérbios contém conselhos piedosos sobre os relacionamentos, o falar, o trabalho árduo, a pureza e outras coisas. O propósito do livro não é simplesmente reunir informações; tem a ver com adquirir habilidades para viver — sabedoria.

Esse é justamente o significado da palavra hebraica para sabedoria, *chokmah* — habilidade. Quando o tabernáculo estava sendo construído, Deus ordenou que todas as mulheres “que tinham habilidades” tecessem vestes para os sacerdotes (Êx 35:25-26). Essa expressão poderia facilmente ser traduzida como “mulheres sábias”, israelitas que tinham desenvolvido “sabedoria/habilidade” para tecer vestes. Ter sabedoria não é apenas ter

conhecimento; é também ter a capacidade de usar corretamente tal conhecimento. Segundo a Bíblia, sabedoria é viver com habilidade.

Então, no livro de Provérbios, somos instruídas a buscar habilidade para viver. Mas essa não é uma habilidade com a qual nascemos. Observe, por exemplo, a seguinte passagem:

Meu filho, se você aceitar as minhas palavras
e guardar no coração os meus mandamentos;
se der ouvidos à sabedoria e inclinar o coração para o discernimento;
se clamar por entendimento e por discernimento gritar bem alto,
se procurar a sabedoria como se procura a prata
e buscá-la como quem busca um tesouro escondido,
então você entenderá o que é temer ao Senhor
e achará o conhecimento de Deus (Pv 2:1-5).

Agora, faça uma pausa e releia a passagem. Preste atenção no número de palavras que se encontram neste trecho que indicam “ação” — palavras que pedem para que você “faça” algo. Ao ler o texto bíblico, circule, escreva ou destaque essas palavras.

Ao longo desta passagem, o leitor é incentivado a:

- ✿ *Aceitar* palavras.
- ✿ *Guardar* os mandamentos.
- ✿ *Dar* ouvidos.
- ✿ *Clamar* por entendimento.
- ✿ *Gritar* bem alto por discernimento.
- ✿ *Procurar/buscar* a sabedoria.

Somente quando a pessoa fizer todas essas coisas ela “entenderá o que é temer ao Senhor e achará o conhecimento de Deus” (versículo 5).

Vale observar que, embora seja preciso se esforçar para ganhar sabedoria, ela vem acompanhada de uma promessa. Os versículos 7-15

descrevem diferentes formas em que a sabedoria é uma recompensa. Aqui estão alguns dos benefícios de buscar sabedoria:

- ✿ A sabedoria possibilita o sucesso (versículo 7).
- ✿ A sabedoria é como um escudo (versículo 7).
- ✿ A sabedoria pode nos guardar e proteger (versículo 8).
- ✿ A sabedoria nos “salva” (versículo 12-15). A sabedoria de Deus nos protege contra conselhos ruins, incorretos ou até mesmo pecaminosos de terceiros.

O que isso tem a ver com a maternidade? Tudo! Precisamos desesperadamente de sabedoria para criar nossos filhos. Não sabemos criá-los automaticamente. Tampouco é fácil. Às vezes, a maternidade é o trabalho mais frustrante do planeta! Então, porque não nascemos equipadas com sabedoria, temos de “fazer” algo a respeito. Temos de buscar ativamente conhecimento, habilidade e sabedoria para a enorme tarefa de moldar um ser humano. E, quando o fazemos, é bom não apenas para nós como também para nossa família. A sabedoria vale o esforço que ela requer.

E agora?

Guardada na varanda, entre uma motoca velha de plástico e os móveis, encontra-se a bicicleta rosa-choque da Barbie de nossa filha mais nova. Sophia não pegou na bicicleta o ano inteiro. No verão passado, ela declarou em confiança sua independência das rodinhas de apoio. Nós não acreditamos que ela estava pronta, mas removemos as rodinhas a pedido dela. Alguns dias depois, olhei para fora da janela da cozinha e vi Sophia sentada em sua bicicleta com as pontas dos pés mal tocando o cimento, “andando de bicicleta” na calçada. Depois de várias idas e vindas, saí e ofereci a ela algumas dicas sobre como andar de bicicleta. Para minha

surpresa, ela resistiu à minha tentativa de ensiná-la. Sophia tinha assistido às amigas andarem de bicicleta durante vários meses. Como poderia ser difícil? Na cabeça dela, seria algo que ela simplesmente saberia fazer, sem exigir prática.

Agora a bicicleta está ali, encostada — a prova de como andar de bicicleta não é tão fácil ou natural quanto parece. Olhando para a bicicleta de Sophia, não pude evitar a conexão com nosso mito de que a maternidade é sempre natural, fácil e instintiva. Com certeza não é, por isso temos de dar os passos necessários para nos tornar hábeis na maternidade. E esse é um processo que dura a vida inteira.

Então, vamos para a prática. A essa altura (espero eu), todas podemos confessar que fomos enganadas acreditando que ser mãe é natural, fácil e instintivo. E o que vamos fazer a respeito disso? De quais dicas práticas podemos lançar mão para destruir esse mito e passar a andar mais perto da verdade? A seguir, descrevemos alguns passos práticos e aplicáveis a serem dados.

1. RECONHEÇA QUE SER MÃE É DIFÍCIL.

Você já se encontrou numa situação terrível como mãe? Eu já. Infelizmente (para mim), foi no consultório do dentista.

Um dia, levei nossos quatro filhos à dentista para uma limpeza e exame de rotina. Depois de cerca de uma hora, a doutora saiu para a sala de espera (quase lotada) e sentou-se ao meu lado. Num tom muito preocupado e discreto, inclinou-se em minha direção e disse: “Sua filha tem seis cáries”.

Bella tinha apenas seis anos. Eu nunca tive nenhuma cárie! E agora Bella tinha seis cáries? Fingindo que não era nada demais, fiz que sim com a cabeça, enquanto a dentista prosseguiu explicando o tratamento, as diversas consultas e a quantia insana de dinheiro que ia custar. Dinheiro que não tínhamos naquele momento.

Esforcei-me para manter a compostura, respirei fundo e a segui de volta para a sala, onde estava minha filha. Ali, a dentista que faria a limpeza (uma senhora muito simpática) me olhou com comiseração. E foi aí que as lágrimas rolaram pelo meu rosto. Eu não conseguia parar de chorar — nem mesmo quando por compaixão os funcionários do consultório me mandaram para casa com um buquê de flores!

A realidade nua e crua é que a maternidade às vezes é difícil. Algumas vezes você nem tem ideia de por que as lágrimas estão rolando. Jesus reconheceu essa realidade quando disse: “Neste mundo, vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo” (Jo 16:33). Jesus nos dá motivos para regozijarmos e honrarmos a Deus mesmo em meio a circunstâncias desafiadoras.

2. CONFESSE QUE VOCÊ NÃO SABE TODAS AS COISAS E NÃO HÁ NADA DE ERRADO NISSO.

À medida que os primeiros anos da maternidade foram passando, e minhas habilidades de mãe pareciam estar lentamente se deteriorando, eu fingia que estava bem. Eu não reconhecia o verdadeiro estado em que me encontrava.

Quer você esteja gestante, seja mãe de primeira viagem ou já tenha filhos quase adultos, tudo bem reconhecer que não tem todas as respostas. A mãe enganada está, silenciosa e secretamente, tentando se convencer de que sabe o que está fazendo. Ela não apenas foi enganada por esse mito, mas está também tentando enganar os outros. Pare — imediatamente!

A Bíblia chama esse segundo passo de humildade. Precisamos não somente ver Deus por aquilo que ele é como ver a nós mesmas por aquilo que realmente somos. O caminho para sair da escuridão nessa área é confessar que não temos conhecimento completo do que é necessário para criar filhos. Tire a pressão de cima de si. Você não fracassou, pois não sabe

automática e instintivamente como fazer tudo. É preciso mais do que coragem para simplesmente reconhecer que precisa de ajuda.

3. PEÇA AJUDA.

Uma vez tendo reconhecido que precisa de ajuda, o próximo passo é, de fato, pedir ajuda. É assustador, eu sei! Mas Deus nos colocou no corpo de Cristo por algum motivo. É provável que haja mulheres ao seu redor que estejam vários anos à frente de você nessa jornada da maternidade. Talvez essas mulheres também sejam mães que trabalham fora. Talvez sejam mães de pré-adolescentes ou adolescentes. Ou talvez sejam mães com filhos na faculdade ou mais velhos. Uma das melhores coisas que podemos fazer na medida em que buscamos sabedoria na maternidade é buscar conselhos de outras mães na jornada. É provável que haja inúmeras mulheres ao seu redor que aprenderam, passaram, fracassaram ou estão tentando entender as mesmas coisas que você. Não fomos criadas para caminhar ao longo da maternidade sozinhas.

Busque também conselhos de médicos, instrutores, professores ou pastores de sua confiança. Muitos erros poderiam ser evitados com o simples ato de, humildemente, pedir a outra pessoa uma opinião, conselho ou informação.

4. COMPROMETA-SE COM O APRENDIZADO AO LONGO DE TODA A VIDA.

Como você sabe, a maternidade é composta por fases. Quando você pensa que aprendeu tudo sobre bebês, seu “pacotinho de alegria” começa a andar. Depois de alguns anos, seu(sua) filho(a) começa a ir para a escola e se torna pré-adolescente, depois adolescente e, por fim, jovem adulto. Eles não param de crescer, e você também não deve parar!

Ao longo dos anos, Deus tem me abençoado com a amizade de várias mulheres mais velhas e mais sábias. Elas têm sido grandes vozes da verdade e fontes de encorajamento e apoio em tempos difíceis. Esses tipos de relacionamentos são ótimas oportunidades para crescer. Mas o que é singular a respeito dessas mentoras é que elas têm me ajudado a crescer em diferentes áreas e aspectos. É incomum encontrar uma única pessoa que ajudará a crescer em todas as áreas da maternidade. A pessoa que você procura para aconselhá-la sobre seus filhos pode não ser a mesma a quem você pede conselhos conjugais. Não tem problema! É mais importante que você, de fato, busque crescimento piedoso em amigos de confiança.

Quer recebamos conselhos de amigas, livros, conferências, médicos, pastores, professores ou instrutores, o mais importante é lembrar que cada nova fase traz novos desafios. Nunca chegamos lá, por isso é importante continuar crescendo. A maternidade é um processo infinito de busca por sabedoria.

Aliviando a pressão

Amigas, não sei em quais mentiras vocês acreditam sobre a maternidade. Não sei o que as levou a sentirem-se enganadas. Se vocês estiverem exaustas, desgastadas e desesperadas por uma tábua de salvação, estão no lugar certo. Vocês não estão sozinhas. Vocês estão em boa companhia, pois nenhuma de nós sabe tudo. Vocês não podem fazer isso sozinhas — não foram criadas para tal. A ideia de que a maternidade é natural, fácil e instintiva é um mito no qual muitas de nós acreditamos desde o início.

Serei a primeira a lhes dizer que durante muitos anos eu silenciosamente me senti derrotada. Ninguém sabia, mas internamente eu carregava o peso de pensar que algo estava errado com o meu jeito de ser mãe. Eu pensava que, uma vez que a realidade externa da maternidade era mais difícil que meus instintos internos de mãe, algo deveria estar errado. Por muitos anos, acreditei no mito de que ser mãe seria fácil. Porque tinha

um grande desejo de ser mãe e muitos instintos naturais da maternidade, eu cometi o erro de acreditar que a tarefa de criar filhos seria mais natural e fácil.

A pressão foi aliviada pelas palavras cheias de verdade e compaixão de uma mentora. Estávamos sentadas à mesa. Eu estava quase chorando, falando sobre a fase da qual tínhamos saído e onde estava meu coração, quando ela disse, simplesmente:

“Ser mãe não é fácil. Requer trabalho árduo.”

Quando ela proferiu essas palavras para mim, foi tão libertador! Não sei por que eu esperava que fosse fácil. É um trabalho árduo, mas vale muito a pena.

CAPÍTULO 3

Segundo mito: meu jeito de ser mãe é o jeito certo (e único)

Se tiver de escolher entre estar certo e ser gentil, é melhor optar por ser gentil.

— ERNIE HARWELL.



Você já ouviu a expressão *da mesma opinião* sendo usada em certos círculos sociais? Na internet. Na igreja. Em relação a amigas ou colegas de trabalho?

Parece uma expressão inocente, não é? *Da mesma opinião*. Cria imagens de pessoas que gostam daquilo em que acreditam e também gostam de outros que acreditam nas mesmas coisas. Parece algo positivo fazer parte de um grupo de pessoas que têm interesses comuns, compartilham da mesma perspectiva e oferecem apoio umas às outras.

Sim, ter a mesma mentalidade que outras pessoas deveria ser bom, certo? Talvez. Mas não quando isso se transforma em algo não tão maravilhoso.

Em estar “certa”.

Quando eu (Karen) me tornei mãe, quase todas as mulheres ao meu redor, na igreja e em meu círculo de amigos na pequena cidade em que moro, assemelhavam-se umas às outras no estilo de vida e em suas crenças. Não acredito que eu tenha buscado isso intencionalmente — acho que foi por acaso. Muitas dessas mulheres já eram mães. Com amor, elas colocaram suas asas sobre mim e se tornaram minhas mentoras. Todas pareciam ter a mesma opinião sobre a gravidez. O parto. A criação de seus filhos pequenos e não tão pequenos. A perspectiva delas em relação ao casamento. À Bíblia. O papel da mulher em casa e na sociedade. Embora eu não dissesse que meu círculo de amigas era de réplicas exatas umas das outras, com certeza eram bastante semelhantes. Na época, eu adorava isso.

Parecia um lugar seguro para falar sobre minhas preocupações. Elas eram muito legais e, aparentemente, gostavam de compartilhar conselhos. Além disso, as respostas de algumas muitas vezes batiam com as de outras, de modo que eu tinha certeza de que estava recebendo as melhores respostas — até mesmo as “respostas certas” — para minhas perguntas.

E eu tinha tantas perguntas! A partir do momento que descobri estar grávida pela primeira vez, comecei a coletar informações de muitas mães que eu conhecia e admirava, buscando saber exatamente como o lar delas funcionava e quais eram seus segredos para criar filhos que se tornaram pessoas ótimas e tementes a Deus.

Não demorou muito para eu desenvolver meu impecável plano de seis passos para me tornar uma ótima mãe. Estranhamente, minha perspectiva espelhava a da maioria das minhas amigas. Se eu tivesse um parto natural, amamentasse, usasse fraldas de pano, fizesse a comida do bebê em casa e aplicasse um método específico de disciplina, meus filhos seriam tão fabulosos quanto os filhos dessas mulheres pareciam ser. E como eu queria isso!

Por favor, não me entenda mal. De fato, as ações descritas são, na maioria, maravilhosas. Eu as tentaria novamente se tivesse outro bebê. Esses métodos de criação não são o problema. O problema é a crença de que, a menos que cada um deles seja seguido à risca, você não está se saindo bem.

Foi essa a postura que rapidamente assumi. Meu plano de ser mãe estava perfeitamente delineado e eu estava pronta para a largada. E, assim, fui fazer aulas de preparação para o parto de nosso primeiro bebê.

Toda segunda-feira à noite, durante seis semanas, eu e meu marido nos reuníamos com outros casais que iam se tornar pais, no maior hospital da cidade, enquanto o instrutor nos dava todos os tipos de orientações: como respirar durante o trabalho de parto, o que levar para o hospital quando finalmente chegasse o grande dia, o que esperar nas primeiras semanas em casa, enquanto cuidássemos do recém-nascido. Era tudo muito empolgante e valioso.

Porém, uma noite era a vez dos alunos falarem. O professor nos deu uma pequena tarefa. Era para falarmos para a classe nossas respostas a quatro ou cinco perguntas. Entre elas estavam: “Você vai voltar ao trabalho depois de ter o bebê? Em caso afirmativo, depois de quanto tempo?”, “Você está planejando amamentar ou dar mamadeira?” E assim por diante.

Misericórdia.

Uma a uma as mulheres responderam às perguntas. Quase todas iam voltar a trabalhar em período integral, assim que pudessem, depois do parto. Apenas algumas disseram que planejavam retornar ao trabalho em meio período, e nenhuma delas ia ficar em casa para cuidar do bebê sem o envolvimento de algum tipo de creche. Todas iam usar fraldas descartáveis. E se não planejavam dar a mamadeira desde o início, com certeza trocariam para a mamadeira quando o bebê fizesse cerca de um mês, quando precisariam voltar para o trabalho.

Gostaria de dizer que ouvi com muita educação minhas colegas explicarem o que planejavam fazer e que eu estava torcendo para que tudo desse certo na situação delas, com seus bebês fofos. Mas não foi o que eu fiz. Um espírito de hipocrisia e crítica tomou conta de mim à medida que comecei a responder às perguntas com base no que eu acreditava ser a única imagem piedosa possível no que se referia à criação dos filhos e, de acordo com a minha estimativa, aquelas mulheres erravam o alvo — por um quilômetro!

Elas simplesmente não se enquadravam na minha classificação de “boa mãe”. Assim, quando chegou minha vez de falar e dar as respostas, eu o fiz. E com muita presunção. Embora minhas mãos estivessem suadas, e eu um pouco nervosa, porque não gosto de me envolver em conflitos, tinha sentimentos bastante fortes em relação ao meu plano preconcebido de ser mãe. Então, disparei minhas respostas nervosamente, e de uma maneira que esperava que me fizesse parecer melhor do que elas por comparação. Além disso, adicionei à mistura um pouco da velha mãe mártir. “Bom, apesar de eu ser formada e ter um ótimo emprego, decidimos que vou ficar em casa para criar nossos filhos, assim não teremos de colocá-los na creche. Vou amamentá-los exclusivamente. E usar fraldas de pano. Estamos bastante ansiosos pela chegada deste bebê e por dar a ele a melhor vida possível.”

Pelo menos é o que me lembro de ter dito. Talvez minha lembrança seja meio duvidosa, porque só me recordo da expressão perplexa das outras mulheres. Quando elas deram suas respostas, não tinham misturado nenhum comentário, tentando fazer as outras se sentirem mal. Elas não criticaram as mulheres que queriam ficar em casa para cuidar do bebê ou tentaram fazer parecer que dar a mamadeira seria melhor do que amamentar. Elas apenas responderam às perguntas de maneira direta. Ah, se eu tivesse feito a mesma coisa!

Esse foi só o começo do meu *checklist* mental do que seria certo e errado a respeito de ser mãe. Sempre que conhecia uma pessoa nova, eu ia classificando-a à medida que ouvia sobre sua vida. E o *checklist* iniciava.

Nascimento. Tomou anestesia durante o parto ou fez cesárea? Eu assinalava uma marca na coluna de “errado”. Uma marca na coluna de “certo” ia para a pessoa que tivesse tido um parto natural — sem anestesia, é claro.

Alimentação do bebê? É claro que amamentar era o melhor. Eu realmente não abria mão desse item. E não conseguia entender por que alguém colocava na boca do bebê algo artificial quando podia alimentá-lo da forma como Deus planejou. Não havia exceções nem concessões. (E essa opinião tão veementemente sustentada me concedeu bastante humildade

quando, no terceiro filho, não apenas tive uma horrível infecção na mama, mas também uma inflamação que me obrigou a dar leite artificial durante um mês até que o problema fosse tratado e resolvido completamente.)

Trabalhar fora foi, talvez, a questão mais controversa. Abrimos mão de muitas coisas para eu poder ficar em casa. Uma segunda fonte de renda. Prestígio. Tempo livre para mim. (Eu era professora substituta, por isso não tinha apenas horário de almoço, mas todo um período de planejamento de folga por dia durante o qual eu costumava ir para a sala dos professores e ler revistas ou escrever cartas.) Essa foi provavelmente a área em que eu fui mais inflexível. Simplesmente, eu não conseguia pensar em nenhuma boa razão para alguém ter um bebê e depois entregá-lo para outra pessoa.

Nunca me ocorrera que a família poderia realmente depender da renda da mulher para viver. Não era o caso de meu marido ganhar bem. Ele era pastor. Vivíamos num orçamento tão apertado que ele quase chiava. Na verdade, eu não amamenteei e usei fraldas de pano só porque acreditei ser bom para o bebê — e para o meio ambiente —, mas porque não tínhamos dinheiro para comprar fraldas descartáveis e fórmulas. Nunca pensei num cenário em que um casal cortasse todas as despesas extras e ainda não tivesse dinheiro suficiente para o mês. Ao cortar as despesas extras, tínhamos exatamente o suficiente. Então, parti do pressuposto que todos podiam fazer o mesmo — caso se esforçassem.

Eu também sustentava opiniões radicais sobre a nutrição. Nenhum açúcar ia tocar os lábios do meu bebê. Nem comida pronta. Amamentaria até que ele pudesse comer comida normal e pronto. De novo, é um ótimo plano se você conseguir executá-lo em sua família. Mas, outra vez, fracasei ao não enxergar que nem todo mundo estava na minha situação e tinha tempo para fazer isso. Talvez nem todos quisessem fazê-lo!

E, na minha cabeça, eu continuava a assinalar nas colunas de “certo” e “errado”.

Se você amamentasse, ficasse em casa e fizesse a comida do bebê, eu assinalava as colunas de “certo”. Qualquer outra decisão nessas categorias lhe custavam três pontos negativos.

Esses não são os únicos aspectos sobre a criação dos filhos a respeito dos quais as mães discordam. Há muitos outros. Você deve fazer o bebê dormir no berço ou deixá-lo dormir com você? E o papel do pai? Ele será um pai menos participativo e deixará a troca de fraldas, a alimentação e o levantar de madrugada por sua conta, ou vai ser um pai mais participativo e mergulhará também nessas tarefas para aliviar sua carga?

Partindo da premissa de que há uma maneira certa e outra errada de se fazer tudo, tentamos descobrir qual é a maneira certa. E, uma vez que aterrissamos ali, podemos sutilmente — ou até abertamente — passar a criticar e julgar as pessoas que não chegaram à mesma conclusão que chegamos.

Algo dentro de nós anseia por estar “certa”. Talvez, em alguns aspectos da criação de filhos, de fato exista um jeito certo e melhor. Não é como se todos os aspectos da criação de filhos fossem múltiplas escolhas, com cada uma delas sendo igualmente benéfica para a criança. Por exemplo, diante da escolha entre a criança dar uma soneca necessária à tarde ou deixá-la brincar com o vizinho sem supervisão, é claro que a coisa certa seria optar pela soneca! No entanto, para muitas outras escolhas pode haver um jeito que seja melhor para sua família, seu filho, seu cronograma ou para sua situação específica naquele momento, mas nem sempre uma maneira nítida, preto e branco, certo e errado.

O que acontece com nosso relacionamento com outras mães quando afirmamos que há somente um jeito aprovado por Deus para lidar com todos os aspectos da maternidade? *Erguemos cercas onde poderíamos estar construindo pontes.*

Quando nos isolamos e decidimos estar somente com quem julgamos ser “mães que têm a mesma mentalidade” construímos uma cerca — uma cerca com quatro lados, na verdade, o que, de certa forma, representa o chiqueiro velho e fedorento em que nos trancamos. E aí? Bem, nunca nos aventuramos para fora dessas barreiras de arame farpado. Enxergamos as mães que estão do lado de fora como erradas ou, no mínimo, enganadas. E

as que estão do lado de dentro? Nós nos identificamos de forma intensa com elas, mas nossa arrogância pode começar a nos desgastar.

Para mim é horrível pensar nisso hoje, mas ainda me lembro de conversas nos dias em que eu tinha somente amigas de mesma mentalidade, e, principalmente, da forma como algumas de nós falávamos das mães que trabalhavam fora.

Deixe-me dizer, primeiramente, que eu adorava ser mãe em período integral. Sou agradecida a Deus por termos criativamente encontrado um jeito de eu ficar em casa com nossos três filhos, enquanto meu marido era pastor e, mais tarde, trabalhava numa loja de revenda de móveis e eletrodomésticos.

Como mencionei, não estávamos nadando em dinheiro. Pelo contrário, nosso orçamento era bastante apertado. Lembro-me de, certa vez, ter visto num artigo publicado no jornal local quais níveis de renda se qualificariam para almoço gratuito ou com preço reduzido no sistema de escolas públicas dos Estados Unidos. Naquela época, nossos filhos ainda não estavam em idade escolar, mas, caso estivessem, teríamos nos qualificado para almoço com preço reduzido.

No entanto, conseguimos fazer as coisas funcionarem. Cortamos despesas, usamos cupons de desconto e raramente fomos a restaurantes. As férias consistiam em acampar no quintal da casa da vovó e do vovô ou sermos abençoados com um fim de semana gratuito no chalé de um amigo. Nosso carro era velho e todos os nossos móveis eram de segunda mão. Mas esses pareciam sacrifícios pequenos para que eu pudesse cuidar de meus filhos durante o dia. Por isso, não me entenda mal, achando que mudei de ideia e que gostaria de ter trabalhado fora quando meus filhos eram pequenos. Não acredito que eu faria essa escolha, hoje. O que voltaria atrás e mudaria é o modo como eu pensava a respeito das mães que trabalhavam fora — e como as tratava.

Voltemos ao papo que rolava, às vezes, entre minhas amigas. Não éramos muito boazinhas. Na verdade, nem um pouco boazinhas quando falávamos das mães que trabalhavam fora o dia todo. Por vezes, a conversa

era bastante enigmática e mascarada por uma fina camada de preocupação com os filhos. Se a criança de uma mãe que trabalhava fora em período integral se comportasse mal no berçário da igreja, uma mãe que ficava em casa com os filhos dizia algo do tipo: “Tadinha. Ela provavelmente está querendo chamar atenção, já que passa o dia todo longe da mãe” ou “Tenho certeza de que ela está exausta. É impossível tirar uma boa soneca numa creche. Se pelo menos a mãe dela tivesse optado por ficar em casa com ela...”

Outras vezes, era mais aberto e não tão sutil. Por exemplo, referir-se, na igreja, à casa nova e enorme de uma mãe que trabalhava fora como o “altar da mãe que trabalha fora”.

Horrível, não é? De fato, olhando em retrospectiva, provavelmente havia inveja por trás disso. Famílias com uma única fonte de renda, de modo geral, não são capazes de avançar financeiramente ou guardar dinheiro para fazer um pagamento à vista num financiamento, ou construir uma casa maior. Quando não acontece, e vemos outros ao nosso redor subindo a escada financeira, pode surgir inveja. E essa inveja aparece em comentários ásperos. Irmãs, não deveria ser assim!

Do lado oposto, temos as mães que trabalham fora em período integral ou meio período. As mães dessa categoria enfrentam o próprio conjunto de tentações no que se refere a como veem as mães que não contribuem com a renda doméstica. Várias amigas que trabalham fora me dizem que têm certa inveja das mães que ficam em casa com os filhos. “Deve ser bom”, elas pensam, quando imaginam uma vida sem os desafios de ficar prontas ao mesmo tempo em que arrumam os filhos, todos os dias, antes de sair de manhã. Elas supõem que as mães que ficam em casa têm uma vida fácil, o que gera sentimentos de inveja. E também me dizem, sinceramente, que já desprezaram mães que ficam em casa com os filhos, pensando que elas não são membros que contribuem para a sociedade, ou sentindo pena por elas colocarem de lado o potencial intelectual e aspirações de carreira para fazer o trabalho simples de cuidar dos filhos.

Gostaria de dizer que nunca participei de guerra entre mães, mas estaria mentindo. Embora raramente discutisse essa questão com um membro do outro lado, só falava sobre ele pelas costas, geralmente com outros membros que estavam do mesmo lado que eu. E o engraçado é que, agora, já estive em ambos os lados! Atualmente, permaneço no meio da cerca, já que sou uma mãe de adolescentes e um jovem adulto que trabalha em casa e que, na maioria dos dias, pode ser encontrada no *home office*, mas que também viaja para falar em eventos, alguns dias por mês. Felizmente, aprendi a ser flexível em relação a esse assunto. Mas naquela época? De jeito nenhum!

Hoje, observo mulheres se comportando exatamente como eu me comportava naquela época. E, às vezes, elas descarregam sua opinião em qualquer pessoa que esteja por perto, independentemente de ter sido solicitada ou não. Além disso, temos a internet e as mídias sociais como locais em que podemos expressar nossa opinião.

A parte mais triste e desanimadora? Uma mãe entusiasmada demais, esquecendo-se de que ela representa Cristo, pode subir em seu cavalo e passar a cavalgar, entrando na batalha das opiniões e disputando as questões. Sei que fiz isso no passado, e na guerra das mães isso é bastante comum.

Mas as Escrituras nos chamam para um padrão mais elevado. Devemos falar com e sobre as pessoas com graça. Ponto final. Em 1Coríntios 4:12-13 lemos que “trabalhamos arduamente com nossas próprias mãos. Quando somos amaldiçoados, abençoamos; quando perseguidos, suportamos; quando caluniados, respondemos amavelmente”.

Respondemos amavelmente.

Hmmm... Quando Paulo era amaldiçoado, ele abençoava. Quando era perseguido, suportava. E quando era caluniado, respondia amavelmente.

Agora, ter uma opinião diferente a respeito da criação dos filhos e das escolhas de estilo de vida da família não se qualifica exatamente como ser amaldiçoada, perseguida ou caluniada. Podemos nos sentir levemente deixadas de lado. Meio mal-entendidas. Talvez um pouco solitárias. Mas, se

Paulo diz que devemos responder amavelmente até mesmo quando alguém está nos amaldiçoando, perseguindo ou caluniando, podemos responder amavelmente a alguém que tenha outra opinião sobre a maternidade.

Como é isso, exatamente? Que bom que você perguntou!

Mais mãe do que você

Algumas pessoas anseiam por atenção e controvérsia. Elas quase gostam quando há opiniões diferentes na sala. Podem até ser propensas à agressividade e usar as palavras dessa forma lhes dá prazer. Eu não sou assim. Embora, com certeza, tenha sido conhecida por arrumar encrenca com algum membro da minha família, não gosto de bater boca com estranhos ou amigos.

Porém, às vezes, há tensão no ar por eu estar do lado oposto de alguém com quem estou conversando. Nesses momentos, tento me lembrar da advertência bíblica de falar a verdade em amor (Ef 4:15). E aqui está outra ótima orientação das Escrituras: “Seu falar seja sempre agradável e temperado com sal” (Cl 4:6).

Lembrar-se de que falar de forma verdadeira e com graça pode nos ajudar a moderar nosso tom e a utilizar as palavras para transmitir nossa filosofia sem arrasar os sentimentos da outra pessoa, fazendo com que ela se sinta inferior por ter feito uma escolha diferente. Isso é especialmente verdadeiro no que se refere a outras mulheres que também creem em Cristo e desejam segui-lo.

O papel da mulher segundo a Bíblia

Então, como toda essa discórdia e divisão emerge no contexto das mulheres que conhecem e amam a Cristo? Parte disso pode ter origem em determinadas passagens bíblicas.

Tito 2 traz orientações para diversos grupos de pessoas na igreja:

Você, porém, fale o que está de acordo com a sã doutrina.

Ensine os homens mais velhos a serem moderados, dignos de respeito, sensatos e sadios na fé, no amor e na perseverança.

Semelhantemente, ensine as mulheres mais velhas a serem reverentes na sua maneira de viver, a não serem caluniadoras nem escravizadas a muito vinho, mas a serem capazes de ensinar o que é bom.

Assim, poderão orientar as mulheres mais jovens a amarem seus maridos e seus filhos, a serem prudentes e puras, a estarem ocupadas em casa e a serem bondosas e sujeitas a seus maridos, a fim de que a Palavra de Deus não seja difamada (versículos 1-5).

Está vendo a expressão “estarem ocupadas em casa”? Ela tem gerado muita discussão no que se refere ao modo como as mulheres, principalmente as mães, devem viver.

A carta foi escrita em grego e, no original, o termo usado é o adjetivo *oikourgos*. Essa palavra aparentemente esquisita é, na verdade, uma combinação de outras duas palavras: “guarda” e “casa”. Vem da palavra *oikos*, que significa “casa, lar ou família”, e *ouros*, que significa “guarda, vigia ou mantedor”, com esses termos carregando o sentido de “trabalhador”. Assim, em sua essência, a palavra grega *oikourgos* (em algumas versões da Bíblia, traduzida como “boas donas de casa”, “estarem ocupadas em casa” ou “eficientes no cuidado do lar”) carrega o sentido de cuidadora do lar.

Acredito que seja consenso que esses versículos dizem que nós, mulheres, devemos cuidar de nossa casa e família. No entanto, o modo como faremos isso é vivido de maneira diferente por cada uma de nós, dependendo de nossas convicções e circunstâncias da vida. Veja que podemos tomar uma perspectiva dos dias modernos (mãe que trabalha fora *versus* mãe que fica em casa com os filhos) e aplicar essa passagem a ela. Em geral, atualmente, o termo “dona de casa” se refere a uma mulher que não trabalha fora de casa. Mas também temos mulheres que trabalham de casa, o que lhes gera uma renda. De que lado elas ficam? Se as mães que ficam

em casa com os filhos estão obedecendo a essa passagem bíblica e as mulheres que trabalham fora não estão, o que dizer das que trabalham *de casa*?

É como essa passagem ser usada como respaldo por alguns membros do grupo que defende, veementemente, que ficar em casa com os filhos é o único jeito bíblico de ser mãe. Da mesma forma como a passagem de Provérbios 31 é usada, às vezes, por mães que trabalham fora em período integral para provar que as mulheres devem ter uma ocupação fora de casa, uma vez que o versículo 16 descreve a mulher comprando um campo e o versículo 18 diz que o comércio dela é lucrativo.

Todas queremos usar uma parte da Bíblia para justificar nossa posição. Será que não podemos simplesmente concordar em não mais lermos no versículo o que não está ali e, em vez disso, tentarmos nos concentrar no que ele diz?

Essa passagem em Tito 2 afirma que as mulheres devem estar ocupadas em casa, guardar seu lar, governando-o bem. Estar ocupada em casa é o oposto de ser improdutiva ou preguiçosa. Quer dizer que não devemos ficar deitadas no sofá o dia todo vendo TV, deixando nossa família se virar. Quer dizer que não devemos ser sugadas pelo buraco negro do Pinterest, ficar navegando por todas as receitas que parecem deliciosas e apontar para a pilha de pizzas congeladas no freezer quando nossa família precisa de uma refeição. Logo, talvez isso sugira que até a mãe que fica em casa com os filhos pode ignorar as orientações dessa passagem se ela estiver fisicamente em casa, mas agindo de forma indolente.

Administrar e cuidar de nossa casa é algo que todas devemos fazer, tanto as mães que trabalham de casa, fora de casa ou que se dedicam exclusivamente à criação dos filhos. A Bíblia nos comanda a cuidar de nossa família, fazendo disso nossa prioridade.

Vamos manter nossa prioridade. Lembre-se de que cada uma de nós tem uma história de vida diferente. E, em algumas questões da maternidade, destruímos amizades — ou evitamos a formação de novas — quando insistimos em algo dogmaticamente! Por exemplo, a questão de se a

criança deve dormir no berço ou com os pais. Já vi discussões acirradas e amizades rompidas devido a esse tópico. Quer saber o que acho? Tivemos um filho que dormia conosco quando era bebê e dois outros que dormiam no berço. Os três cresceram muito bem, obrigada. Sabe o que acho que seja realmente a questão? Não quem está dormindo onde, mas *quem está dormindo*. Se você consegue dormir com o bebê em sua cama e tem uma cama grande o suficiente para que essa prática seja segura, bom para você! Caso contrário, ponha-o no berço. Ou se você não consegue ter uma boa noite de sono com o filho entre você e seu marido, coloque-o no berço e ligue a babá eletrônica. Não é quem está dormindo onde, mas sim onde cada um consegue dormir em paz; assim, todos os membros da família podem descansar.

Conceda graça — aos outros e a você mesma! Não se descabele se você não consegue fazer comida para seus filhos como sua amiga faz. Não há nada de errado com uma boa padaria. Não se desespere se você não pode fazer pão caseiro. Não tem problema. Eu adoro fazer pão em casa, mas, com certeza, não espero que todas as mães façam o mesmo. Da mesma forma que oro para que você não me peça para fazer nada com couve. Que história é essa de mães cozinharem couve? Eu tentei uma vez, e meu prato cheirava como se uma bomba fedida gigante tivesse explodido na minha casa, e ninguém quis nem chegar perto. Então, eu me atenho a fazer meu próprio pão. E você, atenha-se a mastigar sua coisa verde-escuro e mole. Ainda continuamos a nos amar, certo?

Conceder graça nos ajuda a julgar menos quando estamos sensíveis e cientes das circunstâncias singulares que as mulheres enfrentam. Conceder graça nos ajuda a não perder oportunidades de estabelecer relacionamentos de apoio com pessoas improváveis e que pensam diferente de nós.

Eu poderia ter perdido isso

Outro dia, saí com uma amiga. Durante o tempo que passamos juntas, tomando café na lanchonete do bairro, atualizamo-nos sobre o que está acontecendo no casamento, na maternidade e na família uma da outra. Foi um tempo agradável de reconexão para duas amigas de longa data. E pensar que quase perdi isso!

Não estou dizendo que me atrasei para nosso encontro. Estou dizendo que por pouco não perdi a chance de nos tornarmos amigas. Houve uma época em que frequentávamos a mesma igreja. Eu a encontrei pela primeira vez ao sair do culto para amamentar meu filho recém-nascido, no berçário da igreja. Ela também estava lá, alimentando o filho dela, que tinha nascido na mesma época do meu. Mas ela estava lhe dando mamadeira.

Uma terceira mulher estava sentada numa cadeira de balanço, ninando seu bebê nos braços. As duas conversavam sobre o fato de que a que estava dando fórmula para o filho ia voltar ao trabalho em breve e era grata por ter encontrado uma cuidadora para ficar com ele durante o tempo em que ela trabalharia fora, meio período, na área médica.

Odeio admitir, mas, em minha mente, excluí essas duas mulheres. Eu era relativamente nova naquela igreja, ainda não conhecia muita gente e não demorou muito para saber que não queria ser amiga delas. Imagine só: uma trabalhava fora e, embora a outra não o fizesse, parecia apoiar a decisão daquela! Disse até mesmo que ia orar por ela e pedir a Deus que abençoasse o cuidado de seu filho para que ela pudesse voltar ao trabalho tranquila, sabendo que ele estava sendo amado e bem cuidado, enquanto ela estivesse fora de casa.

Se Deus não tivesse me convencido de meu espírito de criticismo e atitude hipócrita em relação à maternidade, eu nunca teria me tornado amiga daquelas duas mulheres. Sou grata a Deus por ter me tornado humilde e me ensinado a parar de erguer cercas por causa de questões bíblicas secundárias e, em vez disso, começar a construir pontes. De fato, os dois bebês que estávamos alimentando naquele dia agora são jovens e membros produtivos da sociedade. O filho dela foi alimentado com fórmula e estudou em escola pública, enquanto o meu foi amamentado e estudou

em casa, como é possível nos Estados Unidos, durante toda a sua experiência educacional.

O importante é ter certeza de que o caminho em que você está é aquele que Deus planejou para *você*. Vamos parar de criticar as outras mulheres e suas escolhas. Vamos olhar para o Senhor. Vá em frente e aprenda com outras mulheres. Leia ótimos livros. Observe. Considere e ore. Porém, certifique-se de colocar diante de Deus todas as questões da maternidade e buscar sua Palavra. E então? Siga adiante com confiança, humildade, servindo a Deus e à família, enquanto vai curtindo sua jornada singular da maternidade.

CAPÍTULO 4

Terceiro mito: sou “só” mãe

Nossas vidas devem encontrar seu lugar numa história maior ou elas encontrarão seu lugar numa história menor.

— STEPHEN SHOEMAKER.



“Se um dia você começar a trabalhar, podemos atualizar suas informações.”

Um dia começar a trabalhar? Eu (Ruth) mal podia acreditar em meus ouvidos, que dirá segurar minha língua! Tinha passado no banco para fazer um depósito e atualizar nossas informações pessoais. As coisas estavam indo bem até que a moça do caixa perguntou qual era meu local de trabalho. Tenho sempre dificuldade para responder a essa pergunta.

Cuido do meu próprio grande website ministerial.

Sou blogueira.

Dou palestras.

Escrevo livros.

Mas... também sou mãe.

Então, às vezes, digo que tenho meu próprio negócio, por vezes, que sou mãe em período integral e, outras vezes, que sou “dona de casa”. Desta

vez, disse “dona de casa”, o que realmente abalou a moça do caixa, de pouco mais de vinte anos!

“É só isso que você faz?”, perguntou, meio confusa. E então, para esclarecer, continuou: “Está bem, então você é só mãe?”. Ouvi todas as palavras que ela disse, mas “só” foi a que mais me chamou a atenção. Todos os blogs, artigos e conversas de ser “só mãe” surgiram em minha mente. Eu não acreditava no que estava ouvindo.

“HmMMM, bom, eu sou mãe”, afirmei.

E no tom mais gentil, embora sem noção, ela replicou: “Ok, então isso é *tudo* o que você faz?”.

Tentando evitar uma guerra desnecessária de palavras e tendo sido pega de surpresa, a ponto de não saber mais o que dizer, respondi com um simples: “Sim, sou mãe”. (Provavelmente, com certa agitação em meu tom e a incapacidade de adicionar a palavra *só* à resposta.)

Agora, não acredito que a moça do caixa tivesse nenhuma má intenção em relação a mim, em particular, ou à maternidade, em geral. Acho que ela estava apenas claramente declarando a visão do que é ser mãe por parte de nossa cultura. E ela enfatizou a palavra *só*. Ela não tinha ideia do que estava dizendo, e eu estava tão perplexa que nem sabia como responder.

Não importa onde ou como você trabalhe sendo mãe (dedicando-se à criação dos filhos, trabalhando de casa, trabalhando fora de casa etc.), não será surpresa para você a mudança na atitude e no entendimento de nossa cultura a respeito da maternidade. Em muitos aspectos positivos, as mulheres se deparam com questões empolgantes. O que quero fazer ou tenho interesse por fazer? O que *posso* fazer? O que me sinto capaz de fazer? E o que *devo* fazer? Mais do que uma escolha, o que sou *chamada* a fazer? As respostas para essas perguntas não são sempre facilmente discernidas.

Uma das lutas que muitas mulheres enfrentam quando têm filhos é a sensação de estar “perdendo” outras coisas. Talvez seja a postergação de uma escolha profissional, de uma empreitada educacional ou de uma aspiração pessoal. Ou, colocando de outra maneira, talvez muitas mães sejam levadas a acreditar no mito de que ser mãe é, de alguma maneira,

“menos” do que ser outras coisas. Isso pode facilmente fazer com que nós, mães, sintamo-nos desanimadas, frustradas ou até mesmo ressentidas, caso não tomemos o cuidado de manter nossos sentimentos sob controle.

Um artigo fascinante, porém desanimador, foi publicado no *The Atlantic*, há vários anos. Intitulado “Não querer filhos é completamente normal”, extraído do livro *Why Have Kids?* [Por que ter filhos?], de Jessica Valenti. A mensagem subjacente do artigo era que criar filhos é um incômodo. Ser mãe não é o suficiente; antes, é um obstáculo que impede buscas maiores e mais gratificantes.

Nesse artigo, Valenti compartilha a história de uma mãe que, anonimamente, expressou num blog o desejo de abandonar seu filho. Ela tinha chegado ao limite e não podia mais suportar. Histórias e mais histórias de mulheres igualmente tão frustradas e exaustas começaram a chover nos comentários. Durante mais de um ano, o artigo continuou a chamar a atenção de mães sobrecarregadas; uma mãe após a outra lamentava sua posição na vida. A autora sumarizou o sentimento dessas mães: “A sensação de sobrecarga [...] era o sentimento de perda de identidade, a assustadora realidade de que a vida delas tinha sido reduzida a satisfazer as necessidades da criança”.¹

Para a maioria, os comentários seriam chocantes (muito chocantes!). Mas a triste realidade, nua e crua, é que para muitas mães, inclusive mães cristãs, pode ser difícil enxergar o valor da maternidade. E essa visão negativa pode levar muitas mulheres a questionarem se realmente desejam ser mães em primeiro lugar.

Quem quer ser mãe?

Quando nossa filha mais velha terminou o Jardim da Infância, ela e seus coleguinhas passaram por uma cerimônia de graduação. Foi um evento um tanto badalado, com comida, bebidas e uma história inspiradora para os formandos. Cada um deles foi publicamente reconhecido com um diploma

e até mesmo um minidesfile. Os pais, sorridentes, estavam equipados com câmera e celulares. Era um grande dia para os alunos e ainda maior para os pais.

Antes do término da cerimônia, pediu-se que cada aluno fosse até a frente e compartilhasse com o público o que queria ser quando crescesse. Um a um, cada aluno anunciou sua profissão desejada. A lista foi mais ou menos assim:

“Quero ser professor.”

“Quero ser o próximo American Idol.”

“Quero ser bombeiro.”

“Vou ser jogador de futebol.”

“Vou ser médico.”

A relação não era muito extensa. Não tenho certeza de que alguma pessoa realmente pensou (ou acreditou) que a declaração de cada formando era para ser levada a sério. Ainda assim, era um momento de muito orgulho (e muita fofura, eu adicionaria). Cada objetivo era bom e, em muitos aspectos, previsível. O que me surpreendeu, porém, não foram as ocupações citadas, mas sim as que não constaram na lista. Mais tarde, naquele dia, enquanto pensava sobre a cerimônia de formatura, ocorreu-me que nenhuma menina na turma da minha filha havia dito: “Quero ser mãe quando eu crescer”.

Sei que é apenas uma turma, em uma única cidade, em um único estado, em um canto do mundo, então não pretendo exagerar minha observação. Não é meu objetivo analisar por que não houve mais meninas na turma de minha filha com aspiração de ser mãe quando crescesse. Eu e meu marido só achamos curioso. Decidi então, naquela ocasião, que quero que minha filha seja mãe. Não agora. Algum dia (daqui a décadas), porém, quero que ela experimente a alegria (e o desafio) de ser mãe. Quero que ela abrace o papel da maternidade com todo o seu coração. E, mais do que tudo, quero que ela rejeite o mito de que ser mãe é, de alguma forma, menos importante do que fazer outras coisas. Nada poderia estar mais longe da verdade.

Deus separou o lar como pertencente a ele. O lar é um lugar em que a presença de Deus deve ser sentida e os propósitos dele devem ser buscados. Ele coloca pais nesses lares como guardiões, pastores, sacerdotes, cuidadores, educadores e guerreiros chamados e comissionados a transmitir sua fé para seus filhos por amor ao mundo. A maternidade não é uma missão fácil. Mas é de Deus.

Acredito que a maioria das mães luta, em momentos diferentes e talvez por razões diferentes, contra os sentimentos de “ser só mãe”. A boa notícia é que as Escrituras não são silenciosas sobre nossa significância como mães. Há muitos exemplos de mães importantes na Bíblia. Um dos meus favoritos é a história da mãe de Moisés.

A mãe de Moisés: vivendo pela fé

A história da mãe de Moisés sempre me deixou intrigada. Muitas pessoas conhecem Moisés; sua mãe, no entanto, como veremos adiante, desempenhou um papel crucial em quem Moisés se tornaria e no que ele faria. Poucas histórias captam o coração como a dessa mãe.

Como toda mãe hebreia daquela época, ela sabia que, por decreto do faraó, seu menino recém-nascido deveria ser lançado ao Nilo (Êx 1:22). Mas quando aquela jovem mãe viu o quão bonito era seu bebê ela o escondeu, enquanto pôde. Porém, chegou o dia em que ela tinha de fazer o impensável. Colocou-o num cesto e empurrou-o gentilmente para longe da margem do rio. O faraó tinha ordenado que todos os recém-nascidos do sexo masculino fossem jogados no rio para morrer. Mas a jovem mãe colocou seu recém-nascido no Nilo para viver. A mãe de Moisés sabia quem realmente tinha poder para decidir entre a vida e a morte.

Miriã, a irmã do menino, ficou observando o cesto de longe e viu quando a filha do faraó mandou sua criada apanhá-lo. Então, Miriã aproximou-se e sugeriu à filha do faraó que uma mulher dos hebreus

poderia amamentar o menino pequenino e abandonado. Depois de receber permissão da filha do faraó, Miriã reuniu seu irmão, Moisés, com sua mãe.

Incrível.

O texto bíblico não fala exatamente por quanto tempo a mãe de Moisés o amamentou, antes de devolvê-lo à filha do faraó. O que sabemos é que Moisés se tornou adulto para salvar os hebreus do massacre, tornando-se o grande líder de Israel e o doador da lei. Podemos imaginar que, embora Moisés tenha sido criado no Egito, ele nunca se esqueceu de onde era sua casa, o que ela significava ou como o moldara.

O Novo Testamento nos dá maior conhecimento sobre as convicções e a conduta dos pais de Moisés, bem como sobre seu caráter. O autor de Hebreus diz o seguinte:

Pela fé, Moisés, recém-nascido, foi escondido durante três meses por seus pais, pois estes viram que ele não era uma criança comum, e não temeram o decreto do rei. Pela fé, Moisés, já adulto, recusou ser chamado filho da filha do faraó, preferindo ser maltratado com o povo de Deus a desfrutar os prazeres do pecado durante algum tempo. Por amor de Cristo, considerou sua desonra uma riqueza maior do que os tesouros do Egito, porque contemplava a sua recompensa. Pela fé, saiu do Egito, não temendo a ira do rei, e perseverou, porque via aquele que é invisível (Hb 11:23-27).

Testemunhar a provisão de Deus se desenrolando nessa história é simplesmente de tirar o fôlego. Encontro-me com vontade de pular e torcer ao ler a narrativa. É impossível não enxergar através dela o valor de trazer crianças ao mundo e educá-las. O chamado de Deus para as mães é custoso, exaustivo, talvez até perigoso, mas, com certeza, não é insignificante.

Então, que lição você pode tirar dessa história bíblica? O que Deus deseja lhe dizer, caso você esteja lutando contra o mito de ser “só” mãe? Vamos dar uma olhada em algumas aplicações dessa história que nos ajudarão no papel de ser mãe para o qual Deus nos chamou.

1. A SUA IDENTIDADE NÃO COMEÇA COM SER MÃE.

Sim. É verdade. A sua identidade não começa com ser mãe. Pode lhe parecer estranho, uma vez que este é um livro sobre a maternidade. Mas, por mais que Deus ame e tenha prazer no chamado da maternidade, seu papel como mãe não é sua identidade essencial. Com certeza, faz parte de quem você é e do que você faz, mas não é sua principal identidade.

Quando leio a história da mãe de Moisés, fico impressionada com sua motivação para ser considerada fiel aos olhos de Deus e não apenas favorecida diante dos homens. Como lemos em Hebreus, foi uma mulher que não “[temeu] o decreto do rei”. Ela fazia parte do povo de Deus, eleito para ser um tipo diferente de comunidade no mundo e para o mundo. Quem ela era como filha de Deus informava sua conduta como mãe.

O desejo de sermos vistas de um modo particular é o reflexo da necessidade de encontrar nosso valor ou nossa identidade. Como mães, isso tem de começar com quem somos em Cristo. A maternidade é uma parte, porém não é o todo. Em vez disso, a grande verdade é que nosso valor e nossa identidade são encontrados em Cristo. Como Colossenses 3:3 diz: “Pois vocês morreram, e agora a sua vida está escondida com Cristo em Deus”.

É perigoso começar com “mãe” como nossa identidade essencial. A Bíblia afirma claramente que estamos “em Cristo” antes de estarmos “na maternidade”. Antes de tudo, somos filhas de Deus nosso Pai. O apóstolo João celebra esse fato: “Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: sermos chamados filhos de Deus, o que de fato somos!” (1Jo 3:1).

Portanto, a sua identidade primária é como filha de Deus, e não mãe.

2. AS MÃES CELEBRAM A MARAVILHA DA NOVA VIDA.

Você perdeu de vista a maravilha e o poder da nova vida? O milagre de trazer um ser humano à existência se tornou uma notícia velha para você? Eu sei, eu sei; você provavelmente gritou muito durante o parto (e qual mãe não grita?). Mas conforme o tempo vai passando, podemos nos esquecer do milagre da vida que são os nossos filhos. Podemos nos esquecer do quão impressionante é assistir a um ser humano, gerado de modo perfeito por Deus, sair do nosso corpo. Enquanto penso nisso, lembro-me de que, se não tomarmos cuidado, o extraordinário pode se tornar comum para nós. Até a dádiva, o mistério e o poder de trazer uma criança ao mundo podem se tornar perdidos em nós.

Nada melhor que a iminência da morte para nos conduzir de volta ao conhecimento da preciosidade da vida. E é aí que entra a mãe de Moisés. Quando deu à luz, ela tinha a morte em sua mente, pois sabia que seu bebê tinha uma sentença de morte pairando sobre sua cabeça. Ainda assim, quando ela olhou para ele, pensou: “Este bebê é precioso! Sua vida precisa ser poupada!”.

A mãe de Moisés entendeu o poder de trazer uma nova vida ao mundo. O que ela viu em seu filho não foi um incômodo ou obstáculo para seus planos e desejos, mas sim um bebê “bonito” (Êx 2:2). Ela celebrou a vida dele tanto que arriscou a própria vida para protegê-lo.

3. NÃO SER VISTA NÃO QUER DIZER QUE VOCÊ NÃO SEJA IMPORTANTE.

Acho que é seguro dizer que se Deus tivesse escolhido não incluir a história da mãe de Moisés na Bíblia, nunca teríamos conhecimento do que ela fez. Seus atos permaneceriam ocultos, desconhecidos e não reconhecidos por quase todo mundo. Ainda assim não teriam sido irrelevantes!

Um dos desafios de escolher abraçar a maternidade é que tanto do que nós, mães, fazemos passa despercebido. Em geral, ninguém nos dá um bônus, escreve artigos sobre nós, constrói estátuas de nós ou nos oferece um simples “obrigado”.

Com certeza há razões suficientes para nós nos sentirmos sozinhas e acharmos que o que fazemos não é muito importante. Mas Jesus diz: “Seu Pai, que vê o que é feito em segredo, o recompensará” (Mt 6:4). Jesus nos lembra de que servimos ao Deus que vê. A importância daquilo que fazemos para Deus não depende de quantas pessoas estão vendo o que fazemos. Deus mede nossa fidelidade a ele (e à nossa família) do mesmo jeito, quer outras pessoas estejam vendo ou não. A promessa é que o que fazemos para Deus, mesmo quando ninguém repara, é visto e recompensado por ele. Se nós, mães, perdermos de vista essa verdade, nosso coração pode rapidamente cair na solidão, no sentimento de ingratidão e no ressentimento. Embora as mães mereçam (e devam ser) apoiadas e reconhecidas, não devemos perder de vista quem realmente estamos tentando agradar.

Richard Foster, em seu livro *Celebração da disciplina*, sumariza muito bem essa questão:

O serviço hipócrita exige recompensas externas. Precisa saber que as pessoas veem e apreciam o esforço. Busca o aplauso humano — com adequada modéstia religiosa, é claro. O verdadeiro serviço repousa satisfeito na ocultação. Não teme as luzes e o barulho da atenção, mas não os busca. Uma vez que se vive a partir de um novo centro de referência, o aceno divino de aprovação é completamente suficiente.²

O “aceno divino de aprovação” é suficiente para você?

4. SER MÃE EXIGE CONECTAR SUA HISTÓRIA COM A HISTÓRIA DE DEUS.

Há anos meu filho de quatro anos derrubou uma caixa de bolinhas de chiclete no chão de madeira de casa. Como você pode imaginar, elas se espalharam por todo lado. Gritei: “Noah, pega aquela! Rápido, aquela outra, antes que vá para debaixo do sofá! Tem outra ali, rolando!” O caos em

forma de bolinhas de chiclete tomou conta de nossa sala de estar. Meus braços se estenderam e minhas mãos pegaram bolinhas aqui e acolá. Foi uma bagunça generalizada que eu não pude controlar.

Depois disso, enquanto eu me lembrava daquele evento tolo, fiquei pensando em como minha vida como mãe, às vezes, traz essa mesma sensação. Todos os dias estou “perseguindo bolinhas de chiclete” que rolam para lá e para cá, e por toda parte. Você já se perguntou se esses momentos da maternidade aleatórios e insignificantes têm alguma importância?

Na história das Escrituras todas as partes aparentemente insignificantes, dolorosas, inesperadas e ocultas da nossa vida estão conectadas àquilo que Deus está fazendo. Um bebê boiando num cesto era obra de Deus. O mesmo vale para o ato íntimo e comum da mãe de Moisés ao amamentar seu filho. Na verdade nossa vida é tão importante que Deus nos vê, enquanto estamos sendo formados no ventre de nossa mãe, e ele se importa tanto com o que acontece conosco que “todos os dias determinados para [nós] foram escritos no livro [dele] antes de qualquer deles existir” (Sl 139:16).

Talvez não estejamos criando grandes líderes, como a mãe de Moisés. Mesmo assim, nossa história ainda está conectada à grande história de Deus de salvação e redenção de seu povo eleito.

Em Apocalipse 19:6-8, o autor nós dá um vislumbre de como a história termina:

Então ouvi algo semelhante ao som de uma grande multidão,
como o estrondo de muitas águas e fortes trovões, que bradava:
“Aleluia!,
pois reina
o Senhor, o nosso Deus,
o Todo-poderoso.
Regozijemo-nos! Vamos alegrar-nos
e dar-lhe glória!
Pois chegou a hora
do casamento do Cordeiro,

e a sua noiva já se aprontou.
Para vestir-se, foi-lhe dado
linho fino, brilhante e puro.”




Que dia grandioso será o dia quando o governo de Deus finalmente se estenderá sobre toda a criação, quando nos vestiremos com o linho providenciado por Jesus — puro e sem manchas. Naquele dia será estrondoso o louvor para o Único que é digno de recebê-lo.

Você vê a significância? Você faz parte dessa história. Você está criando filhos nessa peça que se desenrola. Você está no palco caminhando pela fé, buscando o reino de Deus, ansiando por um dia repleto de esperança. Sua história deve ser vivida sob a luz da história maior, se não você nunca entenderá a importância de seu chamado!


Amigas, temos a melhor “profissão” do mundo e não devemos subestimar o chamado em nossa vida apenas porque o que fazemos, muitas vezes, passa despercebido. Deus está vendo. E ele repara.



CAPÍTULO 5



Quarto mito: a maternidade nos consome totalmente e nos satisfaz plenamente



O coração humano toma as coisas boas, por exemplo, carreira bem-sucedida, amor, bens e até família, e as transforma em coisas soberanas. Nosso coração as deifica como o centro de nossa vida.

— TIMOTHY KELLER, *DEUSES FALSOS*.



O reverso de subestimar a maternidade é superestimá-la. Por um lado, preocupamo-nos em ser “só mães”; por outro lado, achamos que ser mãe tem de ser a coisa mais realizadora, mais gratificante e mais emocionante DO MUNDO!

O. Tempo. Todo.

Afinal, ser mãe não era com o que muitas de nós sonhávamos desde garotinhas?

É claro que nem toda menina brinca com bonecas ou “de casinha” com as amigas. Algumas gostam de subir em árvores, jogar bola ou enfeitar a bicicleta. Eu mesma (Karen) tinha uma face princesa e outra moleca. Embora adorasse usar vestidos, eu também gostava de brincar com os meninos da rua e estava sempre pronta para um jogo de kickball no quintal do vizinho. Mas não era raro eu e minhas amigas brincarmos “de casinha”, que era uma das minhas maneiras preferidas de passar uma tarde preguiçosa.

Em meu mundo imaginário eu era uma esposa dedicada e mãe amorosa. E não tinha só um ou dois filhos. Tinha uma porção! Na vida real eu tinha somente um irmão — quase quatro anos mais velho — e desejava fazer parte de uma família gigantesca. Igual aos Bakers, no fim da rua. Eles tinham dez filhos! Como era divertido passar na frente da casa deles, na época do Natal, e ver aquelas dez meias decoradas penduradas na janela da frente. Eles podiam improvisar um jogo de basquete na garagem usando apenas pessoas que compartilhavam do mesmo sobrenome. Eu tinha certeza de que não havia tédio na casa deles, com todas aquelas crianças e atividades. Para mim, ter uma casa cheia de irmãos parecia uma festa contínua, uma vida fabulosa.

Sempre que minha mente migrava para o futuro eu me visualizava cuidando da família. Ia ter um monte de filhos queridos. Um marido bonitão. Uma casa charmosa, com uma cozinha cheia de amor e comida caseira deliciosa. Embora eu pensasse em ter uma profissão, era apenas uma adição ao meu sonho principal de ser mãe. Ter uma carreira profissional seria divertido, mas não uma prioridade.

Durante cinco anos, depois de me casar, trabalhei como professora substituta e tutora do Ensino Médio, enquanto meu marido era pastor de jovens. Nossa vida era rodeada de crianças e adolescentes, embora não tivéssemos filhos ainda. E aí? Numa manhã, depois de me levantar, descobri que o teste de gravidez dera positivo e uma nenê, Ehman, estava a caminho. Vivaaaa!

Bom, mais ou menos.

Meus óculos cor-de-rosa se tornaram embaçados apenas alguns dias depois de deixar o hospital com nossa primeira filha. Eu simplesmente não estava preparada para o quão exaustivo, trabalhoso, emocionalmente esgotante e difícil era ser mãe! Por que ninguém me avisou? Eu tinha observado outras mães. Havia lido vários livros. Assistido a filmes e programas de televisão. E, embora tivesse visto conflitos e problemas de vez em quando, tudo parecia se resolver num intervalo de trinta minutos de um seriado de comédia. Ou, quem sabe, as mães que eu conhecia na vida real não me revelaram o panorama geral. Da visão que eu tinha da vida delas, a distância, a minha impressão era que não somente elas adoravam ser mães o tempo todo como ser mãe era a essência da existência delas e a fonte da mais profunda realização. Esse panorama de perfeição foi destruído para mim, porém, quando Mackenzie tinha uns dez dias de vida.

A gravidez tinha sido difícil. Fui internada por hiperêmese gravídica, que é a exacerbação dos sintomas normais dos primeiros meses da gravidez. Todas as manhãs, e a maior parte do dia durante quase oito meses de gestação, eu senti náuseas. Na verdade, senti náuseas até quando estava a caminho do hospital, em trabalho de parto! Embora a gravidez tivesse sido atribulada, eu esperava uma jornada tranquila na maternidade. (Ei! Achei que me deviam isso!).

Quase vinte e quatro horas em trabalho de parto e uma cesárea de emergência mais tarde, meu pequeno pacotinho cor-de-rosa de alegria chegou. Recuperei-me no hospital por quatro dias e então fui para casa com minha nova querida dependente. O arbusto de flores roxas no jardim da frente floresceu, enquanto eu estava no hospital. Agora, ele nos dava as boas-vindas com seu aroma doce. Kenzie estava vestindo o macacãozinho que eu tinha usado para ir do hospital para casa, ainda recém-nascida, e estava embrulhada na manta que meu marido havia sido embrulhado, quando recém-nascido. (Sim. As duas avós são sentimentais e gostam de guardar as coisas.) Foi um início adorável para minha profissão de mãe.

Eu estava em êxtase emocional. Minha mãe ficou comigo, nos primeiros dias, me ajudando com a roupa, a limpeza da casa, a comida e a

olhar o bebê, enquanto eu tomava banho e cochilava. Os amigos mandavam comida para que Todd e eu nos alimentássemos. Eu descansei, ninei e alimentei minha doce garotinha. “Não é tão difícil”, pensei. Mal esse pensamento se formou em minha mente e, bem... a vovó foi para casa, a comida dos amigos parou de chegar e a fadiga completa se instalou.

Certo dia, eu estava sozinha em casa com a nenê. Minha filha não era muito dorminhoca e raramente tirava uma soneca de mais de vinte minutos — e quase nunca dormia uma hora. Não era isso o que eu esperava! Achava que os bebês de menos de um ano tirassem duas sonecas por dia: uma que durasse algumas horas, de manhã, e outra mais longa, à tarde. Mas não a minha filha. Nem mesmo à noite ela conseguia dormir mais de três ou quatro horas seguidas.

Havíamos determinado, antes mesmo de eu ficar grávida, que não íamos dar chupeta. Eu tinha a ideia errônea de que as mães que davam chupeta aos filhos simplesmente não estavam fazendo algo certo. Chupetas eram desnecessárias. Com certeza, uma boa mãe deveria ser capaz de ensinar a criança a se acalmar sozinha. Todavia, certa tarde, encontrei-me pendurada, à beira de um precipício, sustentada somente por um fino cordão de sanidade.

A nenê quase não tinha dormido na noite anterior, e eu tinha passado a maior parte da noite acordada, andando pela casa e tentando fazê-la dormir. Além disso, não queria que ela acordasse meu marido em nossa casa minúscula de 80 m², pois ele tinha de trabalhar na manhã seguinte. Então, naquela tarde, achei que tiraria uma soneca para me recuperar, enquanto Kenzie dormia. Tinha certeza de que ela estaria exausta, já que tinha passado uma noite sem dormir. Mas eu estava enganada! Era como se alguém tivesse injetado cafeína na veia da criatura. Ela não pegava no sono; em vez disso, resmungava e chorava. Chutava e berrava como se tivesse morrendo de cólica.

Naquela tarde quebrei minha promessa maternal. Meti a mão na sacola de plástico azul e branca que tinha vindo do hospital, cheia de folhetos sobre amamentação, amostras de fraldas para recém-nascidos e diversas

ferramentas para mães de primeira viagem. Lembro-me de que nela havia... peraí... *uma chupeta!* Eu estava completamente desesperada e mais que pronta para quebrar minha promessa de nunca fazer uso de um desses artifícios. Encontrei a chupeta no fundo da sacola, ainda embrulhada num plástico higienizado. Meu medo de ser uma “mãe-chupeta” foi ofuscado pela necessidade inerente de, pelo menos durante alguns instantes, fechar os olhos e, quem sabe, não ter de voltar ao hospital — desta vez, para me internar devido à exaustão mental e física.

Coloquei a nenê no berço antigo que eu tinha emprestado de uma amiga. Puxei aquela relíquia para perto do sofá para que eu também pudesse me deitar. Então coloquei minha mão através da alça lateral para segurar a chupeta na boca de minha filha, enquanto ela estava deitada de lado. Demorou alguns minutos para seus pequenos lábios descobrirem como usar o objeto, mas ela acabou o aceitando. E não só o aceitou como também dormiu! Durante quatro horas! Agora eu era a mais nova mãe-chupeta. Aquela coisinha feita de plástico e silicone evitou que eu fosse à loucura. Naquela noite, quando meu marido voltou para casa do trabalho, não encontrou comida quente à sua espera, mas sim suas duas garotas preferidas, finalmente, dormindo. E nenhuma delas berrando.

Quando ser mãe é muito chato

Graças à chupeta mágica minha fadiga diminuiu, mas minha decepção com a maternidade aumentou. Não era agradável o tempo todo. Nem gratificante. Nem pitoresco ou sentimental e doce como eu tinha imaginado quando garotinha ou durante a gravidez. Não demorei a descobrir que há partes da maternidade que são simplesmente muito chatas!

Isso fez nascer uma tensão no meu coração. Embora eu quisesse buscar outras mães experientes para receber conselhos e encorajamento, meu orgulho me impedia de revelar o quadro completo do que estava acontecendo diariamente na minha casa-miniatura com essa miniatura de

ser humano. Felizmente, algumas de minhas amigas e mães experientes e sinceras sentiram o que estava acontecendo. Elas baixaram a guarda, me contaram histórias de quando se tornaram mães e me perguntaram como eu estava me saindo. A iniciativa delas foi um grande presente para mim.

À medida que eu ouvia aquelas mulheres, as quais eu considerava mães incríveis, compartilhando suas lutas com o cuidado do recém-nascido e seus sentimentos de desilusão, comecei a sentir que eu não estava sozinha. Nem que eu era estranha. Simplesmente nunca tinha me ocorrido, antes de me tornar mãe, que haveria dias em que eu não gostaria de ser mãe — nem um pouco! Dias em que a minha vontade era desistir. Jogar o paninho de boca. Voltar no tempo em que eu era responsável somente por mim, e não por alimentar, vestir e manter limpo outro pequeno ser — independentemente do quão lindinho e fofo ele pareça quando finalmente pega no sono.

Sim, as palavras sinceras de minhas amigas foram uma dádiva. Uma me contou como ela costumava sonhar com a contratação de uma babá em período integral para que pudesse fazer compras, assistir a filmes antigos e tirar uma soneca! Outra confessou que quando ela trouxe seu recém-nascido para casa, da agência de adoção, levou mais de um mês para retornar à sua rotina de tomar banho diariamente! Ainda outra me contou sobre a grave depressão pós-parto que sofreu e a ajuda médica que recebeu.

Essas histórias verídicas de momentos de mãe nem um pouco perfeitos me ajudaram a me livrar da culpa de mãe. Culpa de mãe é a pior de todas as culpas. Uma vez que temos visões tão idealistas do que será a maternidade — *antes* de termos pequeninos correndo ao redor da casa e estragando não somente a aparência de nossa casa, mas nossos cronogramas —, a culpa de mãe pode fazer com que sintamos vergonha. E arrependimento. E até mesmo, em alguns casos, remorso. Quando somos colocadas num ambiente em que se perpetua o mito de que a maternidade traz à mãe satisfação plena, sentimos que não temos aonde ir com nossas frustrações. Cercar-nos de outras mães que compartilham seus sentimentos com sinceridade e nos levam à conclusão de que nossos sentimentos não

são errados é crucial para ganharmos uma perspectiva saudável acerca da maternidade.

Demorou um tempo para eu encontrar essa perspectiva saudável. No entanto, com a ajuda e sinceridade de algumas amigas-mães do tipo “já passei por isso e, às vezes, ainda passo”, consegui aprender algumas verdades sobre esse mito da maternidade. Deixe-me compartilhá-los com vocês.

Primeiro, como minhas sábias amigas me mostraram...

1. É NORMAL SENTIR-SE DECEPCIONADA.

Tire a máscara. Pare de fingir aquele sorriso. Não é errado sentir-se decepcionada na maternidade. No caso de algumas mães, não é o que esperávamos que fosse, e os sentimentos do tipo “Ele ou ela não é a coisa mais preciosa?” se transformam em sentimentos do tipo “Só quero um pouco de tempo para mim!” No caso de outras mães, exigirmos demais e não sermos capazes de satisfazer nossas expectativas de ter um quarto de bebê perfeito, não termos uma refeição completamente caseira à mesa, um bebê que se ajusta ao nosso programa e uma vida de trabalho ou atividades que permanece quase a mesma de antes pode nos empurrar ladeira abaixo com sentimentos de desespero. A verdade é que a vida é cheia de decepções — inclusive no que se refere a ser mãe. Quando foi que nos prometeram que nos sentiríamos felizes cem por cento do tempo? O próprio Jesus disse: “Neste mundo terá aflições” (Jo 16:33). Então, por que ficamos surpresas quando os problemas surgem? Nós, mães, não temos imunidade. A chave é saber aonde ir com nossas decepções — para Deus — e também certificarmos de que temos amigas próximas que nos permitirão compartilhar de nossas lutas com sinceridade e que irão orar conosco e nos direcionar ao Senhor para nossas respostas.

2. SÓ PORQUE VOCÊ NÃO ADORA ALGUMAS TAREFAS QUE SEU PAPEL DE MÃE REQUER QUE VOCÊ FAÇA NÃO QUER DIZER QUE VOCÊ NÃO AMA SEU FILHO.

Tudo bem... essa tem enganado muitas mães! Crianças precisam de cuidado, principalmente quando bebês. É preciso dar banho neles, trocá-los, alimentá-los e fazê-los arrotar. É preciso lavar, secar e guardar as roupas deles; ir ao supermercado e arrumar a cozinha. Há formulários a serem preenchidos e informações a serem fornecidas — dezenas, se não centenas de vezes durante o tempo em que seus filhos são crianças. Quando eles crescem e começam a praticar esportes e atividades, haverá zilhões de vezes — vou falar para você — em que seu bumbum ficará quadrado de tanto sentar no banco do ginásio de esportes, ou no carro, esperando seus filhos saírem da escola, totalmente entediada!

Cuidar dos filhos é serviço árduo, composto de tarefas mundanas que devem ser repetidas por dias e anos intermináveis. Só porque você não adora fazer essas tarefas não quer dizer que você não ama seus filhos. Não confunda as coisas. Veja se há alguma maneira criativa de você delegar algumas dessas tarefas ou revezar-se com uma amiga. Muitas vezes, minha amiga levava nossas crianças para uma programação na igreja, às quartas-feiras (e assim eu tinha a noite livre), e, em troca, eu as levava para a aula de esportes, pois não me importava de ficar esperando. Isso me ajudava a reduzir o tempo que eu tinha de passar fazendo tarefas de mãe que eu não adorava. Mas, só para você saber — é possível amar seus filhos e odiar algumas coisas que você tem de fazer para cuidar deles.

Aqui está uma notícia:

3. É NORMAL, DE VEZ EM QUANDO, AS MÃES SENTIREM VONTADE DE SUMIR DO MAPA.

Sim, é verdade. Certa vez, quando estava conversando com algumas amigas, todas nós confessamos ter sonhado em sumir do mapa, algum dia.

Imaginamos uma vida em que não éramos responsáveis por ninguém, exceto nós! Confessei que gostaria de ganhar a vida como garçõete, morando num apartamento antigo de um quarto, numa cidade grande, e passando o tempo livre assistindo ao meu seriado favorito, pesquisando minha árvore genealógica na internet e bebendo chá gelado. Você consegue imaginar: lavar roupa e fazer compras no mercado só para si mesma? [Suspiro.] Mas, depois de termos revelado nossas fantasias de vida de solteira e sem filhos umas às outras, rapidamente adicionamos como isso não duraria muito. Sentiríamos falta da família depois de alguns poucos dias e voltaríamos correndo!

4. SE ALGUMA MÃE LHE DISSER QUE SIMPLEMENTE AMA SER MÃE CEM POR CENTO DO TEMPO E NUNCA SE SENTE DESANIMADA OU DESILUDIDA, ELA NÃO ESTÁ DIZENDO A VERDADE.

No início da minha vida de mãe e quando comecei a ensinar meus filhos em casa, como é permitido nos Estados Unidos, eu estava cercada de algumas mulheres que pareciam ser a epítome da perfeição no que se referia a ser mãe. Elas não somente pareciam fazer tudo, mas também pareciam amar tudo — o tempo todo. Eu me sentia muito pequena comparada com essas mães. Pensava que elas deviam ter sido mergulhadas num molho secreto especial que as tornava contentes, realizadas e energizadas apenas por ter pequeninos chamando-as de mãe e por passar todas as horas do dia realizando os inúmeros deveres que resultava desse título. Anos mais tarde, descobri a verdade. Em alguns casos, era puro fingimento. Elas acabaram por se ressentir do fato de serem mães em período integral, sem *hobbies* ou interesses próprios. Infelizmente, algumas dessas mulheres largaram a família e saíram “em busca de si mesmas”. Para a maioria delas, isso resultou num *affair* e num relacionamento problemático com os filhos. Cuidado com essa imagem da perfeição! Cultive amizade com mães que compartilham com você as alegrias e as frustrações da maternidade de

forma aberta e sincera e que não tentam pintar um retrato da perfeição. E isso nos leva para o próximo item...

5. CERQUE-SE DE AMIGAS SINCERAS E QUE TAMBÉM ORARÃO POR VOCÊ EM CASO DE EMERGÊNCIA.

Não importa o que você faça, encontre essas amigas! Você precisa delas em sua lista de contatos “favoritos” no celular, para que você telefone ou envie mensagem para elas quando precisar de apoio ou conselhos. Ou, principalmente, naqueles momentos em que você sente que chegou ao seu limite — à beira de um ataque de nervos ou de perder a paciência com seu filho. Seu círculo de amigos precisa ser composto por amigas cristãs e mães. Tenho quatro amigas mães que, junto comigo, formam um grupo que se chama “Good Morning Girls” (veja www.goodmorninggirls.org). Nossa razão principal para entrar em contato todos os dias via grupo de mensagens é prestação de contas, para que o grupo saiba que naquele dia dedicamos um tempo orando e lendo a Bíblia. Além disso, também usamos esse grupo para trocar conselhos relacionados com a maternidade e orações de emergência. Não posso imaginar minha vida sem meu Good Morning Girls. Se você não sabe onde encontrar tais amigas, procure uma igreja cristã ou envolva-se com um grupo de mães cristãs. Torne sua prioridade orar para que Deus a conduza a amigas desse tipo e não pare de orar até que você as encontre!

6. NÃO DEIXE QUE SEUS SENTIMENTOS DE FRUSTRAÇÃO COM A MATERNIDADE LEVEM VOCÊ À LOUCURA; PARA ISSO, ENTRE EM ORAÇÃO.

Embora seja importante que tenhamos amigas que orem por nós, é ainda mais crucial que oremos por nós mesmas. O recurso apresentado na seção de material adicional intitulado “Guia semanal de oração da mãe” pode

ajudar nessa empreitada. Você pode fazer cópias dessa seção para colocar dentro de sua Bíblia ou pendurar em algum lugar em casa para ajudá-la a se concentrar, enquanto ora. Você também pode fazer um caderno de orações com base nessa seção.

Única identidade ou identidade da alma?

Não somente temos a noção errônea de que a maternidade nos realiza plenamente, mas também temos a impressão de que ela nos consome totalmente: se queremos que nosso filho se torne um adulto “normal”, não podemos nos dedicar a qualquer outra coisa exceto ser mãe — nunca! Ser mãe deve ser nossa identidade única!

A essa altura, você já deve ter entendido que não defendemos a posição de ser mãe em período integral nem a da mãe que trabalha fora de casa. Na verdade há tantas combinações possíveis hoje! Você e seu marido — caso você tenha um — devem decidir com cuidado e em oração qual mistura Deus tem para você durante este período da sua vida. E você deve também estar aberta para reavaliar e se reajustar no futuro. Muitas mães engoliram as próprias palavras ao dizer “Nunca vou trabalhar fora de casa” ou o inverso: “Nunca vou ser mãe em período integral.” Mas, a menos que você goste de saborear as próprias palavras, sugerimos que não use a palavra “nunca”! Em qualquer combinação que seja boa para você, evite colocar todos os seus ovos na cesta do “melhor mãe e esposa do mundo — e só”.

Essa perspectiva da maternidade, embora pareça piedosa e bíblica, pode ser uma armadilha perigosa. É a perspectiva que diz não apenas que nossa família é o nosso ministério mais importante (o que é verdadeiro e saudável), mas também que é nosso único ministério, nossa única razão de existir. Fim da história. Parada completa. Agora, antes de algumas de vocês jogarem este livro contra a parede ou partirem para uma busca na Bíblia que prove que estamos erradas, deixe-me explicar.

Sou esposa. Sou também mãe de três. E levo esses dois papéis muito a sério. Durante meu dia de trabalho eu me lembro de que sou a sra. Todd Ehman e a mãe de Kenna, Mitch e Spence. Adoro passar tempo com eles, servi-los e inventar maneiras criativas de demonstrar meu amor. No entanto, sou mais do que mãe. Sou filha. Sou irmã. Sou vizinha, amiga e colega de trabalho. Todos os relacionamentos em minha vida contribuem para a totalidade de quem eu sou.

Se — não posso nem imaginar! — meu marido e meus filhos fossem vítimas fatais de um acidente amanhã, eu não inferiria: “Bem, então o Senhor pode me levar também. Minha vida acabou. Essas quatro pessoas eram meu único ministério e minha única razão de viver”. Não! Vejo muitas razões para existir ao meu redor: meus pais, que estão envelhecendo, a nova amiga da igreja, minhas colegas com quem sirvo no Proverbs 31 Ministries, minhas leitoras — e até a vizinha rabugenta! Todas essas almas são “pessoas propositais”. Deus as colocou em minha vida com um propósito, por um motivo. Tenho muitas formas de glorificar e servir a Deus. Minha família é a primeira forma, mas a coisa não para por aí. Deus não me deu uma única identidade. Ele me dá uma identidade *da alma*, algo muito maior do que qualquer uma de nós pode compreender.

Algumas mulheres da Bíblia eram conhecidas por serem esposas e mães, mas também tinham outros papéis importantes:

- ✿ *A mulher de Provérbios 31* era mãe. A passagem diz que seus filhos se levantavam e a elogiavam. A passagem também diz que ela acolhia os necessitados, cuidava dos negócios da casa, administrava seu comércio lucrativo, tinha excelente reputação na comunidade e era empregadora de servas. A maternidade não era seu único papel.
- ✿ *A sunamita* (2Rs 4) é conhecida por sua hospitalidade, principalmente no caso do profeta Eliseu. Era também mãe. Isso não confinou seu ministério às quatro paredes.

✿ *A mulher do Novo Testamento, Lídia (At 16) era vendedora de tecido de púrpura, da cidade de Tiatira. A passagem diz que ela adorava a Deus e que o Senhor abriu seu coração para atender à mensagem de Paulo. Como resultado, ela e “os de sua casa” foram batizados. Além disso, ela convidou Paulo e seus amigos para ficarem em sua casa. Isso sugere que ela era casada e, talvez, também mãe.*

Sim, ser mãe é uma parte bastante importante de quem você é e do que faz, mas não é sua identidade única. Portanto, em sua jornada da maternidade, talvez seja sábio manter em mente o seguinte:

1. LEMBRE-SE DE QUE, ANTES DE TUDO, VOCÊ É FILHA DO REI.

Quando a vida chegar ao fim, tudo se reduzirá a você e Jesus. Você responderá por tudo o que fez e o que não fez na vida. Você não responderá por outros. Mantenha seu papel na qualidade de filha do Rei como o mais importante e encontre sua identidade nele.

2. NÃO FAÇA DA MATERNIDADE UMA COMPETIÇÃO.

A maternidade não é uma competição. Não tente se destacar sendo “mais mãe do que todas”. Isso nunca termina bem. Além disso, evita que você estabeleça relacionamentos saudáveis e sinceros com outras mães por conta do ciúmes e da comparação.

3. RECONHEÇA QUE EXTRAIR SUA IDENTIDADE DE “SOU MÃE DO FULANO” É PERIGOSO.

Com certeza, adesivos do tipo “mãe orgulhosa do fulano” e camisetas com dizeres do tipo “mãe da beltrana” são divertidos e encorajam nossos filhos. Mas cuidado para não ir longe demais, tatuando em seu coração uma identidade que emerge apenas de quem você é mãe. Isso é idolatria.

4. NÃO ESCONDA QUEM VOCÊ É E O QUE GOSTA DE FAZER DE TAL MANEIRA QUE MAIS TARDE VENHA A SE RESENTIR DISSO.

Mantenha vivos seus *hobbies* e interesses à medida que seu cronograma e suas responsabilidades familiares permitirem. Isso pode se dar trabalhando fora de casa, trabalhando em casa, atuando como voluntária ou por meio de um passatempo que você adora. Revezar-se com uma amiga no cuidado de seus filhos ainda pequenos é um ótimo jeito de vocês duas fazerem isso regularmente e de seus filhos interagirem com outras crianças.

5. DÊ UM DESCANSO A SI MESMA.

Às vezes, quando a maternidade nos consome totalmente é porque nos tornamos mães que fazem coisas demais, criando filhos que fazem coisas “de menos”. Dê um descanso a si mesma.

Minha filosofia é que se uma criança pode jogar *videogame* ou usar um *smartphone* pode também ligar uma lava-roupas ou lava-louças e passar aspirador de pó. Seus filhos precisam contribuir com as tarefas domésticas, afinal de contas, eles também moram lá. Coloque os pés para cima, enquanto eles limpam ou cozinham ainda pequenos. Você não apenas vai descansar um pouco como vai ensiná-los habilidades necessárias para viver. Algum dia os cônjuges de seus filhos vão adorar e agradecer-lá por isso!

6. OBTENHA SATISFAÇÃO NA PARTE DE VOCÊ QUE USA O CRACHÁ “MÃE”, MAS PERCEBA QUE ESSE NÃO É UM LUGAR PERMANENTE PARA VOCÊ PENDURAR SEU CHAPÉU DA FELICIDADE.

É claro que você deve regozijar-se em ser mãe. A maternidade lhe trará prazeres com frequência. No entanto, a verdadeira alegria vem de servirmos a Jesus. Se você pendurar seu chapéu da felicidade em ser mãe, vai experimentar desespero durante tempos difíceis ou quando seu filho não estiver fazendo escolhas boas ou piedosas. Obtenha sua alegria verdadeira de ser seguidora de Jesus, e não de ser mãe do fulano ou beltrano.

7. CUIDADO PARA QUE SEU FILHO NÃO SE TORNE SEU ÍDOLO.

Cuidado para não fazer de seus pequeninos (e não tão pequeninos) deuses. Deus é Deus. Colocar qualquer coisa ou pessoa em seu lugar é idolatria. Até relacionamentos maravilhosos e virtuosos podem se tornar idolatria, se não tomarmos o cuidado de manter nossos relacionamentos e prioridades na ordem adequada.

Viva suas prioridades

Sou uma pessoa visual. Gosto de cercar os espaços em casa, por exemplo, a mesa de trabalho ou a pia da cozinha, com lembretes das minhas prioridades na vida. Essas prioridades são Deus, meu marido, meus filhos, meus parentes e as outras pessoas que Deus colocou em minha vida.

Nessa. Ordem.

Tenho várias coisas em exibição: porta-retratos de mim e meu marido dos tempos da faculdade e do nosso casamento; as fotos preferidas de nossos filhos quando eles eram pequenos; versículos da Bíblia escritos em notas adesivas; e uma citação da escritora Elisabeth Elliot: “A diferença é

Cristo em mim. E não eu num conjunto diferente de circunstâncias”. Mas o item mais importante é uma antiga cruz de madeira feita para mim por um menino do bairro, usando dois gravetos e fio de juta.

Embora eu adore espiar minhas lembranças nostálgicas, enquanto digito (ou guardo as louças), tento me lembrar de que a cruz de madeira é a mais importante delas. Quando me tornei seguidora de Jesus, aos dezesseis anos, depositando minha confiança nele e na obra consumada na cruz para comprar minha salvação, minha vida mudou completamente. Jesus se tornou tudo para mim, minha razão de viver, minha esperança para o futuro. Às vezes, durante a loucura que muitas vezes é a maternidade, posso perder de vista esse relacionamento. Posso me tornar tão ocupada com a família e o trabalho, servindo ao Senhor e adorando, que me esqueço de apenas parar e amar o próprio Deus de quem sou serva.




Colocar Jesus em primeiro lugar não significa negligenciar a família ou o trabalho. Significa que, em todos os relacionamentos e situações que resultam de nossos muitos papéis, nossa meta principal é agradar a ele. Sua caminhada com Jesus pode fazer de você uma esposa melhor. Sua caminhada com Jesus vai capacitá-la a ser a melhor trabalhadora que você pode ser. Sua caminhada com Jesus vai melhorar seus relacionamentos com todas as pessoas em sua vida. E, mais importante do que tudo, sua caminhada com Jesus vai ajudá-la a correr a maratona da maternidade adequadamente, com seus olhos fixos em agradar a Deus, e não aos outros. Nem mesmo à sua família.

Saiba onde fixar seu foco. Somente nosso relacionamento com Deus deve nos consumir totalmente. Somente nosso serviço a ele deve nos satisfazer plenamente.


O. Tempo. Todo.



CAPÍTULO 6



Quinto mito: uma boa mãe consegue fazer tudo (e ao mesmo tempo)



Se a evolução realmente funciona, por que as mães têm apenas duas mãos?

— MILTON BERLE.



Você já viu um homem-orquestra tocando? Aquela figura engraçada com vários instrumentos musicais presos ao próprio corpo? Às vezes ele até tem um suporte segurando uma gaita e outro segurando uma trompa. Quando o homem-orquestra entra em ação, ele começa a tocar uma música (e até a cantar!) usando todos os instrumentos quase ao mesmo tempo. É muito divertido. Ainda mais para as crianças. Mas eis algo sobre o homem-orquestra: você não vê muitos deles. Por quê? Bem, talvez porque ele seja meio que uma coisa antiga, mas também porque é necessário muito esforço para fazer tantas coisas simultaneamente. Ou porque o homem-orquestra seja divertido para os olhos, porém não tão agradável aos ouvidos.

Durante minha experiência como mãe, eu (Karen) senti grande pressão para ser mãe-orquestra no que se refere a todas as coisas relacionadas à minha família. E à minha igreja. E aos meus parentes. Ah, sem esquecer dos diversos modelos educacionais nos quais meus filhos se encontravam, naquela época (inclusive educação domiciliar, escola particular e, mais recentemente, um dos meus filhos, que estudou em duas escolas públicas distintas).

Numa tarde de outono, há cerca de dez anos, esta mãe-orquestra quase veio por terra, levando todos os seus instrumentos — e sua sanidade — com ela. E o mais curioso foi *o que* me conduziu ao meu limite. Foi simplesmente uma ligação telefônica.

O telefone de casa tocou, numa tarde comum. Meu marido fazia o turno da noite, então normalmente “jantávamos” juntos por volta da uma da tarde. Todos os nossos filhos estudavam em casa naquela época, e o esquema funcionava bem para curtirmos uma refeição como família, antes das crianças terminarem seus estudos e de o papai ir para o trabalho.

Eu me levantei para começar a tirar os pratos da mesa, deixando algumas coisas para meus filhos tirarem também, quando o telefone tocou. Coloquei uma tigela no balcão para atender, indo para a sala de estar para poder falar.

Depois de um breve momento, voltei para a cozinha. Minha expressão dizia a todos que algo estava terrivelmente errado. Meu queixo começou a tremer e meus olhos começaram a marejar. De repente, explodi em lágrimas, saí da cozinha correndo e fui para o quarto, onde me joguei na cama e continuei a chorar.

É claro que meu marido e meus filhos ficaram preocupados. O que tinha acontecido? A ligação telefônica era sobre algum parente envolvido num acidente? Alguém havia morrido? Alguma tragédia nacional tinha ocorrido? (Isso foi logo depois do 11 de setembro.)

Cautelosamente, meu marido entrou no quarto e sentou-se à beira da cama. Colocou sua mão em minhas costas, enquanto eu continuava a

soluçar, a cabeça enterrada no travesseiro. “Karen, o que aconteceu?”, ele queria saber.

Ele estava esperando uma história triste. A história trágica de um acidente ou algo parecido. Talvez mais um divórcio de uma amiga ou o diagnóstico médico terminal de um parente. Em vez disso, ele ouviu uma esposa surtada se recompor apenas o suficiente para proferir as seguintes palavras gagas e ofegantes:

“Ligaram do gabinete do Senador Garcia para ver se eu podia fazer duas dúzias de biscoitos para os que vão trabalhar na sede da campanha durante o resultado das eleições, na terça-feira. E... [solução, tentativa de conter o choro] eu DISSE QUE SIM!”

Então, enterrei o rosto novamente no travesseiro, apertando-o com as mãos, e reiniciei o choro incontrolável.

Mas que diabos era aquilo?

O que poderia fazer uma mulher capaz e inteligente chorar como um bebê diante da ideia de fazer vinte e quatro biscoitos? Era porque eu tinha deixado meu prato ficar tão cheio — sendo esposa, mãe, membro da igreja, vizinha, filha e amiga — que não havia espaço suficiente nem mesmo para preparar uma receita de biscoitos. E, ainda assim, sentia-me pressionada a aceitar a tarefa, uma vez que me parecia ser essa a expectativa.

Muitas mães se sentem pressionadas a fazer tudo. Também sentimos o peso de querermos parecer capazes e competentes. Além disso, as mães que ficam com os filhos em casa enfrentam a percepção adicional de que elas têm tempo de fazer todas essas coisas, já que não trabalham fora. Muitas pessoas acreditam que ficar em casa com os filhos, automaticamente, adiciona quarenta horas por semana de tempo livre ao cronograma de uma mãe; então, com certeza, ela é capaz de fazer biscoitos ou ser a única organizadora do Chá de Natal ou do Banquete do Dia das Mães da igreja. (De alguma forma, nunca ocorre às pessoas que, embora essas mães não trabalhem fora quarenta horas semanais, muitas vezes diversas estão cuidando dos seus filhos, e até dos filhos dos outros, durante as quarenta horas. E essas crianças fazem bagunça e precisam ser alimentadas, o que

cria trabalho e suja louças e, bem... basicamente consome essas horas. Mães que ficam em casa e mães que trabalham fora são igualmente muito ocupadas.)

A percepção combinada dos outros e a pressão que eu colocava sobre mim para querer ser gostada por todos e vista como tão capaz e confiante levaram o copo a transbordar naquele dia. Fez com que uma mulher calma e controlada se tornasse um bebê chorão diante da ideia de assar alguns biscoitos para os trabalhadores das eleições.

Agora eu poderia ter educadamente recusado a oferta para contribuir com a campanha do senador, mas não o fiz. Com certeza eu deveria conseguir adicionar aquela tarefa ao meu cronograma. E talvez, pensei, não poderia dizer não para a voz do outro lado da linha naquele dia. Afinal, era meu dever cívico! E era uma tarefa relativamente simples. Não deveria ter causado tal estrago. Minha rápida conversa com o gestor da campanha me ensinou algumas coisas em relação a fazer tudo ao mesmo tempo. E como isso quase acaba conosco, mães!

Como eu cheguei a esse ponto?

Às vezes tentamos ser supermulheres e fazer muito mais do que jamais fomos projetadas para fazer, porque temos medo de decepcionar os outros. Basicamente, é querer agradar aos outros. Além disso, nós superestimamos o volume de coisas que somos capazes de fazer. O número de responsabilidades com as quais podemos fazer malabarismo. O número de instrumentos musicais que podemos tocar simultaneamente em nossa mãe-orquestra. Vamos quebrar esses padrões de pensamentos, um de cada vez. Talvez possamos desmascarar essa personagem fictícia e frustrante — a Supermãe.

Ah, você conhece a Supermãe, não conhece? Na verdade, é provável que você tenha tentado ser essa figura, uma ou duas vezes na vida. Ou, quem sabe, você tente constantemente ser ela, todos os dias! No mínimo,

você deve ter espiado essa personagem completamente fora de controle em pelo menos um dos círculos de mulheres em que atua.

A Supermãe tem superpoderes. Um deles, óbvio a todos, é sua inteligência doméstica. Ela é capaz de não apenas manter sua casa em perfeito estado de organização e limpeza, mas também de cozinhar todas as refeições para sua família, colocando-a sobre a mesa feita à mão na qual ela trabalhou durante o fim de semana, depois de ver um projeto “faça você mesmo” no Pinterest. Ela usa somente o melhor sabão orgânico para lavar as roupas dos filhos. Sua casa é decorada com bom gosto e digna de ser fotografada para uma revista, não importa quando você apareça para uma visita. Ter o lar e a comida em perfeitas condições para seus filhos está no topo da sua lista de prioridades maternas.

A Supermãe também é uma administradora extraordinária. Ela conduz os negócios de forma firme e eficiente. Não perde as consultas médicas nem atrasa a entrega de autorizações para as atividades escolares dos filhos. Certifica-se de que eles sejam conduzidos para as atividades esportivas e extracurriculares na hora certa e nunca se esquece de mandar um lanche saudável. O cronograma doméstico funciona como um relógio, e seus filhos nunca estão atrasados para nada. Essa mulher poderia não apenas dirigir uma pequena nação como fazê-lo enquanto dorme.

Embora seja a Supermãe para seus superfilhos, ela não negligencia o marido. Ela é também uma superesposa. É claro que isso também é para o benefício dos filhos, pois ela quer cultivar um ambiente seguro e de amor para eles, uma aspiração muito nobre! Mesmo estando supercansada, a Supermãe coloca sua fadiga de lado para estar emocional e fisicamente disponível para seu marido. E para seus filhos, principalmente quando são pequenos e exigem tanto de sua força corporal.

Nossa heroína deve também caber no uniforme da Supermãe. Sua capa é longa e funcional, e ela parece extremamente elegante em seu *collant*, sem mostrar nenhuma barriguinha resultante da gravidez ou flacidez na parte superior do braço, enquanto desempenha suas tarefas. Tem de manter a forma para o maridão. E para os filhos também. Com certeza, ela não quer

decepcioná-los quando se gabarem da Supermãe para os amiguinhos no parque.

Mas essa figura do tipo “consigo fazer tudo” tem uma perspectiva distorcida. Primeiro, ela acredita que deve tentar fazer tudo a fim de manter sua reputação na igreja, na comunidade e no local de trabalho — para que os outros não somente gostem dela, mas também acreditem que ela é extremamente capaz e completamente competente.

Tentar agradar aos outros — e fazer com que as pessoas não apenas gostem de nós, mas também estimem nossas habilidades — pode ser exaustivo. Quando adotamos essa mentalidade, desgastamo-nos completamente. O que parece isso na vida de uma mãe? E por que raios continuamos a viver desse jeito?

O que parece é uma mulher que diz sim para tudo. Recebemos um e-mail de alguém da igreja que precisa que lideremos um projeto ou evento. Dizemos sim. Pode ser até que gostemos das responsabilidades e dos deveres que vêm com esse papel, e sem dúvida devemos servir na igreja. Mas há vezes em que dizemos sim só porque nos sentimos pressionadas a fazê-lo.

Quem sabe éramos encarregadas dessa atividade ou desempenhávamos esse papel no passado, portanto sentimos a obrigação de continuar. Ou gostamos muito da pessoa que nos pediu para assumir a responsabilidade e tememos que, se dissermos não, essa afinidade não seja recíproca. Ou talvez a pessoa que enviou o e-mail pareça desempenhar três ou quatro funções na igreja sem muito esforço, enquanto nós não estamos realmente servindo de nenhuma forma, exceto frequentando os cultos, semanalmente. Talvez nos sintamos sem graça por dizer não a uma responsabilidade quando algumas pessoas parecem assumir outras com tanta facilidade. E, no caso da mulher que não trabalha fora de casa em período integral, bem, ela por vezes sente que um sim é quase esperado dela, uma vez que é vista como alguém com muito tempo sobrando. Como ela pode dizer não, enquanto outras que trabalham fora estão contribuindo? Ela não quer se assemelhar a uma

pessoa que foge de suas obrigações, então é tentada a dizer sim para não parecer preguiçosa.

Tentar impressionar e agradar aos outros, com certeza, consome muita energia da Supermãe (ou talvez somente diminua seus superpoderes!). Mas não é apenas esse esforço para agradar aos outros e manter uma boa imagem que suga as forças da Supermãe. Há outra coisa que a leva à exaustão: nossa defensora doméstica do lar também superestima as próprias habilidades e subestima suas restrições de tempo.

Às vezes, nós, mães, deixamos nosso prato encher demais. Continuamos a empilhar mais e mais coisas. Responsabilidades externas. Responsabilidades internas. Um compromisso aqui. Uma atividade acolá. Um relacionamento aqui. A pilha sobre nosso prato só aumenta, cada vez mais. E então, quando nos pedem para acrescentar mais uma responsabilidade, nunca nos ocorre que é necessário remover algo de nosso prato já tão cheio para abrir espaço para o novo item. Por quê? Porque nós, Supermães, temos a enorme certeza de que, se somente reorganizarmos tudo no prato, de alguma forma vamos conseguir fazer caber tudo. Afinal, um de nossos superpoderes é o de realizar várias tarefas ao mesmo tempo. Estamos fazendo malabarismo com treze bolas. De modo que aquela décima quarta bola não vai fazer muita diferença.

Com certeza não estou tentando condenar ninguém por esse pequeno fenômeno que ocorre em nossa vida de mãe. Nós, mulheres, somos fortes. Capazes. Inteligentes. Competentes. Criativas. Essas são todas características bastante úteis que nos ajudam em nossa busca de sermos boas mães. Mas, às vezes, esses pontos fortes podem se transformar em pontos fracos, porque não levamos em conta essa coisinha que nós, mulheres, também temos:

Limitações.

O quê? Uma mulher tem limitações? Não pode ser. Não é um de seus superpoderes ela ser flexível e dobrável? Ela possuir grande elasticidade e poder ser mais esticada do que a Mulher-Elástico?

Precisamos acabar com essa noção de que nós, mulheres, não temos limitações, que somos capazes de continuar a acumular funções sem jamais deixar a peteca cair. Se não percebermos nossas limitações, poderemos em breve nos encontrar não só fisicamente incapazes de fazer todas as coisas com o que nos comprometemos, mas também emocionalmente perturbadas. E, quem sabe, poderemos até explodir em lágrimas diante da simples ideia de assar duas dúzias de biscoitos!

A decisão de delegar

Além da minha propensão de viver sempre ocupada demais, eu também nunca fui boa em delegar. Não sei como isso veio a ser assim; sei apenas que é verdade. Em casa ou fora dela, num comitê ou numa situação de trabalho, quero fazer tudo. No entanto, eu não necessariamente acho que sei fazer tudo; tem mais a ver com o fato de que quero que seja feito do meu jeito.

Quando meus filhos eram pequenos, eu e uma amiga iniciamos um ministério chamado “Mug and Muffin”. Éramos um pequeno grupo de mães que se reunia na casa da minha amiga, uma vez por mês. Ela precisava limpar a casa e preparar tudo. E era fabulosa nessa tarefa. Ela tem o dom da hospitalidade.

Havia muitos outros deveres a serem feitos para possibilitar esse ministério. A cada mês alguém devia arranjar uma oradora para falar sobre um tema específico relacionado à maternidade. Essa pessoa também precisava se corresponder com a oradora, fornecendo-lhe os detalhes e a logística do encontro. Alguém tinha de digitar e preparar um folheto para enviá-lo às cinquenta ou mais mulheres na lista de endereços. (Isso era antes do Facebook ou qualquer outro tipo de rede social, então fazíamos as coisas à moda antiga e mandávamos os folhetos pelo correio.) Uma vez que o folheto estivesse pronto, alguém devia levá-lo para a gráfica e buscá-los quando fossem impressos, dobrá-los, endereçar e selar todos os envelopes.

Mais um aspecto desse ministério era preparar e embrulhar as lembranças do evento depois de solicitá-las para um estabelecimento comercial da região ou comprá-las na loja. Adicionalmente, alguém tinha de liderar a reunião mensal, apresentando a oradora e entregando as lembranças de uma forma criativa.

Embora essas tarefas devessem ser divididas entre três ou quatro pessoas, eu simplesmente as fazia todas. Sim, todas! Talvez eu fosse meio controladora, mas queria ter certeza de que tudo seria feito certo. Em outras palavras, queria que tudo fosse feito do meu jeito! Em minha defesa, no passado, eu havia dado com os burros n'água ao recrutar auxílio para algo, explicando tudo o que precisava ser feito de forma detalhada e repassando a tarefa para a pessoa que tinha se voluntariado. Ocorreu apenas um probleminha: ou a pessoa fazia tudo atrapalhado ou se esquecia de realizar a tarefa. Já que eu era responsável pelo projeto e tinha delegado uma pequena parte dele, se as pessoas não fizessem a parte delas, pegava mal para mim. E eu não queria isso! Conseqüentemente, eu desenvolvi o hábito de nunca delegar e sempre fazer tudo eu mesma.

Carreguei essa mesma mentalidade para meu papel de mãe, fazendo tudo o que precisava ser feito em casa para meu marido e meus filhos. Mas levou apenas alguns anos para eu me dar conta de que fazer tudo era não somente impraticável, mas também exaustivo. Felizmente, Deus interveio e me permitiu aprender com a experiência que eu realmente não posso fazer ou ter tudo, pelo menos não ao mesmo tempo.

Era preciso delegar. Eu não podia fazer malabarismo com mais bolas do que um artista veterano de circo sem deixá-las cair no chão! Embora uma mulher que fica em casa com os filhos precise destruir o mito de que ela é “só mãe” e que, de alguma forma, isso é “menos” (passei por isso e permaneci nessa posição por mais de quinze anos!), aquelas de nós que trabalham fora ou realizam muitos projetos de voluntariado ou ministério têm de perceber que simplesmente não podem fazer tudo, muito menos simultânea e continuamente. (É nesse ponto que insisto a maior parte do tempo em meu ministério como autora e palestrante.)

Ao fazer essa observação, não estou dizendo que se uma mulher opta por trabalhar fora de casa, por razões pessoais ou financeiras, seus filhos serão problemáticos, tampouco que ela é, de alguma forma, insuficiente, sendo sua única alternativa certa e piedosa se tornar mãe em período integral. Não estou dizendo isso. O que estou dizendo é que temos de fazer escolhas e, então, conviver com as consequências de tais escolhas. É uma lógica simples.

É impossível estarmos em dois lugares ao mesmo tempo. Portanto, se eu estiver longe de casa boa parte do tempo, trabalhando fora, talvez perca alguns dos marcos no desenvolvimento de meu filho. Isso não quer dizer que eu seja uma mãe ruim. Nem é pecado. É apenas a realidade. E se eu tiver de trabalhar fora de casa por motivos financeiros ou por outras razões, preciso confiar em Deus nessa decisão. Não posso me torturar por não ser mãe em período integral. Não preciso temer nem me lamentar, tampouco passar tempo me preocupando se meu filho enfrentará prejuízos irreparáveis porque eu não fiquei em casa em período integral com ele.

Minha mãe ficou em casa comigo até o primeiro ano do Ensino Fundamental. Foi quando ela passou a trabalhar em meio período no refeitório da escola e, mais tarde, quando eu ingressei no Ensino Médio, a atuar em período integral com a venda de cosméticos. Ela ficou mãe solteira quando eu estava no segundo ciclo do Ensino Fundamental.

Meu marido foi criado por uma mãe que era enfermeira e voltou a trabalhar em período integral no dia em que cada um de seus cinco filhos completou seis anos. Tanto meu marido como eu somos membros da sociedade bem ajustados. Amamos a Deus. Buscamos servi-lo. Nenhum de nós precisou fazer terapia por causa do modo como nossas mães passaram seus dias quando éramos crianças.

Agora, se alguém quisesse defender qualquer lado deste debate, poderia se aventurar no tema das pesquisas. Ah, podemos encontrar pesquisas persuasivas em ambos os lados. Algumas afirmam que as crianças são mais bem preparadas para a vida quando criadas por uma mãe que fica em casa. Outras concluem que uma criança se ajusta melhor à sociedade em geral se

for colocada na escolinha desde cedo. Neste livro, nossa intenção não é discutir cada posição, mas encorajar as duas no seguinte: *Deus está perto, e a sua situação é singular*. Ele a encontrará na mistura de sua posição específica. Com certeza, precisamos perceber que nossas escolhas têm consequências naturais. Devemos explorar todas as alternativas com cuidado antes de fazer nossa escolha — supondo que temos escolha.

Esqueça a Supermãe, seja apenas uma supermãe

Na maternidade, não há super-heroínas. A Supermãe não existe, assim como a Mulher-Maravilha também não. Mas há maneiras de ser uma supermãe — a melhor mãe que você pode ser para seus filhos em particular. Há oito maneiras de parar de tentar fazer tudo e começar a aprender a ser você. Afinal, somos seres humanos, e não fazedores humanos. Talvez, se nos concentrarmos menos no que fazemos e mais em quem somos — e a quem pertencemos —, possamos encontrar esse *status* de supermãe que tanto almejamos.

1. RELAXE.

Relaxe, mãe. Não seja tão tensa. Pare de se estressar olhando ao seu redor para o que as outras mães estão fazendo e quantas coisas elas parecem estar realizando, em suas 24 horas de cada dia. Você não tem de competir freneticamente para replicar a vida de outra pessoa. Antes, aprenda a buscar e a abraçar a vida singular que Deus tem para você em sua faixa etária e em seu estágio da maternidade. Respire fundo. Pare de se estressar. Pare de correr. Apenas relaxe.

2. REAVALIE.

Talvez agora seja um bom momento para você reavaliar seu cronograma e ver exatamente em que áreas tem compromissos demais e em quais delas talvez consiga cavar algumas brechas. Pegue um pedaço de papel e anote seus compromissos numa semana típica. Quais são eles em casa? No trabalho? Na igreja ou em outras organizações cívicas? Depois, reveja cada um deles e questione se há alguma atividade em que você está participando, mas que não se encaixa exatamente no seu estágio de vida. Se você identificar tais atividades, estabeleça um plano de ação para se livrar desses compromissos, a fim de liberar mais tempo para sua família ou para você mesma.

3. RENUNCIE.

Renuncie ao seu desejo de estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Ou à sua tendência de se programar com atividades demais tanto em casa como fora dela. Aceite o fato de que você possui limitações. De que você não pode clonar a si mesma para estar em dois lugares ao mesmo tempo. Quanto antes você renunciar à noção de que pode ter tudo, tudo de uma vez só, melhor. Então, renuncie.

4. DETERMINE.

Determine que, a partir de hoje, você não assumirá mais responsabilidades do que pode realizar. Quando lhe pedirem para fazer algo fora de casa, aprenda a se perguntar o seguinte: isso é realmente meu chamado? Veja que nem toda necessidade é obrigatoriamente seu chamado. Além disso, você pode assumir a responsabilidade adicional de orar por todos os detalhes e por todas as pessoas envolvidas no projeto? Pergunte a si mesma se, daqui a cinco anos, você ficará contente ou arrependida de ter assumido essa empreitada. E, antes de tudo, pergunte a si mesma se você está dizendo sim

para a responsabilidade somente para agradar a alguém. Você deve realizar essa tarefa apenas para agradar a Deus e porque sente que é o plano dele para você no momento. Você deve assumir uma responsabilidade porque se sente chamada, e não apenas porque se sente capaz.

5. DESCANSE.

Aprenda a encaixar períodos de descanso em sua semana. O padrão de Deus na criação era para descansarmos do trabalho um dia por semana. Embora muitas de nós, que temos emprego, não trabalhem aos domingos (ou pelo menos tenhamos uma folga semanal), às vezes, ficamos tão ocupadas nesse dia como em qualquer outro dia da semana. Ficamos realizando tarefas domésticas. Ou fazendo compras. Navegando na internet ou visitando redes sociais. Considere tornar o domingo um dia reservado à cessão de qualquer tipo de trabalho e concentrar-se na adoração ao Senhor e no descanso.

6. RENOVE.

Além de tirar um dia por semana para descansar e adorar a Deus, inclua em sua programação períodos de renovação. A renovação da mente se dá quando estamos envolvidas no estudo da Palavra de Deus, individualmente e em grupo. Se você não consegue encontrar um grupo de estudo bíblico em sua igreja local, considere juntar-se a nós em estudos bíblicos *on-line* como parte do Proverbs 31 Ministries (proverbs31.org). Ali, milhares de mulheres se reúnem *on-line* para estudar a Palavra de Deus e renovar sua mente.

Renove seu corpo. Certifique-se de que está dedicando tempo a uma alimentação saudável. Encaixe em sua programação períodos de exercícios físicos e respire ar puro sempre que puder. Além disso, esforce-se para

renovar os relacionamentos que a encorajam e a fortalecem em seu papel de mãe. Devemos ser constantemente renovadas, para evitar o esgotamento.

7. CULTIVE RELACIONAMENTOS DE APOIO.

Tenha um “comitê de consulta” composto por pessoas que a ajudarão a avaliar suas opções e estabelecer sua programação de forma adequada. Uma ou duas amigas de confiança, juntamente com seu marido (se você tiver um), podem ajudá-la a enxergar onde você está exagerando quando não parecer estar vendo. Certifique-se de que seus relacionamentos incluam pessoas do tipo. Pessoas que sejam sinceras, abertas e queiram o melhor para você. Nós, mães, não devemos ser uma ilha. Precisamos nos cercar de relacionamentos que nos deem apoio e nos fortaleçam, e não de relacionamentos que nos suguem a energia.

8. REEXAMINE.

Reexamine seus compromissos ao menos uma ou duas vezes por ano. Coloque-os diante do Senhor. Pergunte a ele se há algo em seu prato que você deve remover. Pergunte à sua família. Avalie as opiniões de seu marido e de seus filhos (se tiverem idade suficiente para isso) no que se refere a como você está passando seu tempo. Talvez você não enxergue que um compromisso externo esteja causando estresse e prejudicando a vida da família, mas pode ser que outros membros da família vejam. Esteja aberta ao *feedback* deles e leve-o em consideração. Faça ajustes conforme necessário. (Veja o balanço anual que se encontra na seção “Material adicional” deste livro para orientações sobre quais questões considerar.)

Chega de mãe-orquestra

Eu adoro harpa. Certa época, eu frequentava uma igreja em que uma jovem tocava harpa muito bem durante o culto da manhã. Eu podia ficar ouvindo por horas! Era relaxante e sereno, calmo e preciso. O som glorioso emitido por aquele instrumento musical era completamente hipnotizante para mim.

Se eu pudesse escolher, preferiria ouvir uma pessoa tocar harpa do que o som produzido por um homem-orquestra. Está certo que tocar sozinho todos aqueles instrumentos, quase ao mesmo tempo, deve exigir muita coordenação e, com certeza, pode ser cômico a princípio e bastante interessante. No entanto, em longo prazo, eu preferiria ouvir um musicista habilidoso tocando uma peça em seu único instrumento do que ouvir o bate-bate dessa figura de circo em sua engenhoca barulhenta.

Quando aprendemos a nos concentrar em nosso chamado e a limpar nosso prato cheio demais, podemos nos concentrar em tocar uma linda música em nossa vida. Isso inclui como passamos o tempo em casa e cumprimos nossos compromissos externos. Cada uma de nós tem uma música para tocar. Não precisamos simplesmente copiar a partitura que está sendo seguida por outras mãos ao nosso redor. À medida que trouxermos nossas preocupações ao Senhor em oração, juntamente com nossa programação, ele com certeza nos ajudará a chegar ao equilíbrio singular que será melhor para nós. Ele pode nos ajudar a dizer adeus a essa luta para ser a Supermãe e a descobrir como ser mãe do nosso jeito próprio e característico.

The page is decorated with several grey hearts of varying sizes, some containing small white dots. They are scattered around the title and subtitle.

CAPÍTULO 7

Sexto mito: a maternidade é uma competição

Havia muita gente indo e vindo, ao ponto de eles não terem tempo para comer. Jesus lhes disse: “Venham comigo para um lugar deserto e descansem um pouco”.

— MARCOS 6:31.



Sabe aqueles dias em que parece que você está correndo em um milhão de direções?

Você já se levanta a mil por hora. Sua noite de sono foi mais como algumas noites num mar agitado e turbulento — nem um pouco calmo e repousante! Seus pés saem correndo, mas sua cabeça gira e seus batimentos cardíacos estão acelerados com tudo o que você tem de fazer — ou pelo menos se comprometeu a fazer.

Você se apressa para aprontar seus filhos para a escola, enquanto desesperadamente tenta descobrir onde colocou as chuteiras para o treino de futebol da noite. Enquanto isso, pega na geladeira qualquer coisa que pode chamar de “café da manhã” para você mesma, ao passo que tenta

descobrir como fazer a fralda do seu filho pequeno durar mais uma hora até que possa ir ao mercado comprar mais fraldas. Tudo isso enquanto responde a perguntas importantes, mas incessantes, de seus outros filhos!

“Mãe, onde está minha mochila?”

“Não estou achando minha escova de dentes!”

“Mãe, você pode fazer uma trança em mim rapidinho?”

“Eu me esqueci de imprimir o trabalho ontem! Você imprime para mim antes de eu sair?”

“Mãe, você pode passar esmalte na minha mão direita?”

Caso você esteja se perguntando... Sim. Essas são perguntas com as quais eu (Ruth) sou tipicamente bombardeada quase todos os dias.

Talvez seus filhos estejam numa faixa etária mais avançada. É como se você fornecesse serviço de táxi para eles ou, desesperadamente, desejasse ter uma assistente para conseguir manter a programação — vôlei, teatro, atletismo etc. Busca por bolsas de estudo? Você está tão ocupada que tem sorte de jantar à mesa! Você se acha às 15h 30 min todos os dias, tentando descobrir se tem todos os ingredientes para preparar uma refeição grande o suficiente para alimentar o estômago sem fundo que a espera!

Entendo. Eu também, muitas vezes, quero soltar um grito forte, longo e desesperado por “socorro!!!”. Há tantos dias em que gostaria de simplesmente pressionar o botão “pause” na minha vida — só o tempo suficiente para recuperar o fôlego, reorganizar meus pensamentos e voltar ao serviço com concentração. Se fosse fácil assim! Toda essa correria aqui e acolá nos leva à exaustão e à sobriedade quando nos damos conta de que o tempo é curto — muito curto.

Sinceramente, tenho de admitir a derrota. Como Karen, rapidamente, eu me livrei do mito de que posso fazer tudo. Tentei realizar várias tarefas ao mesmo tempo, organizar e colocar tudo no seu lugar na minha vida, mas, apesar de todo o meu esforço, nunca foi o suficiente. Sempre me encontro no mesmo ponto, tentando reorganizar minha vida, de novo, numa tentativa desesperada de me sentir em paz. Dê-me um novo ano e sou como uma aluna que só tira nota dez no primeiro dia de aula, determinada

a lançar mão de minha agenda, meus cadernos, meus objetivos e dos novos planos que me ajudarão a alcançar minha meta neste ano!

Organização, planejamento e programação nunca são o suficiente. Argh! Você se identifica com isso? Não é de se admirar que sejamos tentadas a minimizar essa situação com outro mito: “A maternidade é só uma competição”, suspiramos. E talvez seja mesmo — se deixarmos que se torne assim e permaneça dessa forma.

Perdendo muita coisa

É o seguinte: em toda nossa correria, temo que estejamos perdendo muita coisa. Perdendo os momentos que Deus intencionou para nos deleitarmos e aprender com eles.

A correria tem me levado a perder alguns daqueles momentos de silêncio em que Deus está falando comigo. Tenho tido que fazer um esforço intencional para direcionar meu tempo e minha mente diariamente para o Senhor, manter-me em sintonia com o Espírito.

A correria tem me levado a perder alguns daqueles momentos em que eu poderia ter me deleitado com meus filhos. Tenho tido que fazer um esforço intencional para direcionar meu coração e minha mente para os quatro rostinhos que Deus colocou bem na minha frente.

Dei-me conta de que a única maneira de dedicar o melhor de mim à minha família e ao meu ministério é desacelerar. Dedicar tempo aos momentos da vida. Não apenas preciso desacelerar para que Deus possa usar o melhor de mim com as pessoas e nos lugares para os quais ele me chamou; também devo tomar cuidado para não me apressar e deixar de ouvir a Deus, mas seguir sua direção.

Em *A resposta certa*, Lysa Terkeurst escreve:

Pedi ao Deus do universo para intersectar minha vida com sua revelação, então me levantei de minhas orações e me esqueci de procurar. Esqueci-me de buscá-lo.

Esqueci-me de manter meu coração em sintonia com sua voz e seu convite.

Tudo isso por causa da correria caótica do meu dia.

Quando a vida parece uma corrida urgente de uma demanda para outra, nos tornamos esquecidos. Esquecemo-nos de coisas simples, como onde colocamos a chave do carro ou daquele ingrediente essencial para o jantar, quando corremos de um lado para o outro no supermercado. Mas, ainda pior, nos esquecemos de Deus.³

Dê uma olhada ao seu redor e veja como muitas de suas amigas-mães têm uma expressão de mãe desgastada. Na correria, deixamos de curtir toda a vida que nos cerca e, ao fazer isso, estamos nos desviando da vontade de Deus. Então, como podemos recuperar o controle do nosso cronograma e do nosso tempo? Como damos um passo adiante para andar mais resolutamente, mais acordadas e mais vivas? Em parte, isso começa com enxergar o tempo da maneira que Deus o vê.

Hora de levar o tempo a sério

O tempo é irreversível. Uma vez que ele passa, não podemos recuperá-lo. Então, aproveite o tempo. Se você é mãe há mais de uma hora, então provavelmente já ouviu de alguém: “Eles crescem tão rápido! Curta esses anos, porque o tempo vai voar”. Todas ouvimos isso. Para ser sincera, quero me encolher e me acabar de chorar quando penso na rapidez com a qual meus filhos estão crescendo, portanto *não* preciso de nenhum lembrete!

Como mães, nossos filhos, que estão crescendo com tanta rapidez, são provas ambulantes desse tipo de afirmações. Os anos, compostos por segundos e minutos, continuam a passar, e o ritmo parece aumentar mais e mais. Quando nossos filhos são bebês, o tempo passa devagar. Mas quando eles começam a andar em diversas direções, e se torna difícil detê-los, o tempo também se torna igualmente esquivo! O tempo voa. Sei que, às vezes, não parece. Há dias ou momentos em que o tempo parece se arrastar. Mas ele está definitivamente em movimento — e em ritmo acelerado.

A Bíblia tem muito a dizer sobre o tempo. É interessante que o primeiro uso do termo *santo*, na Bíblia, está relacionado com um dia — o tempo. Em Gênesis 2:3, lemos o seguinte: “Abençoou Deus o sétimo dia e o santificou, porque nele descansou de toda a obra que realizara na criação”.

Deus anexou santidade para um dia. Seria um dia de descanso, porém, mais importante, um dia dedicado a Deus. Durante gerações, os israelitas lutaram com esse ritmo de trabalho/descanso. Embora haja ligação com um dia em particular, em geral a Bíblia trata o tempo como importante, até mesmo sagrado. O tempo importa. Como usamos e passamos o tempo importa. Então, precisamos enxergar o tempo como ele é — santo, sagrado e efêmero. Nossa visão do tempo nos ajudará a administrá-lo bem.

Um dos meus versículos preferidos sobre a santidade do tempo é Salmos 90:12: “Ensina-nos a contar os nossos dias para que o nosso coração alcance sabedoria”. O significado da palavra hebraica para sabedoria é habilidade. Ter sabedoria não é simplesmente ter informação. Ser sábio não é apenas ter conhecimento bíblico. Andar em sabedoria é viver de maneira habilidosa. Numa cultura que muitas vezes age e faz escolhas com insensatez, o cristão é aquele que anda no caminho de Deus, da obediência e fidelidade, vivendo com habilidade num mundo assustador.

Aqui, o salmista está ligando viver de forma sábia com administrar o tempo. Andar em sabedoria é ter a habilidade de administrar bem os dias que Deus, em sua graça, nos dá. Desperdiçar ou administrar mal o tempo é agir com insensatez. Adoro essa ligação!

Como o salmista, o apóstolo Paulo ressalta a importância de administrar nosso tempo. Ele escreve:

Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus. Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor (Ef 5:15-17 *Almeida Revista e Atualizada*).

Mais uma vez, temos a palavra *sábios*. Deus está nos dizendo que a maneira como usamos o tempo faz parte da vida cheia do Espírito. Devemos remir o tempo. Ah, mas isso é muito difícil... não é?

Administrando bem o tempo

Como isso lhe parece? Como investir o tempo de forma a honrar a Deus e servir nossa família? Segue uma lista de maneiras pelas quais podemos passar os dias que Deus nos dá com habilidade.

1. CAIA NA REAL COM SEU TEMPO.

Com “caia na real” quero dizer: seja realista! Alguns dias parecem durar trinta e seis horas em vez de vinte e quatro. É provável que todas tivemos a sensação de que nossos filhos nunca vão crescer e sair de casa. Esses dias cansativos fazem parecer que a vida adulta está a uma eternidade! Ainda assim, quando nos tornamos realistas em relação ao nosso tempo começamos a ver que não temos tanto tempo quanto acreditamos ter. De fato, precisamos contar nossos dias, conforme o salmista nos instrui, não para vivermos com medo, mas para tentarmos viver com mais fidelidade.

Este é um exercício simples. Comece com sua idade atual. Depois, subtraia de 79 (expectativa média de vida das mulheres no Brasil). Parece meio estranho, mas esse número lhe dá uma estimativa de quantos anos lhe restam no planeta Terra! Se você quiser saber o número de dias, é só multiplicá-lo por 365.

Vamos fazer mais um cálculo. Desta vez, para seus filhos. Pegue a idade atual de seu filho. Depois, subtraia de 18 (uma estimativa de quando ele irá para a universidade ou ingressará no mercado de trabalho). Agora, é só multiplicar esse número por 365. Se meus cálculos estiverem corretos, tenho 16.425 dias para viver e somente 4.380 dias, a partir de hoje, antes

de meu caçula sair de casa e eu ter um ninho vazio. É coisa séria, minha amiga.

Passamos a administrar bem nosso tempo quando entendemos o quão sagrado ele é. Nosso tempo como mãe não é infinito. Contamos nossos dias para que possamos aproveitá-los ao máximo. Contar nossos dias nos ajuda a tornar clara nossa missão como mães e a viver com um propósito mais firme.

2. PASSE A VIVER COM PROPÓSITOS.

Há cerca de quatro anos, conheci na vida real uma pessoa a quem eu admirava de longe. Ela já tinha tido um impacto profundo em minha vida como mãe por meio de seus escritos, então, você pode imaginar minha empolgação quando a conheci pessoalmente. Eu estava participando de uma conferência em que ela era oradora e eu tinha conseguido entrar em contato com ela para ver se podíamos nos conhecer. Dizer que eu estava nervosa nem chega perto de como me sentia!

Ainda me lembro de bater à porta do quarto de hotel em que ela estava hospedada. Fui acolhida numa linda atmosfera. Sim, era apenas um quarto de hotel, mas havia velas reluzentes e música ambiente, e algumas tigelas de castanhas e chocolate estavam sobre a mesa como petiscos. Ela tinha colocado as duas únicas cadeiras do quarto ao lado da janela. Tive a sensação de estar entrando em sua casa aconchegante. Quem era aquela mulher?! Minha alma soltou um suspiro profundo de alívio e percebi que tinha me esquecido da sensação de estar relaxada. Eu estava correndo num ritmo acelerado há tanto tempo que aquele tipo de cenário era como um lar acolhedor, um convite ao descanso.

Sentamo-nos e, um olhar que transmitia interesse genuíno e desejo de me conhecer, ela pediu que eu falasse de mim e como estava indo. Não foi aquela pergunta casual: “Oi, como é que vai?”. Era uma pergunta profunda: “Como você está? De verdade, como está?” Em seguida, ela perguntou: “O

que você quer que o mundo saiba? Me fale sobre sua esperança e sua mensagem para as mães!” Derramei meu coração e não demorou muito para eu me dar conta de que tínhamos espíritos da mesma natureza. Naquela ocasião, eu mal sabia que esse era só o começo de uma bela amizade com Sally Clarkson.

Não muito depois que conheci Sally, fui convidada à sua casa, juntamente com um grupo de mulheres, para um curso intensivo de liderança. Durante o curso, Sally entrou em nossas vidas trazendo uma grande revolução. As questões abordadas eram monumentais para mim. Foi a primeira vez que eu comecei a entender a importância de viver com um propósito, conhecer nosso coração com sabedoria e viver com base num verdadeiro senso de chamado. Passei a ver a vida, meu coração, a maternidade e o tempo que Deus tinha me dado através de uma nova lente.

Eu nem imaginava que meu ministério ia crescer tão rápido nos próximos anos e que ia precisar de alguém para me trazer de volta para o centro, para me ajudar a fazer uma triagem de todas as coisas boas, a fim de que pudesse dedicar tempo às coisas melhores. Nos últimos três anos, a cada ano eu paro para reavaliar essas questões e fazer um balanço da minha vida em relação ao ano anterior. Tenho pedido a Deus que me mostre o que significa viver biblicamente com propósitos. Tenho feito uma avaliação honesta da minha vida devocional, de oração, saúde emocional, saúde física e vida familiar (veja o “Balanço anual para mães” que se encontra na seção “Material adicional” deste livro). Isso tem me ajudado a selecionar as coisas que eu preciso deixar para trás e a avaliar as oportunidades às quais Deus tem me conduzido.

Até eu conhecer Sally, minha vida era uma corrida sem rumo. Eu estava gastando muita energia, mas não sabia para onde estava indo. As tentativas fracas e superficiais de “organizar” minha vida para me ajudar a me sentir melhor e trazer sentido não eram suficientes. Eu precisava de clareza sobre o propósito de Deus para mim como mãe.

3. ENTENDER NOSSO CHAMADO SEMPRE NOS CONDUZ A MAIS CLAREZA.

Então comecei a mapear uma visão para minha vida e minha família. Dediquei tempo para pensar e orar sobre as coisas que eram mais importantes para mim e para o Senhor. A partir daí escrevi minhas prioridades. Talvez seja diferente para você, mas deixe-me lhe dar um exemplo do resultado dessa minha reflexão para ajudá-la a começar.

Aqui está minha lista de prioridades:

- ✿ Quero passar um tempo a sós com o Senhor em estudo e oração, diariamente.
- ✿ Quero ajudar a repassar minha fé, com meu marido, para a próxima geração.
- ✿ Quero ser uma esposa amorosa e encorajadora.
- ✿ Quero ser uma mãe divertida e amorosa que está presente intencional e plenamente.
- ✿ Quero cuidar de minha casa para que ela radie beleza e paz.
- ✿ Quero que nós façamos refeições juntos como família.
- ✿ Quero ser uma família cujos membros servem juntos — uma família que ama o mundo.

Assim como me ajudou, a ferramenta “Balanço anual para mães” pode ajudar você a se concentrar em suas prioridades de vida e a avaliar onde está e em que áreas precisa crescer.

Amiga, estou pedindo — quase de joelhos (está bem, estou implorando de joelhos) — que a cada ano você dedique um tempo para estabelecer seus objetivos e suas prioridades por meio dessa ferramenta de avaliação. Pegue seu calendário, agora mesmo, e estabeleça um dia durante o qual você se dedicará a essa tarefa. Você ficará grata por tê-lo feito. Eu gostaria de poder sentar com você num café bem confortável e falar sobre tudo o que Deus lhe mostra por meio desse tempo especial com ele, mas já que isso não é

praticável, mande-me um e-mail, pois eu adoraria ouvir de você. De verdade.

4. COLOQUE SEU CHAMADO NO CALENDÁRIO.

Nosso chamado ou propósito não tem nenhuma serventia se ficar em nossa cabeça. Ele tem de tomar vida e ser parte real da sua vida diária. Então, precisamos colocar nosso chamado no calendário. Em outras palavras, precisamos programar nosso tempo à luz de nosso chamado e propósito na capacidade de mãe. Isso nos possibilitará viver com as prioridades certas.

Então, agora que escrevi as prioridades mais importantes e não negociáveis, posso criar um cronograma. Um cronograma é sempre útil, mesmo que não seja seguido à risca. Um cronograma me ajuda a manter o dia em ordem e me obriga a ser proativa em vez de reativa. Se eu já mapeei minhas prioridades, juntamente com meu cronograma, tenho um “plano diretor” para olhar quando tomar decisões. Automaticamente, posso ver se o que alguém está me pedindo para fazer se encaixará na minha vida e no meu cronograma.

Quando estiver preparando seu cronograma, seja realista. Como pessoa que é mais produtiva à noite, sempre tive um pouco de inveja de vocês que levantam cedo! Embora eu adorasse dizer que vou me levantar todos os dias às cinco da manhã, a verdade é que sou muito mais produtiva à noite. Assim, em meu cronograma, eu trabalho até tarde. Meu cronograma se baseia em quem sou, e não em outra pessoa. Além disso, lembre-se de que você só está escrevendo um cronograma básico para o dia; algumas pessoas o chamam de “cronograma ideal”. Ele não vai incluir todas as coisas que são adicionadas. É mais como um esqueleto para você ter uma base. A partir daí você pode ajustar seu cronograma para cada dia, dependendo das atividades que tiver.

Este é um exemplo de meu cronograma diário básico para ajudar você a começar (lembre-se: o seu será diferente!):

7:00 Café e tempo com Deus
8:00 - 8:30 Crianças se arrumando
9:00 Hora da escola
12:30 Almoço
14:00 - 16:00 Tempo livre/hora do silêncio/hora da escola
17:30 Jantar
19:00 Hora da família/de Deus
20:30 Hora de dormir das crianças
21:00 Hora de relaxar/ler/trabalhar
23:30 Hora de dormir

O que eu particularmente adoro em ter um cronograma é a rotina e o ritmo que ele traz à vida. Uma família — principalmente as crianças — prospera num ambiente em que há ritmo. Há uma segurança — e estabilidade, que vem com estrutura. Não somente nós precisamos de um cronograma para permanecer em missão, mas também nossos filhos.

Nosso tempo é bastante parecido com o dinheiro. Se não fizermos um orçamento do nosso tempo, podemos facilmente desperdiçá-lo. Crie um cronograma semanal ou mensal. É claro que outras coisas vão acontecer, mas um cronograma nos ajuda a viver mais intencionalmente e com mais foco. Um cronograma nos permite integrar nossos diversos papéis e atividades nos ritmos diários. Crie sua semana normal ou desejada no papel e depois se esforce para executar o plano!

5. PROTEJA SEU TEMPO.

“Tudo bem, se você não consegue encontrar outra pessoa, eu posso ser secretária da reunião na escola.”

“Sim, eu e meu marido podemos liderar um grupo pequeno.”

“O quê?! Vocês vão sair só entre mulheres, uma vez por mês?! É claro que eu adoraria ir!”

Você se identifica com as frases? Sim, sim, sim, com certeza, sim, tudo bem, sim! Deixe-me perguntar: você está cansada? Minha personalidade me tenta a fazer parte de cada oportunidade e necessidade com a qual me deparo. Talvez você possa se identificar com isso. Você também é a “sim-com-certeza,-tudo-bem”, mãe?

Hoje quero encorajá-la a dizer não. Tive de aprender isso do jeito difícil. Muitas vezes, no passado, eu disse sim, e depois me arrependi e detestei a tarefa ou o evento iminente.

Uma vez que aceitamos o ministério que Deus nos deu em casa com nossa família como primeira prioridade, há liberdade. Cada escolha traz consequências. Algo, ou alguém, vai sentir a consequência das atividades para as quais dizemos sim e não.

Aprenda a dizer não, até mesmo para coisas boas. Vivemos numa cultura em que as oportunidades são infinitas. A maioria delas é uma coisa boa. Mas a que custo para seu casamento, para seus filhos ou para sua família como um todo? Há eventos, atividades ou oportunidades que Deus está chamando você a dizer não? Como você sabe, a maternidade é composta por diversas fases. Dizer não agora não significa para sempre. Aprender a discernir as melhores entre todas as coisas boas que existem requer sabedoria. Há liberdade em não dizer sim para cada coisa que lhe aparece. Você acaba percebendo que, ao dizer não, está na verdade dizendo sim. Sim para aqueles que mais precisam de você agora.

É aí que retornar para sua avaliação de visão ou propósito é tão crucial. Talvez uma vez por ano seja tempo demais para você. Alguns líderes e instrutores sugerem retornar para sua afirmação de propósito ou visão da

vida uma vez por mês. Independentemente, à medida que as oportunidades se apresentarem, filtre suas escolhas através das lentes do chamado que Deus colocou em sua vida durante esta fase. Consulte suas prioridades e seu cronograma antes de concordar a adicionar qualquer coisa. Faça a si mesma perguntas como estas:

- ✿ Isso complementa ou entra em conflito com minha missão?
- ✿ Qual seria o custo disso para minha família, agora?
- ✿ Qual seria o custo disso para meu casamento, agora?
- ✿ Estou tentada a dizer sim por medo de não receber a aprovação de alguém?

Proteger seu tempo requer viver com propósitos. Lembre-se: nem tudo que podemos fazer é algo que devemos fazer. Viva com propósitos, planeje seu tempo e se esforce ao máximo para proteger os dias e anos preciosos que você tem.

6. NÃO SEJA AVARENTA COM SEU TEMPO.

Isso talvez soe meio que uma contradição do que eu acabei de dizer, mas continue comigo. Não se esqueça de que sua identidade básica não é como mãe. É como seguidora de Cristo. Como uma mulher cristã, Deus nos deu talentos e nos chamou a servir não somente nossa família, mas também a igreja na qual o evangelho nos fez nascer. Então, por mais crucial que seja proteger o tempo, também precisamos nos lembrar de que podemos ser avarentas demais com nosso tempo se não tomarmos cuidado. Lembre-se: você não somente tem um ministério *para* sua família, você também tem um ministério *como* família.

Reparei que, recentemente, existe uma tendência entre as famílias de se concentrarem internamente. Embora eu concorde de todo o meu coração

com estar presente em nosso lar, com nossos filhos, também acho que precisamos tomar cuidado para que não balancemos longe demais na outra direção. Uma família pode se tornar avarenta ou protetora demais de seu tempo.

A vida para a seguidora de Cristo será difícil. Deus não nos dá permissão para evitar servir, doar e viver uma vida que importe para a eternidade. Teremos de nos esforçar e seguir o chamado de Deus, às vezes, mesmo quando não for fácil. O chamado de Deus raramente é (se é que pode ser) confortável. Então, como família que busca servir ao reino de Cristo, precisamos ter cuidado em guardar nosso tempo em detrimento de dar nossa vida aos outros. Precisamos ser sensíveis à realidade de que “nosso plano” nem sempre é o plano de Deus.

Tornamo-nos avarentas com nosso tempo quando o guardamos em detrimento de investi-lo nos outros. Talvez não mais sirvamos na igreja, convidemos amigos em nossa casa ou tentemos alcançar o próximo. Reagimos com exagero à correria da vida. Precisamos tomar cuidado para não tratar nosso tempo como propriedade sagrada, colocando placas de “não ultrapasse” por medo de intrusões não desejadas. Esse mau uso do tempo não permite que amemos e sejamos amadas da forma como Jesus intencionou.

Na medida em que for evoluindo em viver com propósitos e em dizer não para as coisas erradas, você investirá melhor seu tempo e seus dons onde eles mais importam. Em seu esforço para viver sabiamente com seu tempo, tome cuidado para não enxergar o tempo como somente seu. Deus lhe deu tempo. Nosso tempo não nos pertence. Deus nos dá tempo para que o administremos bem para seus propósitos. Assim, tome cuidado para não se tornar avarenta com seu tempo! Tem de haver um equilíbrio.

7. CUIDADO PARA NÃO VIVER DEMAIS NO FUTURO.

Quando vivemos somente para o amanhã, perdemos o hoje. O tempo nos escapa e nos engana, fazendo-nos pensar que é um meio para algo melhor. Todas nós podemos ser tentadas a viver demais no futuro — pensando em quando a primavera chegar, planejando nossas próximas férias ou procurando um novo emprego. Para muitas pessoas, os “dias de glória” não são o passado, e sim o futuro. No entanto, o melhor é, muitas vezes, o que está bem diante de nós — nosso marido, nossos filhos e nossa família. Não perca o óbvio!

Ser mãe acontece em tempo real. Não perca os momentos bem debaixo de seu nariz. Viver no futuro apenas nos leva a perder o presente.

Passe a aproveitar cada dia com seus filhos. Independentemente da fase em que você esteja, use seu tempo de maneira sábia.

8. NÃO SEJA ENGANADA PELO TEMPO.

Amo o que Frederick Buechner diz sobre o tempo em seu livro *The Hungering Dark*. Ele escreve: “Somos tolos se não vivemos tão plena, brava e lindamente quanto podemos”.⁴

Oro para que você verdadeiramente passe a ver o tempo como sagrado e, como resultado, aprenda a contar os seus dias.

Conte-os.

Coloque suas prioridades no papel.

Oro também para que seu chamado, mesmo, às vezes, sendo desconfortável e desafiador, seja não apenas claro como cristal para você, mas também uma convicção profunda e permanente.

Não deixe os dias lhe escapar. Aproveite-os!

CAPÍTULO 8

Sétimo mito: a maternidade é fruto do acaso

Talvez sua maior contribuição para o Reino de Deus seja não algo que você faz, mas alguém que você cria.

— ANDY STANLEY.



Há pouco tempo, eu (Ruth) estava num restaurante com minha família quando um jogo, perto do caixa, atraiu a atenção de meu filho. Sobre o balcão, havia uma caixa de plástico transparente, de tamanho médio, cheia de água. Dentro dela, um mecanismo móvel com alavancas coloridas e “plataformas de pouso” de vários tamanhos. O objetivo? Depositar uma moeda de sua escolha na caixa de plástico e ganhar uma refeição grátis, se a moeda pousasse sobre a alavanca certa. A pilha de moedas no fundo da caixa deveria ter me alertado de que as chances não eram em nosso favor. Mas meu filho fixou seus olhos na caixa, e o jogo tinha acabado para mim.

Então, uma a uma, começamos a contribuir para a montanha crescente de moedas no fundo da caixa. Pelo menos três dólares em moedas mais tarde, eu sabia que ainda pagaríamos o preço normal em nossa próxima

visita. Em geral, sou firme no que se refere a esses jogos. A resposta normal é não. Mas, por alguma razão, deixei as crianças fazerem uma tentativa, depois outra e mais outra, até que eu tinha esvaziado minha bolsa de moedas.

Quando um de meus filhos finalmente conseguiu acertar, provavelmente já tínhamos pagado mais do que o preço da refeição grátis que recebemos. É claro que o momento exato no qual você deposita a moeda na caixa importa, mas aquele não era um jogo de habilidade ou intenção — era um jogo de chance.

Sejamos sinceras: às vezes, ser mãe parece um jogo de chance. É uma mentalidade do tipo “fruto do acaso”, “faça sua melhor tentativa”, “cruze os dedos e espere o melhor”. Você já se sentiu assim? Talvez você tenha se sentido como se não soubesse muito bem o que devia fazer ou como fazer. Então, para muitas de nós, mães, a maternidade parece um pouco com depositar moedas numa caixa com água, esperando que, em algum momento, algo que dissermos ou fizermos com nossos filhos vai fazer a conexão, acertar o alvo ou cair onde queremos.

A boa notícia é que Deus não nos deixou no escuro. Não precisamos depender do acaso nem cambalear ao longo de nossa jornada sem direção alguma. Deus nos chamou para fazer muito mais do que cuidar de nossos filhos: alimentá-los, protegê-los e educá-los para que se tornem adultos independentes, sempre torcendo para que estejamos fazendo a coisa certa. A maternidade não é um jogo, uma empreitada que depende meramente do acaso, enquanto oramos para podermos sobreviver ao dia. Em vez disso, ser mãe é um *chamado a formar* nossos filhos. E essa formação requer agir com intenção, como Eunice agia na criação de seu filho Timóteo.

Aprendendo com Eunice

O exemplo da mãe de Timóteo, Eunice, nos mostra um pouco como é formar as nossas crianças. Timóteo era um jovem pastor na importante

cidade de Éfeso, durante o século I. Apesar disso ele havia crescido num lar dividido, uma vez que sua mãe era judia e seu pai, grego (At. 16:1).

Como judia-cristã, a mãe de Timóteo, Eunice, foi provavelmente criada adorando o Deus de Abraão, Isaque e Jacó na sinagoga.

Em contraste, o pai de Timóteo era gentio e provavelmente adorava vários deuses gregos. Alguns estudiosos até acreditam que o pai de Timóteo tenha morrido, deixando-o para ser criado por sua mãe e avó. Sabemos que, em algum momento, a mãe e a avó de Timóteo se tornaram seguidoras devotas de Jesus. Para Timóteo, isso mudou tudo. Assim como elas, ele também depositou sua fé em Jesus como o Messias.

Depois de adulto, Timóteo passou a desempenhar um papel importante na igreja primitiva. Ele serviu como colaborador do apóstolo Paulo durante as missões. De fato, Paulo menciona Timóteo em seis de suas epístolas, referindo-se a ele como “meu filho amado e fiel no Senhor” (1Co 4:17). Apesar de muitos estudiosos acreditarem que foi Paulo quem trouxe Timóteo para Jesus, Paulo indica que foram a mãe e a avó de Timóteo que começaram esse trabalho, formando-o desde cedo e ensinando-o a Bíblia. Em essência, elas plantaram semente após semente muito antes de Paulo fazer a colheita. Temos pouca informação sobre Eunice, mas o que temos é incrivelmente importante, uma vez que está relacionado com o fato de ser uma mãe que educou, formou e enviou o filho. Paulo diz assim: “Recordo-me da sua fé não fingida, que primeiro habitou em sua avó, Loide, e em sua mãe, Eunice, e estou convencido de que também habita em você” (2Tm 1:5).

Paulo faz uma afirmação curta, porém poderosa, tão breve e simples que poderia facilmente passar despercebida. Ele diz simplesmente que Eunice tinha “fé não fingida”. Antes de ela ser educadora de seu filho, Eunice era primeiramente uma seguidora devota de Jesus. Uau! Esse tipo de fé é sempre contagiante, tão contagiante que Paulo estava convencido de que a mesma fé de Eunice agora habitava em Timóteo. Não podemos ignorar esse ponto! Muitos pais querem que seus filhos se tornem o que eles mesmos não são. Se quisermos que os nossos filhos sejam discípulos de

Jesus, primeiramente precisamos ser pais que sejam discípulos de Jesus. Nós repassamos aquilo que temos. Paulo indica que esse era o caso de Eunice. Ela não tentou transmitir a Timóteo uma fé que ela mesma não tinha.

A fé de Eunice era autêntica, mas parece que ela também ensinava intencionalmente sua fé a Timóteo. Sabemos que Timóteo estudou as Escrituras desde muito cedo. Paulo faz essa observação sobre Timóteo, mas, em última instância, é um comentário sobre Eunice como mãe educadora e formadora. Observe que Paulo diz: “Quanto a você, porém, permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção, pois você sabe de quem o aprendeu. Porque desde criança você conhece as Sagradas Letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus” (2Tm 3:14-15).

Nesses dois breves versículos, Paulo faz algumas declarações espantosas. Timóteo não somente aprendeu com sua mãe; segundo Paulo, ele tinha “convicção”. Não era uma fé complacente e volúvel. Por causa da fé não fingida e dos ensinamentos de sua mãe, a fé de Timóteo se tornou uma convicção e um chamado em sua vida. Eunice não viveu sem rumo, sob o controle do destino ou meramente do acaso. Antes, ela viveu fielmente, em obediência à vontade de Deus para sua vida. Eunice era uma mãe que entendia o poder da formação.

O retrato que pintamos

Agora sei o que você está pensando: “Tudo isso parece ótimo. Gostaria de ser como Eunice. Mas estou cansada, tampouco sei por onde começar”. Eu entendo. De verdade! Tudo parece tão esmagador quando olhamos para o retrato completo de nosso filho se tornando um adulto devoto de Deus, maduro e capaz de mudar o mundo. Mas deixe-me encorajá-la a visualizar a formação de seu filho como um artista pintando um quadro.

Uma tela.
Muitas cores.
Inúmeras pinceladas.
Linhas singulares.
Sombras.
Pincéis diversos.
Visão sempre.

Você, minha amiga, é a artista que, com a ajuda de Deus, paciente e persistentemente está moldando uma nova criação. A maternidade e a pintura de uma obra de arte são similares em tantos aspectos! Não acontece imediatamente. Não há sucesso da noite para o dia. A cada pincelada, estamos ajudando a formar nossos filhos, a fim de que se tornem o que Deus os criou para serem. Vamos usar essa ilustração à medida que falamos sobre a formação de nossos filhos, analisando cada um dos elementos necessários.

1. PINTE COM VISÃO.

Todo artista começa com uma visão. O que você vê? O que você está tentando criar em sua tela em branco? Criar os filhos começa com ver. Qual a sua visão para seus filhos?

Há vários anos, nosso filho mais velho jogava num time de basquete razoavelmente bom. Um dos membros do time, com certeza, tinha futuro no basquete profissional. Ele era muito bom e seu pai tinha jogado basquete na faculdade. Antes de um dos primeiros jogos, o pai do garoto fez um discurso com o intuito de encorajar o time. “O segredo é treinar”, ele falou. “Meu filho pratica dribles por duas horas, todas as noites, em casa.”

Eu não sou contra praticar esportes nem trabalhar arduamente. O que me impressionou foi o fato de que aquele pai tinha visão para o seu filho.

Infelizmente, a visão dele se limitava ao filho se tornar um grande jogador de basquete.

A verdade é que todos os pais têm uma visão para os seus filhos.

Queremos que eles...

sejam “bonzinhos”.

demonstrem excelência acadêmica.

sejam cultos.

arrumem um emprego que pague bem.

E a lista continua. Os pais sempre criam os filhos com base em alguma visão, mesmo sem perceber. Essa visão estabelece suas prioridades e determina quando eles dizem “sim” ou “não”. Mas será que é a visão de Deus? Como pais, nosso entendimento do “retrato correto” precisa ser definido de modo mais bíblico que cultural.

Eunice era uma mãe com visão. O objetivo dela era repassar a sua fé ao jovem Timóteo. Ela era uma artista que não apenas enxergava a tela em branco, mas também o que queria pintar. O que você “vê” influenciará como você “forma”.

Muitos pais, inclusive cristãos, concentram-se em criar o próximo atleta-estrela, *popstar*, estudioso acadêmico ou empresário de sucesso. Esses objetivos são importantes, mas não são necessariamente cristãos. Precisamos ser motivadas, pela graça de Deus, a ajudar a formar nossos filhos no amor e no discipulado de Jesus. Nossa visão precisa se voltar, primeiramente, ao repasse da nossa fé para a geração seguinte.

2. PINTE COM PERSPECTIVA.

Trânsito, trânsito, trânsito! Eu nunca tinha dirigido muito, tampouco numa avenida de quatro pistas bastante movimentada. Estava morrendo de medo!

Com meu instrutor sentado no lugar do passageiro, e eu na posição de motorista-em-treinamento, segurava o volante com toda força, enquanto tentava mudar de pista.

De repente, com um solavanco, o carro parou no meio daquele mar de carros. E não tinha sido eu! O instrutor tinha pisado no freio.

Enquanto eu tentava entrar na pista da esquerda, onde os carros *estavam* parados, olhava os carros na pista da direita, que seguiam em frente. Estava acelerando com os carros da pista da direita, mas entrando na pista da esquerda. Péssima ideia!

Felizmente, o instrutor estava prestando atenção, pronto para frear a qualquer momento.

Pintar com perspectiva é semelhante ao treinamento para dirigir. Você está ao volante, mas não está sozinha. Deus está sentado ao seu lado, pronto para frear ou pegar o volante, se precisar. Se não tivermos essa perspectiva de que Deus está graciosamente envolvido na criação de nossos filhos, é provável que tenhamos dificuldades com controle, medo e a sensação de que tudo depende de nós.

Voltemos para 2Timóteo 3:14-15. Observe o que Paulo *não* diz na passagem: “Quanto a você, porém, permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção, pois você sabe de quem o aprendeu. Porque desde criança você conhece as Sagradas Letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus”.

Paulo não diz que os métodos, o ensino ou as técnicas de Eunice salvaram Timóteo. A educação foi só um meio de atingir o objetivo maior: a fé em Jesus. Apenas nova informação não salva nossos filhos. Antes, o novo nascimento o faz. Nenhum volume de conteúdo bíblico, regras e versículos memorizados trarão novo nascimento no coração e na vida de nossos filhos. Essa é obra do Espírito Santo. Paulo diz que a Bíblia é capaz “de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus”. O ensino de Eunice não tinha um objetivo por si só; ela ensinou o filho de tal maneira que ele veio a encontrar e seguir Jesus como Salvador. Antes de tudo, Deus quer

que sejamos fiéis. Ele nos pede que estejamos disponíveis e dispostas a sermos usadas por ele, e não que sejamos mães perfeitas.

Como mãe que está formando, moldando e ensinando seus filhos, há grande paz em saber que a maternidade não é obra do acaso. O que nós fazemos importa, porém, em última instância, *Deus* está no controle. Como mulheres, acostumadas a controlar todos os detalhes, é libertador confiar que Deus é quem nos dá fé. Não precisamos controlar tudo. Deus nos chama para que sejamos fiéis, movidas por um propósito e consistentes. Mas, no fim, é Deus quem trabalha para alcançar seus objetivos na vida de nossos filhos (os quais ele confiou a nós).

Aqui, Paulo está ecoando as palavras de Jesus em sua severa repreensão aos fariseus: “Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito; contudo, vocês não querem vir a mim para terem vida” (Jó 5:39-40).

Jesus não está dizendo que estudar e ensinar as Escrituras é algo ruim. Como Paulo, ele simplesmente observa que o conhecimento bíblico por si só não transforma corações. Tal perspectiva precisa estar sempre na vanguarda da criação de nossos filhos. O evangelho tem de nos servir de âncora e nos segurar firme tanto em dias de tempestade como ensolarados. Tudo o que fazemos como mães precisa ser feito com a mesma graça, paciência e amor demonstrados a nós por nosso Senhor. Foi a graça de Deus que nos salvou e será a graça de Deus que salvará os seus filhos. Então, como mãe, pinte com as pinceladas da graça de Deus. Você não está sozinha.

3. PINTE COM AMOR.

Não somente sou agradecida pelo fato de que Deus *está comigo*, mas porque Deus *age em meu favor*. Lembrando-me de quando eu estava no Ensino Médio e me converti ao cristianismo, sou muito grata por Deus não ter

desistido de mim. O que me atraiu para Deus não foram regras, mas seu gracioso convite para um relacionamento. O amor dele me fez responder amando-o de volta. Essa é a essência do evangelho.

Em 1João 4:10, lemos: “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados”.

O evangelho me informa que a minha segurança como filha em Cristo está baseada na obra de Jesus, e não na minha. No contexto desse relacionamento amoroso, eu *quero* viver em obediência. As regras podem mudar o comportamento, mas não o coração.

É por isso que nossos filhos precisam desesperadamente de um relacionamento, não só de uma lista de regras. Eles precisam do nosso amor, não somente da nossa lei. Nossos filhos precisam saber que não desistiremos deles e que nosso amor por eles não depende de sua obediência. Como o amor de Deus, o nosso amor instrui, busca e persiste com paciência. É assim que criamos nossos filhos, porque é assim que Deus nos cria.

Lembro-me da primeira vez que ouvi meu marido sussurrar essas lindas palavras para a nossa filha mais velha: “Bella, eu sempre vou amar você. Nada que você possa fazer vai me fazer parar de amar você”.

Aquela frase simples tirou meu fôlego. Naquele momento, me lembrei de que precisamos falar para os nossos filhos que sempre os amaremos, assim como Deus nos ama. Deus nunca desiste de nós, e nós nunca desistiremos deles.

O grande evangelista batista F. B. Meyer ilustrou esse ponto perfeitamente ao dizer: “O amor de Deus por você é como o rio Amazonas irrigando uma única margarida”. O amor de Deus é poderoso e persistente. É seguro, mas forte.

Nossos filhos vão pecar e tropeçar ao longo do caminho. Às vezes, vão nos decepcionar. Inevitavelmente, nossos filhos escolherão insensatez em vez de sabedoria, pois são imperfeitos. Eles são “pré-adultos” que navegam num mundo novo. Como nós, eles tendem a se desviar.

Respire com calma. Nem tudo está perdido se seus filhos ainda não são tudo o que você quer que eles sejam. Continue a orar, continue ensinando-os, continue formando-os, continue instruindo-os e, acima de tudo, continue a amá-los! Traga-lhes à lembrança com frequência que sua aprovação não depende do desempenho deles.

Um dos grandes resumos do amor, na Bíblia, está em 1Coríntios 13:4-8. Embora seja primariamente sobre amor e dons espirituais, ele pode ser aplicado à maternidade. Observe algumas características do amor nesta passagem:

O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Ele tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.
O amor nunca perece.

Há vários desses atributos do amor que se destacam especialmente para mim, como mãe:

O amor é paciente. O amor não é apressado. Tenha sempre em mente o quadro geral. Deus está trabalhando em você tanto quanto está trabalhando em seus filhos. O amor é paciente, não apressa os outros. Deixe que seu amor paciente crie espaço para seu filho crescer e amadurecer.

O amor é bondoso. O amor é atencioso. Traz aconchego para um lar, e não guerra. Suas palavras, suas atitudes e seus atos devem ser cheios de bondade. Sua bondade, e não sua aspereza, cultivará uma criança saudável. Não se surpreenda se o comportamento de seu filho for um reflexo de seu comportamento em relação a ele. Ai!

O amor não procura seus interesses. Amar é buscar o que é melhor para o outro. O casamento e a criação dos filhos são como uma lente de aumento. Eles expõem nosso egoísmo de forma gritante. A graça de Deus

nos possibilita avançar em direção aos outros em amor sacrificial. O paradoxo na vida cristã é que há alegria em nos doar para os outros.

O amor não guarda rancor. O rancor, muitas vezes, expõe o que nosso coração realmente quer. Queremos conforto, ordem, um pouco de silêncio ou filhos perfeitamente obedientes. Quando essas coisas se tornam as mais importantes para nós, tornamo-nos ressentidas ao sermos privadas delas. Deus colocou seus filhos em sua vida não como obstáculos para outras coisas, mas sim como oportunidades para amar e moldar.

O amor nunca perece. O amor é poderoso. Possui tenacidade. O amor persiste. O amor de Deus por nós não está aqui num dia e é questionável no dia seguinte. É constante e consistente. Ame seus filhos de uma forma que comunique que você nunca desistirá deles.

4. PINTE COM INSTRUÇÃO.

“É meu.”

“Não, é meu!”

“Mas eu peguei primeiro!”

“Mas é meu!”

Com as vozes de dois dos meus filhos em tons cada vez mais desesperados e lágrimas começando a rolar, eu queria tampar os ouvidos e fingir que nada estava acontecendo. “Mais uma briga! Quantas vezes por dia precisamos passar por isso?”, pensei.

Em alguns segundos, ouvi o meu marido chamar todos para a sala de estar. Pequenos pés desceram a escada, depressa, e logo estávamos sentados no sofá. Meu marido entrou, sentou-se e começou a “investigar”. Os dois lados explicaram suas respectivas versões, e ambos afirmaram ser inocentes. Nosso “encontro de paz” não estava avançando na direção de uma reconciliação. Depois de alguns momentos ouvindo as versões, em meio a muitas lágrimas, e descobrindo o que tinha, de fato, acontecido, meu marido abriu a Bíblia e leu, em voz alta:

De onde vêm as guerras e contendas que há entre vocês? Não vêm das paixões que guerreiam dentro de vocês? Vocês cobiçam coisas, e não as têm; matam e invejam, mas não conseguem obter o que desejam. Vocês vivem a lutar e a fazer guerras (Tg 4:1-2).

Como família, começamos a buscar as razões por que brigamos e contendemos. “O que fazer quando os dois querem a mesma coisa?”, perguntou meu marido. “Como vocês reagiram? Como deveriam ter reagido, de acordo com a Palavra de Deus?”

Alguns momentos depois, as duas partes culpadas se olharam nos olhos e disseram, de coração: “Desculpe!”

Eu fiquei tão surpresa com a rapidez da reconciliação que tenho certeza que o meu queixo caiu. Sentar com a Bíblia e falar sobre o assunto. Foi tão simples! Pois a Bíblia não é só algo a ser estudado, mas as próprias palavras de Deus a serem colocadas em prática. Essas conversas são um solo fértil para o crescimento do fruto da maturidade e da sabedoria em nossos filhos.

Gostaria de dizer que sempre reagimos assim! Não reagimos, mas sempre tentamos. Quando pintamos com a pincelada da instrução, fazemos bem mais do que simplesmente punir os filhos. A disciplina bíblica é instrutiva, moldando o coração deles com a verdade de Deus. Mas devemos instruir com amor.

Pintar com a pincelada do amor não significa que você é uma mãe permissiva demais. Não significa que você não tenha limites ou expectativas. Negligenciar a instrução faz um grande desserviço a nossos filhos. Nossos filhos precisam da instrução e da correção de pais sábios. Instruir por meio da disciplina é um ato de amor.

Nunca encontrei alguém que gostasse de ser corrigido! Mas Deus nos lembra de que seu amor o motiva a nos disciplinar: “Nenhuma disciplina parece ser motivo de alegria no momento, mas sim de tristeza. Mais tarde, porém, produz fruto de justiça e paz para aqueles que por ela foram exercitados” (Hb 12:11).

Como pais, uma das coisas mais amorosas que podemos fazer por nossos filhos é educá-los por meio da disciplina e da instrução com amor. Mas instrução e disciplina vão além de interromper uma briga, obter silêncio ou mudar uma atitude ruim. A instrução bíblica tem como alvo o coração.

Em nossa casa, precisamos ter essas “conversas” constantemente. Algumas vezes, conversamos em família, mas, na maioria das vezes, são conversas individuais. É uma oportunidade de entender o que e por que está acontecendo. Descobrimos que assim funciona melhor não somente na correção de um comportamento como também no cultivo de um relacionamento.

A seguir, partes dessas conversas que ajudam com a disciplina:

Ouçá o coração deles. O que aconteceu? O que o levou a fazer ou dizer aquilo? Estamos tentando entender nosso filho, e não somente corrigi-lo. O coração é a raiz de todo pecado. Assim, olhar para o coração me ajuda, como mãe, a conhecer o que, de fato, está governando o coração de meu filho.

Veja o que diz a Palavra de Deus. Instruir com base na Bíblia não é intimidar; é ajudar nossos filhos a enxergar como Deus quer que eles andem na sabedoria. Encoraje-os com a palavra de Deus. Dê a eles uma visão da pessoa que eles podem se tornar e como é a vida quando andamos na insensatez.

Encoraje-os. Nem sempre é fácil encorajar nosso filho quando ele pisou na bola. É tentador fomentar ainda mais culpa e pressão sobre um filho quando ele já sabe que estragou tudo. Encoraje-o com instrução, perdão de Deus e amor.

Orem juntos. Nós raramente terminamos uma das nossas “conversas” sem orar. É uma ótima oportunidade para colocarmos nosso filho diante do trono de Deus. O Espírito de Deus está operando nele. Em oração, reconhecemos diante do Senhor e de nosso filho que precisamos de Deus.

Nessas conversas continuaremos a cativar o coração de nossos filhos. Lembre-se de que instrução e disciplina consistentes não acontecem da noite para o dia. Como um artista, é pincelada após pincelada. Ser consistente é crucial. Essas conversas consistentes são ótimas oportunidades para ajudarmos nossos filhos a se tornarem firmes na fé.

5. PINTE PARA SOLTAR.

Recentemente a filha de um casal amigo se formou no Ensino Médio. Enquanto conversávamos durante a festa de formatura, perguntei: “Então, como vocês estão lidando com isso?” Eu já me emociono quando penso que um dia, num futuro distante, os nossos filhos vão sair de casa, por isso estava curiosa de ouvir a resposta deles. A resposta da mãe foi simples. Ela disse: “Eu não os criei para ficarem conosco para sempre”.

Há tanta verdade nessa declaração! Apesar de agora parecer uma eternidade até que eles finalmente saiam de casa, esse dia vai chegar. Então, não o deixe chegar com arrependimento. Receba-o com a determinação de uma mãe que fez sua parte para enviar a luz de Jesus a um mundo em trevas.

Muito antes de Eunice começar o trabalho amoroso e consistente de formar o jovem Timóteo, ela tinha aprendido o mandamento transmitido por seus antepassados. Quando Deus deu a lei a Moisés, ele queria mostrar aos israelitas como ser um tipo diferente de nação. Ele queria que eles o amassem e servissem de tal maneira que todas as nações pudessem conhecê-lo, o Deus de Israel. Então Moisés orientou os pais israelitas:

“Ouça, ó Israel: O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor. Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa,

quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar” (Dt 6:4-7).

Qual é a ideia principal que Moisés está tentando passar para o povo de Deus? Moisés está dando às famílias um propósito: passar adiante conhecimento de seu amor e de sua lei. Embora seja Deus quem dá a fé, ele opera por meio da fidelidade dos pais.

No versículo 7 a expressão hebraica traduzida como “Ensine-as com persistência” também tem o sentido de “afiar” como uma flecha. Que imagem poderosa! A maternidade não é só fruto do acaso, um empreendimento em que fazemos o que podemos e esperamos pelo melhor. Antes, a maternidade é um estilo de vida que nos forma e lapida. Não estamos simplesmente criando uma pessoa boa ou um cidadão produtivo. Não estamos apenas enchendo nossos filhos com conhecimento bíblico ou acadêmico. Em vez disso, estamos formando-os e afiando-os, para que sejam soltos no mundo a fim de servir a Deus e amar as pessoas.

Que privilégio!

CAPÍTULO 9

Oitavo mito: tudo depende de mim

A preocupação olha ao redor. A culpa olha para baixo. O medo olha para trás. A fé olha para cima.

— AUTOR DESCONHECIDO.



Talvez eu pudesse fingir estar doente. Ou que torcera o tornozelo. Tinha de pensar em algo que me tirasse daquela encrenca!

Minha cabeça estava a mil com esses pensamentos desesperados. Eu (Karen) permanecia calma e controlada por fora, mas, dentro de mim, havia uma grande confusão. Meu coração batia tão forte que eu tinha certeza de que estava visivelmente chacoalhando a mascote do time universitário estampado em minha camiseta recém-adquirida.

Era meu primeiro ano na faculdade e ali estava eu, olhando para aquilo — uma lenda sobre a qual eu ouvia desde minha primeira visita ao *campus*. Era feita de madeira e pregos. E permanecia alta e simples na região central do estado de Michigan, mas me assombrava e me intimidava a ponto de eu estar certa de que iria desmaiar.

Era simplesmente chamada “A Muralha”.

A lenda é também uma tradição da qual todos os calouros, chegando ao *campus* a cada outono, têm de participar. Cada novo aluno que frequenta aquela faculdade deve escalar o monstro de três metros de altura somente com o auxílio dos membros de seu “grupo base” de doze participantes.

Um a um, cada grupo ficava diante da Muralha, tentando descobrir como fazer com que todos os membros do time escalassem e pulassem a estrutura. Do lado de trás, havia uma plataforma, a cerca de três quartos de sua altura a partir do chão. Uma vez que uma pessoa chegasse ao topo, ela podia se abaixar devagar e ficar de pé na plataforma. Em seguida, podia inclinar-se e estender a mão para ajudar os outros colegas que ainda iriam experimentar a emoção de vencer o monstro de madeira.

Assim, o mais difícil era conseguir fazer a primeira pessoa chegar à plataforma, já que não havia ninguém do outro lado para ajudar. Normalmente, o time escolhia a pessoa mais alta, magra e atlética para ir primeiro. Os outros ajudavam a erguê-la usando os ombros como apoio, e a pessoa procurava, com toda sua força, escalar até o topo e apoiar-se na plataforma na parte de trás da Muralha.

O primeiro membro do nosso time conseguiu chegar à plataforma exatamente dessa maneira. A partir daí, um após o outro, mais e mais calouros foram sendo erguidos, suspensos e puxados até que chegassem com segurança ao outro lado. Fiz minha parte para ajudar os outros a subir, mas estava com medo de quando chegasse a minha vez. Eu sabia que precisava de uma estratégia; embora o mais difícil fosse fazer a primeira pessoa chegar à plataforma, era quase tão difícil para a última, já que não havia ninguém mais para erguê-la. E então, com umas quatro pessoas ainda diante da Muralha, decidi que era minha vez.

Tentei falar comigo mesma de modo positivo: “Vamos lá, Karen. Você vai conseguir. Concentre-se. Pule bem alto e agarre-se com força”.

Dei alguns passos para trás, corri rumo à Muralha e depois saltei em direção ao topo, com toda minha força, torcendo para que o braço forte de alguém me pegasse.

Depois de um breve momento de pânico em que pensei que ia vergonhosamente escorregar pela Muralha, senti a mão de um colega segurar a minha e apertei-a firme. Com toda a força que pude reunir, simultaneamente tentei levantar meu corpo usando os braços, enquanto balançava meu pé direito o mais alto possível para que algum membro do time que estivesse do outro lado pudesse agarrá-lo. Depois de três tentativas, finalmente obtive sucesso. Meus colegas, então, foram me puxando até o topo do muro, e eu, cautelosamente, aterrissei do outro lado. Que alívio!

Tendo chegado ao outro lado com segurança, trabalhamos em equipe para fazer com que os outros membros remanescentes chegassem ao lado de trás. Nosso time tinha conseguido! Tínhamos escalado a Muralha.

Com apenas três anos e meio de casada, descobri estar esperando nosso primeiro filho. Eu estava empolgada por estar gerando um novo ser, embora também me sentisse assustada diante da grande muralha da maternidade que teria de escalar, basicamente porque pensava que todo o peso de ser tudo para meu filho repousava sobre meus ombros. Cuidadora. Fornecedora. Cozinheira. Educadora. Enfermeira. Diretora social. Conselheira. Treinadora. E, provavelmente, mais alguma função na qual eu ainda não tinha pensado. Como eu ia conseguir fazer tudo aquilo?

A grande muralha da maternidade

Logo depois de descobrir que uma pessoinha em breve estaria chamando você de “Mãe”, que tipos de emoções invadiram e dançaram em sua mente? Empolgação? Maravilhamento? Euforia? Tenho certeza de que sua cabeça estava cheia de todo tipo de esperanças emocionantes para a maternidade.

Mas e os pensamentos não tão agradáveis? E os lugares profundos e escuros de seu coração em que você abrigava medos verdadeiros — medo de que não saberia exatamente o que fazer. Medo de que seu filho viria ao mundo com uma deficiência. Será que ele ou ela ia ter alguma dificuldade

de aprendizado ao entrar na escola? E o desafio mais temido por todos os pais — a fase da rebeldia adolescente? Será que tenho tudo o que é necessário para ser mãe? Vou conseguir fazer tudo? E o que vai acontecer se eu não conseguir?

Encontramos esse elemento comum do medo nas respostas de nossa pesquisa, realizada com trezentas mulheres. Muitas delas se sentiram quase paralisadas de medo, não somente quando descobriram que iam ser mães, mas em cada nova encruzilhada da maternidade. De uma forma bastante real, essas mães sentiam como se tudo dependesse delas.

Jenna S. expressou isso no que diz respeito à maternidade: “Há tantas vozes dizendo tantas coisas diferentes nessa área. É muito confuso! E faz me sentir como se eu fosse estragar meus filhos”.

Como já mencionamos, é fácil olhar para o que outras mães estão fazendo. Acabamos comparando nosso jeito de ser mãe com o de outras mães, ou o comportamento de nossos filhos com o comportamento dos filhos delas. É uma armadilha para a derrota.

Keleigh G. também se sentiu assim. Ela contribuiu para o debate com o seguinte:

Às vezes, sinto que somos severos demais ao disciplinar nossos filhos, mas, outras vezes, sinto que não somos severos o suficiente. Onde está o equilíbrio? Minha irmã tem nove (sim, nove) filhos bem-comportados, uma casa superorganizada e nunca parece enfrentar as dificuldades que eu enfrento. Não é culpa dela, mas me sinto completamente inadequada quando estou com ela. Não consigo fazer com que meus dois filhos me obedeçam, metade do tempo, minha casa parece que foi levantada, chacoalhada e colocada de volta no lugar. Será que estou dando meu melhor ou eu poderia encontrar mais para dar/fornecer?

E quem nunca teve o mesmo pensamento da participante da pesquisa, Bobbi F.? Aposto que, se formos todas sinceras, vamos confessar que pensamos isto pelo menos uma vez durante nossa jornada da maternidade: “Em cada nova idade/fase, porque é uma coisa nova para mim, fico me

perguntando se estou fazendo a coisa certa e oro para que minhas filhas não tenham de fazer terapia daqui a vinte anos por causa de erros cometidos por mim”.

Sim, o caminho da maternidade é formado por pedras em que devemos pisar e a cada nova pedra em que colocamos nosso pé, um novo medo surge. Então como aprender a não apenas enfrentar nossos medos, mas também sermos bem-sucedidas em meio a eles? Hora de um pequeno problema de aritmética.

Não tema

Você sabia que as expressões “não tema” e “não tenha medo”, ou qualquer outra variação, aparece na Bíblia mais de 365 vezes? Adoro essa pergunta! Parece que Deus sabia que teríamos medo, por isso nos deu versículos suficientes para todos os dias do ano!

Algumas dessas passagens bíblicas do tipo “não tema” foram bastante úteis quando eu me deparei com coisas que levaram meu coração a se desesperar: exames da faculdade; meu noivado; a vida de recém-casada, quando meu marido e eu não nos demos muito bem. Então, quando fiquei grávida do nosso primeiro filho, eu me apoiei muito nesses versículos, muitas vezes citando-os em voz alta para mim mesma, repetidamente. Isso me encorajou a não somente ver o que esses trechos da Bíblia diziam, como também a entender a quem eles eram endereçados.

Uma das primeiras pessoas que Deus tranquilizou foi Abraão (conhecido como Abrão, antes de Deus mudar seu nome). Veja sua interação com Deus:

Depois dessas coisas, o Senhor falou a Abrão numa visão: “Não tenha medo, Abrão! Eu sou o seu escudo; grande será a sua recompensa!” Mas Abrão perguntou: “Ó Soberano Senhor, que me darás, se continuo sem filhos e o herdeiro do que

posso é Eliézer de Damasco?” E acrescentou: “Tu não me deste filho algum! Um servo da minha casa será o meu herdeiro!” (Gn 15:1-3).

Parece que o próprio Abraão tinha um pouco de medo paternal. Seu temor era que ele não fosse pai, em vez disso sua herança seria deixada a alguém fora de sua linhagem. Mas Deus foi ao encontro dele em meio ao seu temor, e lhe disse: “Seu herdeiro não será esse. Um filho gerado por você mesmo será o seu herdeiro” (Gn 15:4). Na verdade essa é a primeira vez na Bíblia que encontramos Deus dizendo a alguém que não tivesse medo — e tinha de ser em relação a ser pai!

Em seu comentário sobre essa passagem, o professor das Escrituras, Warren Wiersbe, declara:

O remédio de Deus para o medo de Abraão era lembrá-lo de quem ele era: “Eu sou o seu escudo; grande será a sua recompensa!” (Gn 15:1). O “Eu sou” de Deus é perfeitamente apropriado para o “Eu não sou” do homem. [...] Sua vida é tão grande quanto a sua fé, e a sua fé é apenas tão grande quanto o seu Deus. Se você passar todo o seu tempo olhando para si mesmo, ficará desencorajado, mas se olhar para Deus em fé, você será encorajado.⁵

O “Eu sou” de Deus é perfeitamente apropriado para o “Eu não sou” do homem.

Sim. E amém!

Não é verdade que tudo depende de mim. Se eu olhar para mim mesma, ficarei desencorajada e desanimada. Porém, se eu olhar para o Senhor, receberei a força e a coragem necessárias para criar meus filhos para a glória de Deus.

Vemos outros homens e mulheres da Bíblia que também precisaram da mensagem “Não tema” de Deus: Moisés, o povo de Israel, Josué, Elias, Maria, os pastores que receberam a notícia do nascimento de Jesus por um anjo do Senhor... E essas são somente algumas! A Bíblia está repleta de pessoas assustadas e carentes de receber de Deus a mensagem de que não

deviam temer. Mas minha personagem favorita a receber coragem do Senhor foi uma mãe, como você e eu, que se encontrava num beco sem saída e estava consumida por tristeza e ansiedade. O nome desta mulher era Hagar.

Sozinha e com medo

A família de Abraão era meio desajustada, assim como as famílias de hoje. Cansado de esperar a chegada de seu prometido descendente por meio de sua esposa, Sara (que se chamava Sarai, antes de Deus também mudar seu nome), Abraão decide dormir com Hagar, a serva de sua esposa, a fim de gerar um herdeiro. Agora, antes de condenarmos o homem por essa decisão, precisamos notar o fato de que foi uma ideia brilhante de sua esposa e era uma prática comum naquela cultura. O plano, todavia, não saiu conforme o previsto.

Quando Hagar descobre que está grávida, as coisas na casa de Abraão se tornam um tanto dramáticas. O conflito se deflagra entre as duas mulheres, e Sara reclama de Hagar para o marido. Sara sente que a serva começou a olhar com desprezo para a sua senhora. O que lhe diz Abraão? “Respondeu Abrão a Sarai: ‘Sua serva está em suas mãos. Faça com ela o que achar melhor’. Então, Sarai tanto maltratou Hagar que esta acabou fugindo” (Gn 16:6).

Na segunda metade do capítulo 16 de Gênesis, a aflita futura mãe foge de sua senhora e Deus vai ao encontro de Hagar.

O Anjo do Senhor encontrou Hagar perto de uma fonte no deserto, no caminho de Sur, e perguntou-lhe: “Hagar, serva de Sarai, de onde você vem? Para onde vai?” Respondeu ela: “Estou fugindo de Sarai, a minha senhora”. Disse-lhe então o Anjo do Senhor: “Volte à sua senhora e sujeite-se a ela”. Disse mais o Anjo: “Multiplicarei tanto os seus descendentes que ninguém os poderá contar” (Gn 16:7-9).

Hagar volta para a casa de Abraão e Sara. Ela dá à luz um filho e o chama de Ismael. Parece que serão todos felizes para sempre, certo? Mas não é bem assim. Surgem mais encrascas. Desta vez, quando Ismael é adolescente. Ele atormenta seu irmão mais novo, Isaque — o filho finalmente nascido por Abraão e Sara — e, então, Ismael e sua mãe são expulsos.

As duas vezes que Hagar estava aflita e em fuga, Deus foi ao encontro dela — e de seu filho. Da primeira vez que Deus falou com Hagar, encorajou-a e a orientou a voltar para casa, e teve um efeito profundo nela. Vamos revisitar a passagem do ponto em que paramos:

Este foi o nome que ela deu ao Senhor que lhe havia falado: “Tu és o Deus que me vê”, pois dissera: “Teria eu visto Aquele que me vê?” (Gn 16:13).

Aquele que me vê.

Em hebraico, isso é *El Roi* (pronuncia-se El Roy — como o personagem do filho do George Jetson, se você for antiga o suficiente para se lembrar daquele desenho animado, *Os Jetsons!*). Hagar ficou impressionada com o fato de que tinha encontrado o Deus que a conhece e a vê intimamente. A intimidade é uma coisa frágil e, ao mesmo tempo, maravilhosa. Deus vê Hagar — seus sentimentos, seus medos, suas derrotas e tudo mais. Ele nos vê também. Esta é a primeira vez que esse nome para Deus é usado. Mas não é a única vez. É um nome que permanece. Deus ainda é o Deus que continua a ver a nós, mães desesperadas que, às vezes, somos como Hagar — sentimentos, medos, derrotas e tudo mais.

Mais adiante, quando Ismael perturba seu irmão menor, Deus novamente vai ao encontro de Hagar, em meio à sua solidão no deserto. Apesar de Abraão ter fornecido alguns suprimentos para ela e o menino, em breve eles se acabam e, mais uma vez, Hagar se encontra carente física, emocional e espiritualmente.

Quando acabou a água da vasilha, ela deixou o menino debaixo de um arbusto e foi sentar-se perto dali, à distância de um tiro de flecha, porque pensou: “Não posso ver o menino morrer”. Sentada ali perto, começou a chorar.

Deus ouviu o choro do menino, e o anjo de Deus, do céu, chamou Hagar e lhe disse: “O que a aflige, Hagar? Não tenha medo; Deus ouviu o menino chorar, lá onde você o deixou. Levante o menino e tome-o pela mão, porque dele farei um grande povo”.

Então, Deus lhe abriu os olhos, e ela viu uma fonte. Foi até lá, encheu de água a vasilha e deu de beber ao menino.

Deus estava com o menino. Ele cresceu, viveu no deserto e tornou-se flecheiro (Gn 21:15-20).

Os encontros entre Hagar e seu Deus nos ensinam muito sobre a forma como Deus lida conosco como mães, hoje, principalmente na medida em que nos preocupamos em suprir as muitas necessidades de nossos filhos. Que lições podemos tirar da história dessa mulher? Vejo pelo menos três.

I. DEUS VÊ NOSSA SITUAÇÃO.

Hagar não é a única mãe a quem Deus se revelou como El Roi — o Deus que vê. Ele pode ter se mostrado a Hagar dessa maneira pela primeira vez na história, mas não parou por aí. Ele ainda é o Deus que vê — que nos vê.

Ele vê os medos que abrigamos em nosso coração. Medo de que não tenhamos o que é necessário para sermos tudo de que nosso filho pode precisar a qualquer momento. Preocupação de que as muitas coisas que precisamos dar ao nosso filho para sustentar a vida se esgotem. Deus conhece esses temores profundos, porque ele não somente nos criou como também se fez carne para habitar entre nós. Hebreus 4:14-16 nos explica esse conceito de forma comovente:

Portanto, visto que temos um grande sumo sacerdote que adentrou os céus, Jesus, o Filho de Deus, apeguemo-nos com toda a firmeza à fé que professamos, pois não

temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém sem pecado. Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade.

Ele entende. Podemos nos aproximar com toda a confiança. Encontraremos misericórdia e graça no momento de maior necessidade.

2. DEUS CONHECE AS NECESSIDADES DE NOSSOS FILHOS.

Quando Hagar e seu filho esgotaram seus suprimentos, Deus viu a necessidade deles. Ele enviou um anjo. Quando viu sua filha vagando no deserto sem rumo, preocupada com seu futuro e com o de seu filho, Deus supriu sua necessidade de uma maneira muito tangível. Além de lhe enviar consolo emocional, na forma de um anjo, ele enviou suprimento material para ela e o menino. Deus abriu os olhos de Hagar, e ela enxergou uma fonte. Imediatamente, ela encheu sua vasilha d'água e deu de beber a seu filho. (Não é típico das mães? Ter certeza de que seu filho tem o suficiente para comer e beber é instintivo!)

Mas Deus não forneceu bebida para mãe e filho naquele dia e foi em frente, abandonando-os à sua sorte. Ele estava com o menino, enquanto Ismael crescia no deserto e se tornava flecheiro. Deus não abandonou Ismael, apesar de seu mau comportamento. Tampouco abandonou Hagar, obrigando-a a criar sozinha um garoto adolescente. Deus continuou com eles à medida que Ismael ia se tornando um homem com uma ocupação.

3. DEUS CONTINUARÁ A NOS FORNECER ÁGUA VIVA NOS DIAS POR VIR.

Jesus disse isso sobre si, enquanto conversava com a mulher que encontrou, um dia, perto do poço. Leiamos a história no evangelho de João:

Nisso, veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: “Dê-me um pouco de água”. (Os seus discípulos tinham ido à cidade comprar comida.) A mulher samaritana lhe perguntou: “Como o senhor, sendo judeu, pede a mim, uma samaritana, água para beber?” (Pois os judeus não se dão bem com os samaritanos.) Jesus lhe respondeu: “Se você conhecesse o dom de Deus e quem lhe está pedindo água, você lhe teria pedido, e ele lhe teria dado água viva”. Disse a mulher: “O senhor não tem com que tirar água, e o poço é fundo. Onde pode conseguir essa água viva? Acaso o senhor é maior do que o nosso pai, Jacó, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu, bem como seus filhos e seu gado?” Jesus respondeu: “Quem beber desta água terá sede outra vez, mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Ao contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna” (Jo 4:7-14).

Jesus nos oferece água viva — a vida eterna mediante a fé em sua obra consumada na cruz. Apenas depositando nossa confiança nele podemos ter essa vida — vida abundante. Cristo promete nunca nos deixar ou abandonar. Ele permanecerá conosco no chamado à maternidade, se tão somente confiarmos, apoiarmo-nos e colocarmos nossa esperança nele.

Com ele, não precisamos temer o futuro — o nosso futuro nem o futuro de nossos filhos.

Do medo para o sagrado

Às vezes a grande muralha da maternidade que temos de escalar nos parece “Golias” demais e intransponível. Olhamos fixamente para ela e nos perguntamos se temos o que é necessário. Nosso coração bate com força. Nossa mente vai a mil por hora. Tememos o futuro — por nós e por nossos filhos. Preocupamo-nos em não conseguir ser tudo para os nossos filhos, suprir as necessidades deles em cada encruzilhada da vida.

Nossos joelhos tremem. O tremor encobre qualquer voz da razão.

Mas, e se parássemos de ouvir essa voz dentro da nossa cabeça, essa que teme, que se desespera e que se preocupa? E se, em vez disso, buscássemos a Deus e a outras pessoas? Outras mães, que também têm de escalar a muralha, e a Deus, que está esperando para agarrar firme nossa mão escorregadia?

Tenho orado por pessoas que entrem na vida de cada um de meus filhos, pessoas que servirão de mentores, para orientá-los, pessoas que compartilham dos mesmos valores cristãos meus e de meu marido. Aprendi, desde cedo, que não posso ser tudo para os meus filhos, e sei que Deus trabalha por meio da comunidade. Ele usou minha mãe para ser minha maior e mais importante professora, mas também usou outros mentores em minha vida, à medida que eu crescia. Então, comecei a orar para Deus trazer pessoas desse tipo para a vida de meus filhos. Ele não me decepcionou.

Foi na época da faculdade, enquanto eu desfilava com meu penteado típico dos anos 1980, que ouvi pela primeira vez o antigo provérbio africano: “É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”.

Meu professor de CORE 200, que era da Jamaica, falou sobre a forma como os adultos, em sua terra natal, dividiam a tarefa de ensinar o certo e o errado às crianças do bairro. Você não precisava se preocupar se seu filho se comportasse mal ao brincar na rua de baixo. Ele seria corrigido por um adulto que compartilhava de suas visões sobre a criação dos filhos.

Mais tarde, enquanto eu estava tendo bebês durante toda a década de 1990, a primeira-dama, Hillary Clinton, usou esse provérbio jamaicano como título de seu livro, no qual tentou explicar a ideia.

Muitas pessoas que conheço rejeitaram esse conceito, afirmando que o provérbio tomara um novo significado e que o que estava, de fato, dizendo era: “É preciso um grande Estado para educar uma criança, então nos deixem lhes mostrar como se faz. Ah, a propósito, vamos aumentar os seus impostos para poder fazer isso”.

Se o significado passou a ser esse, então eu também não gosto dessa frase.

Porém, igualmente me incomoda quando ouço pais dizerem: “Posso criar meus filhos sozinho, suprir todas as necessidades deles para que cresçam bem. Serei o único modelo para eles, a única influência espiritual deles e o único professor de qualquer coisa bíblica, prática ou acadêmica. As crianças precisam de seus pais e de ninguém mais, muito obrigado”.

Esses dois extremos me deixam tensa. Não quero o Estado criando meus filhos. Mas também não estou interessada num ato completamente solo.

E aí, é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança?

Desde que minha primeira filha era pequena, tenho orado para que as mulheres que estivessem em contato com ela a inspirassem, ajudassem-na a desenvolver seus dons e servissem de modelo para ela no sentido de viver como seguidora de Cristo. Quando minha filha completou doze anos, ela tinha se ligado a algumas mulheres maravilhosas, com as quais ela passava bastante tempo. Ela ajudava a olhar os filhos dessas mulheres, a limpar a casa delas ou a ensinar língua de sinais ou inglês para as crianças.

Enquanto fazia isso ela também estava observando essas mulheres na criação dos filhos, no relacionamento com o marido e no serviço a Deus.

Mais adiante, quando Kenna estava tendo dificuldade com alguma questão da adolescência, ela, muitas vezes, pegava o telefone e pedia para usar o carro e sair, para passar um tempinho com uma daquelas mulheres. Isso nunca me incomodou. Enquanto eu ouvia outras mães se lamentarem pelo fato de suas filhas não “virem até elas” ou “se abrirem com elas” quando estavam enfrentando alguma dificuldade, eu pedia a Deus que me mostrasse meu lugar.

Em diversas ocasiões, meu lugar era de joelhos diante dele, mas em silêncio diante de minha filha.

Uma amiga sábia me disse, um dia: “Não fale sempre com seus filhos sobre Deus. Às vezes você precisa falar com Deus sobre seus filhos”. Então, eu e ele batíamos um papo. E, muitas vezes, ele me dizia a mesma coisa:

fique quieta, faça a comida preferida de Kenna e deixe para ela um bilhete dizendo que você a ama. Não é preciso bater boca sobre o assunto em questão.

Hoje, quando olho em retrospectiva para a vida de quase vinte e cinco anos de minha filha, vejo a maneira como Deus orquestrou a colocação em seu caminho de pessoas que ajudaram a moldá-la e formá-la, servindo de inspiração para ela ser mais como Jesus.

Mulheres como Ellen. E Julie. E Wendy. E Holly. E Melanie. E Lysa. Todas elas desempenharam um papel muito importante na vida de minha filha. Embora eu ainda acredite que, como pais, sejamos os mais importantes professores e modelos de nossos filhos, não somos os únicos.

E não, não é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança.

É preciso uma mãe, guiada por Deus, e uma ajudinha de seja lá quem ele colocar no caminho de seu filho.

Apenas ore.

E seja cautelosa.

E esteja disposta a confiar em Deus para trazer o coração de seu filho para perto dele, ainda que para isso seja necessário um pequeno desvio durante o caminho. Lembre-se de que seu filho aprenderá com as próprias experiências. Apenas dizer a seu filho o que é certo e errado, juntamente com todo o devido respaldo bíblico disponível, nem sempre funciona. Às vezes é preciso que ele aprenda do mais antigo e doloroso jeito. Ou talvez, pelo menos, que ele aprenda com outra pessoa.

Está na hora de você chamar reforço?

Alguns dos momentos mais sagrados para mim como mãe têm sido quando vejo meus filhos crescerem espiritualmente — sozinhos, sem minha ajuda —, à medida que aprendem com outras mães e mentores em suas vidas. Não posso ser tudo para eles. E sabe por que fico feliz de não poder ser tudo para os meus filhos? Porque se eu fosse uma mãe perfeita — se eu soubesse todas as respostas, se eu nunca os orientasse errado, se eu pudesse suprir todas as suas necessidades emocionais, espirituais e físicas —, isso traria um resultado terrível.

Meus filhos não precisariam de Deus.

Por isso sou grata até as pontas dos meus dedos do pé sem pedicure por ser uma mãe imperfeita, pois isso faz com que meus filhos anseiem por um Deus perfeito.

Se tivermos fé para buscar a Deus e a outras pessoas, podemos parar de sentir medo e encontrar o chamado sagrado da maternidade. A confissão sagrada em que reconhecemos que não sabemos o que fazer. O espaço sagrado onde derramamos nosso coração para Deus e choramos, como fez Hagar, num deserto de preocupação e dúvida. É ali, nas profundezas do desespero ou, pelo menos, nos pequenos bolsos de dúvida que invadem nosso dia, que aprendemos a agarrar firme na mão de Deus. Ao reconhecer que não somos o suficiente, descobrimos que Deus o é.

Ele sabe o que é melhor para os nossos filhos quando não temos a menor pista. Ele sabe como falar a seus corações quando tudo o que fazemos é gritar com eles. Somente ele conhece quais amizades podem ser formadas, à medida que buscamos outras mulheres também desesperadas com medo de que fizeram um estrago irreparável a seus filhos. Somente Deus pode nos dar a água viva que matará nossa sede ao longo do caminho.

Enquanto bebemos da Fonte de Água Viva, finalmente nos encontraremos vivendo bem como mães. Talvez seja preciso ler centenas de versículos sobre o medo, repetidamente, ano após ano. Mas Deus é fiel. Ele está pronto e disposto a nos ajudar a enfrentar os medos que vêm com o título “Mãe”.

Ele não somente nos dá esses versículos, que nos dizem para não termos medo, mas também nos presenteou com outro versículo, que nos diz que ele estará conosco, enquanto tentamos realizar essa façanha gigantesca — escalar a grande muralha da maternidade:

Tu, Senhor, manténs acesa a minha lâmpada; o meu Deus transforma em luz as minhas trevas. Com o teu auxílio posso atacar uma tropa; com o meu Deus posso transpor muralhas. Este é o Deus cujo caminho é perfeito; a palavra do Senhor é

comprovadamente genuína. Ele é um escudo para todos os que nele se refugiam (Sl 18:28-30).

Sim, mães — com nosso Deus, podemos escalar a Muralha.

CAPÍTULO 10

Nono mito: tenho de fazer tudo certo, se não meu filho vai “sair errado”

Ser mãe perfeita não tem jeito. Mas há um milhão de jeitos de ser boa mãe.

— JILL CHURCHILL.



Lágrimas rolavam por seu rosto sujo. Eu (Ruth) não podia vê-lo muito bem, apenas o suficiente para saber que estava chorando. Chorando para valer.

Ali, na posição de arremessador, estava um garoto de dez anos vivenciando mais do que apenas um jogo divertido de beisebol. Sim, ele adorava jogar beisebol, mas, naquela partida, havia muito mais em jogo. Como em qualquer boa disputa, principalmente em que os dois times estão jogando bem, havia muita torcida e gritaria. A tensão era tão espessa quanto a umidade naquele dia de verão.

Então ouvi o pai do menino. A voz dele era estrondosa.

Dizem que a mãe conhece o grito do filho. Acho que é igualmente verdade que um filho conhece a voz do pai. Em meio a todas as vozes, à torcida e à gritaria, uma se destacava. De repente, tudo fez sentido para mim. O foco. As lágrimas. A pressão. Aquele garoto não estava arremessando para ganhar o jogo, mas sim para ganhar a aprovação de seu pai. Argh!

Não importa a idade de seu filho nem a atividade que ele esteja praticando, você conhece o tipo de pai ou mãe de quem estou falando. Aquela mãe que está envolvida excessivamente a ponto de você sentir que ela está vivendo (ou revivendo) sua infância por meio do filho. É provável que todas nós já tenhamos estremecido ao ver uma mãe ou um pai de pé, na lateral da quadra de futebol, na competição para se tornar líder de torcida ou envolvido excessivamente no treino! Talvez você esteja pensando: “Eu nunca faria isso! Como aquela mãe pode ser tão tola?”.

Permita-me sugerir que todas fazemos isso com nossos filhos, de um jeito ou de outro, quer achemos ou não ser “aquela” mãe. Sim. Vamos ser sinceras: nós lutamos contra criar nossos filhos do jeito errado. E por “jeito errado” quero dizer com motivos, perspectiva ou desejos errados. Independentemente do meu choque naquele dia quente de verão, ao ouvir o pai gritando com o filho, a verdade nua e crua era que eu realmente precisava tirar primeiro a viga do meu olho. Ai.

A tensão é real

Recentemente, realizamos uma pesquisa no The Better Mom para ver quantas mães lutam contra o “jeito errado” em oposição ao “jeito certo”. De um total de mais de trezentas mães participantes, 90% disseram que questionavam sua capacidade de criar os filhos. A tensão é real para a maioria das mães. Muitas vezes há esta pergunta pesada e persistente: “Estou criando meu filho do jeito certo ou do jeito errado?”.

Nicole B. diz: “Todos os dias eu questiono a jornada em que estou. Questiono se sou a pessoa certa para educar meus filhos. Questiono se os estou estragando. Questiono se Deus cometeu um erro em confiar a mim, uma mãe tão confusa, essas três lindas crianças”.

Catherine S. diz: “Constantemente me preocupo se estou fazendo tudo errado e deixando de instruir e ensinar para meus filhos o suficiente das coisas certas”.

Tabitha C. diz: “Sei que nenhuma mãe é perfeita, mas todas nós parecemos querer ser a mãe perfeita. Encontro-me mais frequentemente questionando minha capacidade de criar meus filhos do que somente permitindo que Deus cuide das coisas. Cometi muitos erros em minha vida. Tenho sempre medo de que ser mãe seja mais um erro e que isto vá arruinar a vida dos meus filhos”.

As estatísticas não me surpreenderam. Quero dizer, quantas vezes questioneei minha própria capacidade? Para mim, essa tensão continua a crescer à medida que meus filhos vão ficando mais velhos. Assim, eu já desconfiava de qual seria a resposta. O que me surpreende, porém, é que a maioria de nós sente que esse questionamento é algo ruim. Deixamos de aprender com essa tensão interna que sentimos.

Agora ouvi dizer muitas vezes que cada um cria seus filhos de um jeito diferente e que não existe jeito certo ou errado. Talvez, como afirma Keirra K., haja outra maneira de olhar para isso. Sua resposta à pesquisa foi um grande lembrete para mim.

Ela disse: “Sim, questiono minha capacidade! Já me disseram algumas vezes que, se você se preocupa, é porque está fazendo um bom trabalho. Se não se preocupa, significa que você não está nem aí. Mas a preocupação revela que você se importa o suficiente para tentar fazer boas escolhas na criação do seu filho”.

De fato, não há um jeito perfeito de criar os filhos, mas, com certeza, há jeitos melhores. Para alguns, erramos na criação dos filhos por causa do medo. Para outros, o vilão é a culpa. E, certamente, para outras mães, criamos nossos filhos para acertar os erros, aliviar memórias ou tentar

passar adiante desejos que temos, mas dos quais nossos filhos não compartilham. Então, como podemos descobrir essas falhas dentro de nós?

A armadura de quem eles vestirão?

Sempre gostei bastante da história de Davi e Golias. A história do fracote que derrotou o gigante filisteu tem dado a inúmeros leitores coragem para enfrentar seus “Golias” em fé. E seu pano de fundo também pode fornecer uma perspectiva bastante útil na criação dos filhos. Não perca!

Quando a história começa, Saul ainda é o rei de Israel, mas Deus ungiu Davi como seu sucessor. Nos versículos que conduzem à entrada de Davi no campo de batalha, lemos que Saul (mais provavelmente com boas intenções) tentou vestir Davi para a batalha:

Saul vestiu Davi com a própria túnica, colocou-lhe uma armadura e lhe pôs um capacete de bronze na cabeça. Davi prendeu sua espada sobre a túnica e tentou andar, pois não estava acostumado com aquilo. E disse a Saul: “Não consigo andar com isto, pois não estou acostumado”. Então tirou tudo aquilo e em seguida pegou seu cajado, escolheu no riacho cinco pedras lisas, colocou-as na bolsa, isto é, no seu alforje de pastor, e, com sua atiradeira na mão, aproximou-se do filisteu (1Sm 17:38–40).

O que Davi estava dizendo ao tirar a armadura de Saul? Em parte, ele estava resistindo à insistência de liderar como uma pessoa que não era. Em vez de vestir a armadura e o capacete de Saul, ele pegou seu cajado e tomou sua atiradeira. Davi tinha de fazer o que funcionava para ele. Ele tirou a armadura de Saul para que pudesse vestir sua própria armadura.

Ah, adoro isso.

Não duvido nem por um segundo que Saul estava tentando ajudar Davi. Ele estava usando sua armadura, suas experiências, para ajudar a vestir Davi. Saul, com boas intenções, estava sendo movido pelo que ele

queria, e não pelo que era realmente melhor para Davi. O problema era que Davi era outra pessoa.

Opa.

Você enxerga a conexão aqui? Quantas vezes, como mães, fazemos exatamente a mesma coisa? Embora essa seja a história de um rei tentando repassar sua armadura para o futuro soberano, a história pode certamente ser aplicada aos pais na criação e formação dos filhos. Se não tomarmos cuidado, portanto, como Saul, podemos tentar vestir nossos filhos com uma armadura que eles não foram feitos para usar. Talvez até com boas intenções, podemos moldar nossos filhos do jeito errado.

Vamos falar mais sobre o “jeito certo” em breve, mas, por enquanto, vamos falar sobre o que parece cometer o erro de criar os filhos do jeito errado. Ajudar os filhos a se tornarem portadores singulares da imagem de Deus é uma tarefa que requer sabedoria, paciência e a graça de Deus. Não permita que suas experiências passadas, sua personalidade ou seus desejos se tornem confusos ou entrem em conflito com o que Deus tem reservado para os seus filhos.

Qual jeito é o jeito errado?

O salmo 139 nos dá um bom lugar para começar. Podemos orar:

Sonda-me, ó Deus,
e conhece o meu coração;
prova-me, e conhece as minhas inquietações.
Vê se em minha conduta algo te ofende,
e dirige-me pelo caminho eterno (Sl 139:23-24).

Como mães, vamos dar uma olhada em nosso coração. Vamos pedir a Deus que nos sonde para que possamos discernir as áreas em que podemos estar criando os filhos do jeito errado. Às vezes é difícil discernir o que se

passa em nosso coração. Então, como forma de ajudar a descobrir maneiras em que talvez estejamos criando os filhos do jeito errado, seguem cinco perguntas que podemos fazer a nós mesmas.

1. VOCÊ ESTÁ CRIANDO SEUS FILHOS COM BASE NOS PRÓPRIOS DESEJOS EM VEZ DE RESPEITAR O *DESIGN* DELES?

Uma das maneiras pelas quais talvez estejamos criando os filhos do jeito errado é deixar que nossos desejos pessoais se sobreponham àquilo que Deus projetou nossos filhos para serem. Para evitarmos criar os filhos do jeito errado, temos de deixar o *design* dos filhos se sobrepor aos nossos desejos. Com *design*, quero dizer os interesses e as paixões singulares que nossos filhos possuem. Meu filho é um indivíduo, com personalidade e paixões, e até mesmo experiências de vida, diferentes das minhas. Nossos filhos não são cópias de nós mesmas!

Quando meu filho mais velho tinha nove anos, estava escolhendo uma música para baixar. Eu adoro música. Canto desde meus seis anos, o que explica por que essa situação em particular era importante para mim. Enquanto ele procurava a música certa, encontrou uma que eu nunca teria escolhido! Eu queria que ele escolhesse uma música acústica, lenta e apropriada para a adoração — que tivesse conteúdo profundo e rico, uma música que realmente quisesse dizer algo. Quem sabe Hillsong, Chris Tomlin ou Christy Nockels. Mas um *rap*? Mesmo? Em silêncio, prestei atenção na letra. Não havia nada ruim, mas também não havia nada profundo. Lembro-me de lutar contra a vontade de falar e criticar a escolha dele.

“Ele não é você, Ruth”, eu disse a mim mesma. “Seus gostos e interesses podem ser diferentes. Não lute uma batalha que não vale a pena lutar. Ah, e (sim!) ele só tem nove anos.”

Era uma situação tola demais para eu me frustrar, mas acho que ilustra o quão facilmente nossas preferências e desejos podem nos conduzir a criar

nossos filhos do jeito errado. Eu adoraria que todos os meus filhos crescessem gostando de músicas e cantando-as, como eu o fiz. Mas talvez não seja assim. E tenho de me conformar com isso. Devemos tomar cuidado para que nossos desejos não diminuam, interfiram ou se sobreponham ao indivíduo que Deus criou nosso filho ou nossa filha para ser. Criamos nossos filhos do jeito errado quando tentamos moldá-los do nosso jeito, em vez do jeito de Deus.

2. VOCÊ ESTÁ CRIANDO SEUS FILHOS COM BASE NO MEDO?

Como o medo aparece no modo como você cria seus filhos?

Talvez tenhamos medo da influência de uma cultura secular, então protegemos cuidadosamente nossos filhos de qualquer contato com “o mundo”.

Talvez temamos pela segurança e bem-estar de nossos filhos, então os protegemos, não permitindo que eles explorem, fracassem ou experimentem consequências naturais.

Olhando adiante, tememos pelo futuro de nossos filhos. Vivemos numa cultura cada vez mais competitiva e nos preocupamos com nossos filhos terem dificuldade para encontrar seu lugar no mundo ou ter uma profissão para o próprio sustento. Esse medo silencioso e, às vezes, não expresso em palavras, nos leva a empurrar nossos filhos e sobrecarregá-los com as mais diversas atividades, por medo de que eles não sejam bem-sucedidos, caso optem por não participar delas.

Recentemente, Scott Dannemiller escreveu um interessante artigo intitulado “The One Question Every Parent Should Quit Asking” [A pergunta que todos os pais deveriam parar de fazer].⁶ Ele diz que as crianças estão experimentando menos tempo livre, mais tempo fazendo lição de casa, mais tempo fazendo compras e um significativo aumento nos níveis de ansiedade. Com inúmeras oportunidades, inclusive boas oportunidades, as crianças estão mais estressadas do que nunca. Assim, na

opinião de Dannemiller, todos os pais devem parar de perguntar: “O que podemos perder se não aproveitarmos essas oportunidades?”. Como ele aponta, um pai é, muitas vezes, impulsionado por pensamentos ansiosos e pelo medo de que seu filho não seja bem-sucedido acadêmica, social ou athleticamente. O empurrão é para que ele avance. Todo esse medo gera cronogramas cheios, crianças estressadas e orçamentos quebrados.

Agora, não me entenda mal; não estou dizendo que devemos tirar nossos filhos de todas as atividades extracurriculares. Mas precisamos tomar cuidado para não deixar expectativas ou motivações erradas conduzirem nossas atitudes como pais. Precisamos tomar cuidado para não mirar nos alvos errados. Nossas aspirações para nossos filhos devem ser medidas com base na Palavra de Deus, e não com base nos padrões do mundo.

Nossa cultura nos impulsiona a ter nossos filhos correndo a mil quilômetros por hora para que eles façam parte de tudo, a fim de que sejam o melhor que puderem ser. Precisamos lutar contra essa pressão e nos certificar de que não estamos criando nossos filhos com base no medo de que eles se tornarão ou deixarão de se tornar.

3. VOCÊ ESTÁ CRIANDO SEUS FILHOS COM BASE NA COMPARAÇÃO?

Ela vai levar os filhos ao cinema, de novo?

Queria poder fazer todos esses artesanatos com meus filhos.

Fala sério, como é que as filhas dela estão sempre usando o penteado e a roupa perfeitos?

Esses são apenas alguns pensamentos que — sinto vergonha de reconhecer — cruzam a minha mente. Na maioria dos dias, quando tenho dificuldade para simplesmente escovar os dentes e me arrumar o suficiente para estar apresentável, pergunto-me como é que outras mães parecem estar com tudo em cima. A palavra-chave aqui é “parecem”. Elas “parecem” estar com tudo em cima. As aparências enganam.

A comparação quase sempre ocorre com pessoas a quem mais nos assemelhamos.

Uma mãe se compara com outra mãe. Um musicista ouve e olha para outros musicistas. Um atleta se compara não com um marceneiro ou um vendedor, mas sim com outros atletas. Um pai compara seus filhos com os filhos de outro pai da mesma faixa etária. Todas nós praticamos a comparação!

Vivemos numa cultura cada vez mais competitiva; portanto, as comparações são inevitáveis. Declarei as comparações que faço de mim mesma com outras mães, mas, muitas vezes, nosso pecado pode também nos tentar a tirar os olhos de nossos filhos e, em vez disso, julgar o processo ou o desempenho do filho de outra pessoa em comparação com o nosso.

Então, o que há de tão perigoso em comparar? Primeiro, comparar pode ser impulsionado pelo medo. E já falamos sobre o perigo do medo. O outro lado da comparação é o orgulho. Um orgulho que diz: “Estou fazendo certo. Veja que ótima criação eu estou dando!” Não queremos somente satisfazer as expectativas; queremos que nossos filhos sejam os melhores.

Mas a comparação pode ser fatal, em outros aspectos, para pais e filhos. A comparação é um ladrão. Ela rouba de um pai a alegria, o contentamento, a paz. E rouba do filho a própria singularidade. Deus nos deu filhos criados à sua imagem de modo singular. Eles são uma “obra” de Deus. Quando nós criamos nossos filhos com base na comparação estamos tentando inseri-los nos moldes de outra pessoa. A singularidade não tem a ver somente com quem eles se tornarão, mas com quem eles são hoje.

É preciso sabedoria para desacelerar, quando você precisa, ou para estimular e esticar, quando necessário. Ser mãe ou pai é uma corda bamba que requer equilíbrio entre paciência e estímulo. Cada criança tem seu ritmo. Então tome cuidado para não recriar seu filho à própria imagem ou à imagem de outra pessoa.

O apóstolo Paulo, certa vez, escreveu para os membros de uma igreja, a fim de ensiná-los e encorajá-los e, ao fazer isso, usou a metáfora de um pai: “Pois vocês sabem que tratamos cada um como um pai trata seus filhos,

exortando, consolando e dando testemunho, para que vocês vivam de maneira digna de Deus, que os chamou para o seu Reino e glória” (1Ts 2:11-12).

Como mães, nós também precisamos encorajar, consolar e inspirar nossos filhos para que eles vivam de maneira digna de Deus. Nós também precisamos rejeitar a comparação que pode alimentar nossa insegurança, ansiedade e superproteção. Em vez disso, precisamos abanar as chamas dos dons, da personalidade, do intelecto e das habilidades deles. Nossos filhos e filhas foram feitos “de modo especial e admirável”. Vamos encorajá-los de forma coerente com quem eles são, e não com quem o filho de outra pessoa é. Precisamos criar nossos filhos não com base na comparação, mas sim com base na sabedoria de Deus para nosso filho.

4. VOCÊ ESTÁ CRIANDO SEUS FILHOS PARA REMEDIAR SEU PASSADO?

Muitos anos atrás, fomos todos a um restaurante com amigos e curtimos uma noite de hambúrgueres e batatas fritas ilimitadas. Saímos com copos descartáveis, jogos americanos coloridos e bexigas. Estávamos cansados, satisfeitos, agradecidos por uma noite divertida, mas prontos para irmos para casa dormir!

À medida que deixávamos o restaurante, nossos filhos avistaram um parquinho no estacionamento. Instantaneamente, todos perguntaram: “Podemos ir ao parquinho?” Querendo chegar em casa e terminar a noite, dissemos: “Hoje não”. Estávamos exaustos, e era hora de ir para a cama.

Um dos pais mais velhos, que tinha filhos adultos, disse: “Deixem eles irem! Meus pais sempre diziam não, e precisamos dizer sim com mais frequência!”

Por um lado ele tinha razão. Não queremos dizer “não” sempre. No entanto, essa história nos mostra como podemos fazer escolhas ruins na criação dos filhos quando tentamos compensar os erros cometidos por nossos pais. Talvez nossos pais fossem econômicos demais, então gastamos

descontroladamente. Ou fossem excessivamente severos, então nos tornamos permissivos. O oposto também pode ser verdadeiro: talvez nossos pais viveram de maneira caótica, então optamos por viver com uma disciplina militar.

Ninguém teve pais perfeitos, e nenhum de nós será pai ou mãe perfeito. Mas pode ser perigoso criar os filhos de uma forma que tente corrigir todos os erros do passado. Criar os filhos para remediar o passado não consertará o que aconteceu conosco quando crianças. Precisamos criar nossos filhos com base no que é certo, e não no que nossos pais fizeram de errado.

5. VOCÊ ESTÁ CRIANDO SEUS FILHOS PARA QUE ENCONTREM O PRÓPRIO VALOR?

Há alguns anos, tiramos um fim de semana para viajar com meus pais para a Ilha de Mackinac, no Estado de Michigan. Quando estávamos voltando da ilha, tivemos de nos apertar num barco quase lotado. Meus pais e nossos filhos conseguiram sentar na frente. Infelizmente, não pudemos sentar todos juntos, então encontrei um assento algumas fileiras para trás. Não estivéramos na água há mais de cinco minutos quando meus filhos começaram a comer salgadinhos. E, para minha surpresa, as duas senhoras sentadas atrás de mim começaram a comentar sobre o que meus filhos estavam comendo.

“Não acredito que aquelas crianças estão comendo batatas fritas”, uma disse para a outra.

“Elas parecem novas demais para comer porcaria. Ainda por cima, num barco?”

A cada comentário, eu lutava para pensar como Jesus! Fala sério! Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. Fui ficando mais e mais furiosa com a avaliação delas não apenas sobre meus filhos, mas também, conseqüentemente, do meu jeito de criá-los. Mal sabiam que a mãe das crianças estava sentada bem diante delas, ouvindo toda a conversa (e soltando fumaça pelas ventas). Enquanto continuava a ouvir os comentários

das duas senhoras, um pesado cobertor de vergonha desceu sobre mim, apesar de eu discordar categoricamente das críticas delas.

Ainda não sei bem ao certo por que deixei que os comentários daquelas senhoras me irritassem tanto. Todavia, não pude deixar de perceber que o comportamento de nossos filhos, seja ele bom ou ruim, pode fazer com que nos sintamos mães de valor ou sem valor. Quando nossos filhos estão indo bem, sentimos que temos valor. Quando não estão, o peso da falta de valor recai sobre nós.

Precisamos tomar cuidado para não cair na armadilha e deixar que a criação dos filhos defina nosso valor. É o evangelho — as Boas-novas de Jesus — que, em última instância, nos permite navegar pelas águas agitadas da maternidade. Não olhe para seu jeito de criar os filhos para encontrar seu valor; olhe para Jesus.

Todas nós já praticamos o “jeito errado” na criação dos nossos filhos. Todas já permitimos (e ainda o fazemos) nossos desejos, a comparação, nossos medos ou arrependimentos governarem na criação dos nossos filhos. Em sua graça, Deus permite que mudemos nossa abordagem. Deus é o único pai perfeito, e podemos caminhar em liberdade enquanto aprendemos na marra jeitos melhores.

Difícil de entender

Há alguns anos visitei uma amiga e mentora. Estávamos nos divertindo bastante, batendo papo, quando ela me perguntou: “Qual de seus filhos você está tendo dificuldade para entender?”

Fui pega meio de surpresa quando ela me fez essa pergunta. Mas fiquei feliz por ela tê-la feito. Eu e meu marido tínhamos nos virado ao avesso tentando entender o que faria a diferença com um de nossos filhos. Não é que ela fosse extremamente rebelde ou estivesse fazendo algo prejudicial, mas, com certeza, havia uma falta de conexão entre o que lhe dizíamos e o que ela respondia.

Tentamos de tudo:

Castigo.

Sermão.

Consequências.

Nada parecia estar funcionando, pelo menos de forma duradoura.

“Me fale sobre ela”, pediu minha amiga.

Compartilhei com ela um pouco sobre a personalidade da minha filha e do que ela gostava ou não gostava. Contei para ela coisas do passado e algumas histórias que a ajudariam a entender um pouco melhor nosso relacionamento de mãe e filha.

Minha amiga olhou para mim e disse: “Bom, você precisa lhe mostrar empatia”.

“Mostrar empatia a ela?”, perguntei.

“Sim. Ela precisa entender que você a ouve, a compreende e sente o que ela sente antes de ensiná-la.”

Permaneci ali sentada durante alguns instantes, sem saber o que dizer diante dessa resposta descomplicada à qual há meses eu tentava chegar. Foi uma epifania.

“Você está dizendo que nem todo mundo é igual a mim?” Olá, Ruth! Eu tinha estado tão concentrada em como me sentia que nunca parei para considerar nossas diferenças e como *minha filha* se sentia.

Sei que parece simples. Mas, para mim, foi uma descoberta enorme. Até aquele momento, nunca tinha levado em consideração que meus filhos não eram como eu. As personalidades deles são diferentes, e eles olham para as situações da vida de modo diferente de mim. A vida cotidiana parece diferente aos olhos deles do que aos meus olhos.

Por exemplo, sou mais racional do que sentimental. Se minha filha é sentimental, então minhas respostas honestas podem lhe parecer ásperas e indiferentes. Não consigo entender por que algo é uma grande coisa para ela quando mal faz diferença para mim. Vemos uma situação de duas formas diferentes e, em vez de culpar minha filha por isso, preciso entendê-

la, a fim de alcançá-la. Tenho de ficar lado a lado com ela e colocar-me no lugar dela.

Mas vou confessar — não é fácil. Nem um pouco. Requer cada milésimo do meu ser não cair na gargalhada diante de uma situação que eu considero cômica, mas que minha filha considera trágica. Ou sentir-me solidária quando enxergo a situação em termos absolutos. Ela é muito mais sentimental do que eu. Agora, é claro que tem de haver um equilíbrio, e você tem de ajudar seu filho a aprender a lidar com sua personalidade à luz do modo como Deus quer que vivamos; no entanto, você não pode ajudá-lo a fazer isso se não estiver enxergando a vida através de suas lentes. Você não conseguirá entender de onde ele vem para ajudá-lo em sua jornada do crescimento.

Em busca do jeito melhor, e não do jeito perfeito

Como já falamos, há várias maneiras de criar nossos filhos do jeito errado. Podemos criá-los com base em nossos desejos, com base no medo, com base na comparação, para remediar nosso passado ou para encontrar nosso valor. Todas nós estamos sujeitas a nos desviarmos. Sabemos que não há um método perfeito, tampouco um caminho perfeito, mas há orientações bíblicas que podem nos ajudar a caminhar na direção certa, sem desvios. Na sequência, apresentamos um resumo dessas orientações.

1. ACEITE AS DIFERENÇAS COMO PONTOS FORTES, E NÃO FRAQUEZAS.

Deus não criou a humanidade como seres humanos genéricos. Ele os criou distintos por *design*. Cada um seria esculpido e formado para fins diferentes.

Fico impressionada com o fato de que essas diferenças começaram a emergir em nossos filhos numa idade tão precoce. Temos dois meninos e

duas meninas. Embora eles tenham várias similaridades em algumas áreas, em outras são drasticamente diferentes.

As diferenças são boas. Fazem parte do *design* de Deus. Mas as diferenças podem causar confusão para os pais. Temos de tomar cuidado para não tratar nossos filhos como se eles fossem idênticos. Quando os tratamos como idênticos, minimizamos suas singularidades. Tome cuidado para não enxergar as diferenças como fraquezas.

As diferenças podem ser expressas de várias maneiras. Por exemplo, há diferenças significativas entre personalidades. Algumas crianças são impetuosas, enquanto outras são calmas e sensíveis à mais leve correção. Algumas crianças são extrovertidas, faladeiras e sociáveis. Outras são quietas, reservadas, raciocinam com cautela e calculam tudo. Essas diferenças não são fraquezas.

Tenho dois filhos que são mais quietos e dois que são mais, como devo dizer... expressivos. Tenho a tendência de ser mais como os dois últimos; então, tive de aprender a recuar e estar ciente de meus filhos mais quietos, para que eu não abafasse suas personalidades singulares.

Outra diferença importante está no gênero. Em seu livro *Boys Adrift*, dr. Leonard Sax explora as diferenças entre os meninos e as meninas no que se refere à educação, à disciplina, ao desempenho e outros aspectos. Nesse livro incrivelmente útil, somos lembradas de que o gênero realmente desempenha um papel em como nossos filhos interagem e atuam. Por exemplo, os meninos tendem a ser motivados pela competição, enquanto as meninas são mais voltadas para relacionamentos e amizades. Além disso, o cérebro das meninas se desenvolve um pouco mais rápido, portanto, geralmente, elas estão prontas para aprender a ler e a escrever antes dos meninos.⁷ Esses são apenas alguns exemplos básicos, mas creio que estar ciente de algumas diferenças entre os meninos e as meninas e aprender a respeito delas pode nos ajudar a entender nossos filhos e como respondê-los.

O objetivo de reconhecer as diferenças é ajudar nossos filhos a crescer nas pessoas singulares que Deus intencionou para eles serem. Precisamos

ajudá-los a descobrir que seus dons, suas personalidades e seus interesses fazem parte do plano e da história de Deus.

2. CRIE SEU FILHO NUM RITMO QUE SEJA COERENTE COM QUEM SEU FILHO É.

Nossa cultura se tornou altamente competitiva. É assustador ver quantos pais são impelidos pelo medo de seus filhos não corresponderem às expectativas. As crianças estão competindo nos esportes e no mundo acadêmico desde pequenas, e a pressão é intensa. Talvez os pais tenham medo de que seus filhos não vão estar preparados, educados ou equipados o suficiente para ser bem-sucedidos. Como consequência, enchemos o cronograma de atividades e empurramos nossos filhos aos seus limites. Nessa correria frenética, deixamos de lado e nos tornamos cegas para a singularidade de nossos filhos.

A singularidade não tem a ver apenas com quem os nossos filhos se tornarão, mas também com o ritmo com que se transformarão, um dia, naquele homem ou naquela mulher. Cada criança tem seu ritmo. Confie em mim, eu sei que não é fácil desacelerar. Mas temos de tomar cuidado para não deixar os “propositores” de nossa cultura, um amigo ou membro da família, bem-intencionado, estabelecer o ritmo para a criação dos nossos filhos.

Há vários anos, George Barna publicou um livro chamado *Revolutionary Parenting*. Cheio de estudos e informações úteis, ele observa que os pais naturalmente têm uma tendência de “apressar o desenvolvimento dos filhos”. Ele escreve:

Em nossos estudos sobre o que acontece nas salas de aula nas escolas e até mesmo nas igrejas de todo o país, muitas vezes encontramos a tendência alarmante de identificar como as crianças “devem” ser em determinada idade, juntamente com o empurrão institucional para certificar-se de que elas alcancem tal estágio no devido tempo apontado. Em inúmeros casos, parece que o desenvolvimento das crianças

tem sido apressado para satisfazer algum objetivo ambíguo, roubando-as dos prazeres da infância num esforço para ingressá-las nas responsabilidades da vida adulta de modo prematuro [...] às vezes, inadvertidamente, “aceleramos” o desenvolvimento pessoal, eliminando a alegria de crescer no ritmo que Deus determinou para a pessoa.⁸

É muito importante que deixemos nossos filhos correrem a corrida no ritmo deles. A vida cristã é, muitas vezes, descrita como uma corrida, por isso, vamos ver o que a Bíblia diz sobre como correr essa corrida:

Portanto, também nós, uma vez que estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas, livre-mos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve, e corramos com perseverança a corrida que nos é proposta, tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé. Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus (Hb 12:1-2).

A passagem nos mostra que a vida cristã não tem a ver com a rapidez com que corremos ou quem chega primeiro. O que importa é que coloquemos um pé na frente do outro e corramos em direção à linha de chegada. O autor de Hebreus nos encoraja a correr “a corrida que nos é proposta”. Essa frase é crucial para entendermos e tem aplicação para a criação dos filhos do jeito certo.

O que é significativo na frase? Deus não me chama a correr a corrida de outra pessoa. Ele não me chamou para competir na corrida de outra família. Ele me chamou para correr a corrida que propôs para mim. Isso é o que pode ser tão perigoso em comparar e competir. A comparação e a competição ignoram o fato de que Deus criou cada criança para ser singular, incluindo o ritmo com que nossos filhos vão emergir na idade adulta. Parte de reconhecer a singularidade de cada criança é entender que elas estão se desenvolvendo no ritmo específico delas.

Então, amiga, corra sua corrida. Deixe seus filhos correr a corrida deles. Não seja tentada a olhar para o curso de outra pessoa. Corra o seu e deixe seus filhos correrem o curso deles!

3. SEJA “GENERALISTA” E “ESPECIALISTA”.

Esta última aplicação tem a ver com encontrar um equilíbrio entre ser “generalista” e “especialista”. Porque nossos filhos são indivíduos singulares, temos de aplicar a verdade da Palavra de Deus de formas diferentes, dependendo da criança. Em seguida, explicamos a diferença entre os dois termos.

A “generalista” entende que Deus nos deu princípios bíblicos que se aplicam a todas as crianças e famílias. Esses mandamentos são a instrução “geral” de Deus para nós. Por exemplo, Deus chama todos os pais a fazer o seguinte:

- ✿ Criar os filhos para que conheçam e amem a Deus (Dt 6:4-9).
- ✿ Amar, cuidar, proteger e suprir as necessidades de seus filhos (1Ts 2:8, 11-12).
- ✿ Instruir seus filhos a respeitar autoridade (Ef 6:1-4).
- ✿ Estabelecer limites bíblicos e consequências disciplinares apropriadas (Hb 12:7-11).

Com certeza adicionaríamos mais instruções a essa lista. Mas o importante é que a Palavra de Deus nos dá instruções específicas sobre como criar os filhos do jeito certo. Criar os filhos não é uma tarefa em que há liberdade total, tampouco uma aventura “faça e espere que dê tudo certo”! Deus dá essas instruções gerais para todos os pais. Entendemos que Deus chamou todos os pais a pastorear e a ensinar a Palavra de Deus. A família foi chamada de forma singular a transmitir fé à geração seguinte.

Mas a maneira como aplicamos esses princípios pode variar, dependendo do gênero, da personalidade e até da idade de nossos filhos. Essa é a parte “especialista” da maternidade. É preciso que conheçamos sabiamente nossos filhos, entendamos o coração deles e saibamos como aplicar corretamente a verdade da Palavra de Deus.

Ser “especialista” significa não tratar os nossos filhos como se fossem todos iguais. Por exemplo, o modo como disciplinamos nossa filha mais velha é bem diferente de como disciplinamos nosso filho caçula. Quando ela era mais nova, era mais impetuosa, ao passo que nosso caçula era bastante sensível. Teríamos feito um grande desserviço a ele se o tivéssemos tratado e disciplinado do mesmo jeito que fizemos com nossa filha. Ser “especialista” exige, realmente, conhecer o coração de nossos filhos e confiar no Espírito Santo para nos conduzir.

Ah, amiga, esse é um ponto de grande importância. Já vi muitas crianças cujo espírito foi quebrado por uma mãe autoritária ou que era muito desobediente por causa de uma mãe excessivamente permissiva. Cada criança é diferente, e nossa criação se mostrará diferente para cada criança. Muitas vezes eu mesma tenho me esquecido dessa realidade tão crucial.

4. TENHA SEMPRE EM MENTE O QUADRO GERAL.

Sejamos sinceras — é fácil desanimarmos como mães. Não é preciso ser mãe há muito tempo para sentir-se cansada e esgotada. Não estou falando somente de ficar sem dormir direito e do cansaço físico.

O desânimo pode tomar conta de nós quando sentimos que estamos fracassando. Tornamo-nos desgastadas quando sentimos que nossos esforços estão sendo em vão. Sentimos que estamos disciplinando nossos filhos pelo mesmo mau comportamento, repetidamente. Tememos que eles nunca aprendam a lição, corrijam a atitude ou mudem de ideia. Como

mães, podemos sentir como se estivéssemos perdendo uma batalha após a outra.

Quando nos sentimos esgotadas, precisamos nos lembrar das palavras do apóstolo Paulo: “E não nos cansemos de fazer o bem, pois no tempo próprio colheremos, se não desanimarmos” (Gl 6:9).

Esse versículo me faz querer chorar quase todas as vezes que o leio. Estou cansada e acredito que você também esteja. “Não nos cansemos”, escreve Paulo, “de fazer o bem”. O mandamento para nós, como mães, é continuar a “fazer o bem”, continuar a pastorear fielmente nossos filhos de uma maneira que honre a Deus e à sua Palavra. Às vezes não vemos os frutos do nosso trabalho imediatamente. E, às vezes, o cansaço pode tomar conta de nós. Neste caso, devemos evitar o desânimo e nos concentrar na colheita.

Durante a jornada, haverá estágios, circunstâncias ou experiências que nos tentarão a desanimar. Mas não percamos de vista o quadro geral. Não tiremos os olhos de Jesus. Às vezes, no “agora” podemos sentir que as coisas não vão dar certo, mas “no tempo próprio colheremos, se não desanimarmos”. Como mães, precisamos ter a perspectiva de que a maternidade é uma longa jornada. Não podemos julgar os resultados nem declarar um veredito final no curto prazo. Não temos de nos preocupar com fazer tudo certo, pois até quando erramos e quando nossos filhos erram, nosso gracioso Pai está no controle.

Não desista, mãe. Pense na colheita.

CAPÍTULO 11

Décimo mito: a escolha ruim de meu filho quer dizer que sou uma mãe ruim

Criar os filhos bem não é garantia de que eles farão boas escolhas. Isso vale para quando seu filho pequeno faz escândalo no zoológico e também para quando seu filho se torna pai aos 16 anos. Você não é um fracasso porque algo desse tipo aconteceu; seu filho também não é um fracasso.

— JILL SAVAGE E DRA. KATHY KOCK,
NO MORE PERFECT KIDS.



Era uma tarde gelada de fevereiro. O sol estava tentando mostrar seu sorriso por trás das nuvens cinzentas do Centro-oeste, mas aqueles pedaços de algodão sombrios e obstinados simplesmente se recusavam a sair e a levar com eles a atmosfera escura do inverno. Eu (Karen) estava sentada de

pernas cruzadas no chão da sala, dobrando roupas mecanicamente, enquanto ouvia as notícias na televisão.

Foi então que algo me chamou a atenção. A autorização que meu filho de quinze anos precisava ter entregueado na escola permanecia sobre o balcão da cozinha. Ela tinha sido colocada ali para que ele não se esquecesse de levá-la para escola.

Bem, esse meu filho é bastante esquecido. Por isso, todos os dias, eu fazia meu melhor para ajudá-lo a se lembrar das coisas, sem resgatá-lo ou permitir que ele continuasse distraído desse jeito. De fato, tínhamos implantado uma política parental com ele: a regra “três erros e você está fora”. Caso esquecesse em casa um livro, uma autorização ou dinheiro, eu correria até a escola e os levaria para ele, mas só três vezes. Depois disso, ele tinha de se virar. E cada uma dessas três vezes lhe custaria cinco dólares. (Ué, era um jeito de cobrir os custos do meu café.)

Bom, era fevereiro — dois terços do ano escolar já tinham se passado — e, só então, ele havia cometido o primeiro erro (Ele estava melhorando!). Decidi, portanto, levar a autorização para ele, na escola, a cinco minutos de carro. Ele devia entregar a autorização até a próxima aula, então eu não tive tempo de arrumar o cabelo ou passar um batom. Eu só ia entrar na secretaria da escola, entregar a autorização e voltar para o meu dia normal de mãe.

Quando entrei na secretaria, a moça me cumprimentou e pediu que eu me sentasse. Isso me pareceu estranho, uma vez que eu ia apenas deixar a autorização, então pensei em perguntar o que estava acontecendo. Mas, antes de fazer a pergunta, ela disse: “O vice-diretor vai falar com você, daqui a pouco.”

Sem entender por que ele queria falar comigo, comecei a indagar qual era o motivo. Foi então que reparei que um aluno estava sentado na fila de cadeiras, ao longo da parede da secretaria. Era meu filho, e ele estava com uma aparência horrível. Seu rosto estava pálido, a pele tão acinzentada quanto o céu de inverno da região central de Michigan.

Presumindo que ele estivesse doente e precisasse ir para casa, comecei a falar com ele. Mas ele foi mais rápido e deu início à conversa. Sem levantar os olhos do chão, sussurrou: “Você e o papai vão ficar muito bravos”.

Naquele momento, a porta da sala do vice-diretor se abriu lentamente. “Pode entrar agora, sra. Ehman”, falou. Eu estava completamente despreparada para o que ele ia me dizer.

Hesitante, entrei e sentei-me na cadeira almofadada em frente à mesa do vice-diretor. Sentia-me como se estivesse entrando no tribunal, sem saber do que estava sendo acusada. Ele não perdeu tempo em me relatar a encrenca na qual meu filho tinha se envolvido naquele dia.

Um dos amigos do meu filho foi confrontado pela professora, na sala de aula, por causa de uma garrafinha de chá gelado sabor pêssego sobre a carteira dele. Não era contra as regras ter algo para beber na sala de aula. O problema era que a professora desconfiava que a garrafa não continha chá, mas sim caldo de tabaco de mascar. Ao investigar, ela descobriu que estava certa.

Esse aluno foi mandado para a sala do diretor e imediatamente suspenso. É proibido para menores de dezoito anos portar qualquer produto de tabaco. Além disso, alunos do Ensino Médio — sendo menores de idade ou não — não podem portar nenhum tipo de tabaco dentro da escola. Ao ser interrogado onde tinha conseguido o tabaco, o aluno confessou: disse que havia obtido com o meu filho.

Meu filho foi, então, levado para a sala do diretor. E a investigação continuou. Não somente era verdade que ele tinha fornecido o tabaco de mascar para o seu amigo menor de idade como tinha mais duas latinhas em sua mochila, que pretendia entregar para outros meninos do nono ano!

Meu filhinho estava ajudando no comércio ilegal de tabaco!

Parece que um garoto do último ano, de personalidade forte e do tipo encenqueiro — que tinha idade para comprar produtos de tabaco — estava adquirindo o produto para os calouros menores de idade. Sendo esperto o suficiente para saber que, se fosse pego com o produto na escola seria expulso, ele tinha convencido meu filho ingênuo a servir de intermediário,

entregando o contrabando para os colegas. Por seus esforços, meu filho ganhava uma comissão em dinheiro.

Aquele pequeno arranjo de negócios custou ao meu filho seis dias de suspensão. Mas não parou por aí. “Bem, sra. Ehman”, prosseguiu o vice-diretor, “na verdade, eu deveria ligar para a polícia, já que seu filho é menor de idade, portando produto de tabaco, o que é ilegal”.

Uma brecha se abriu na conversa tensa. Pareceu que ele estava me convidando a defender o meu filho, a apontar que ele nunca tinha se envolvido em encrencas na escola. Que ele era um atleta. Que tinha sido membro do conselho dos alunos. Ele era um bom garoto que tinha feito uma escolha errada. Era um convite à defesa do meu filho para que o incidente não fosse registrado em seu histórico.

Fiz uma oração relâmpago em direção ao teto branco. Em seguida, abri a boca. Não podia acreditar nas palavras que dela saíram:

“Você poderia chamar a polícia?”

Ele fez que sim com a cabeça.

“Então, por favor, faça isso.”

Ele pegou o telefone e começou a discar. A cada movimento de seu dedo, minha mente enumerava as más decisões que meu filho tinha tomado, escolhas que também refletiam em mim, fazendo-me afundar em desgraça.

Um policial foi chamado. Os dez minutos que levaram para ele chegar pareceram uma eternidade. Enquanto esperávamos, tentei uma conversa fiada — o vice-diretor da escola vestido num terno elegante, e a mãe humilhada, vestindo moletom e vergonha.

Quando o policial entrou, senti novamente uma pontada no coração. Eu o conhecia. Eu o conhecia há mais de vinte e cinco anos. Ele tinha sido um aluno do Ensino Médio e membro do grupo de jovens quando meu marido fora pastor de jovens, há vinte anos. De todos os policiais que poderiam ter sido enviados, tinha de ser ele!

Então, o time de três correligionários do acaso discutiu sobre o que fazer naquela grave situação. Eu não pedi clemência. Na verdade, as minhas

palavras exatas para o policial foram: “Por favor, não lhe dê apenas um tapa na mão. Gostaria que pegasse o livro mais grosso que encontrar, e eu ajudo você a arremessar nele!”.

Por fim, o policial emitiu uma multa por porte de tabaco, e meu filho foi convocado pela Justiça por infringir a lei. Nas semanas seguintes, ele compareceu diante do juiz, foi multado, condenado a horas de serviço comunitário e seu histórico passou a incluir registro de crime juvenil! O juiz encarregado, diante do qual eu e meu filho comparecemos, teve misericórdia dele. Ordenou que ele cumprisse serviço comunitário, mas disse que meu filho poderia escapar da multa se escrevesse um relatório sobre os perigos e armadilhas dos produtos de tabaco.

Esse incidente trouxe meus dois piores dias como mãe. Não somente o meu filho tinha feito algo errado e sido pego como tudo se passou de forma aberta e diante de pessoas que eu conhecia há anos.

Sim, eu conhecia o policial. Mas também conhecia a assistente administrativa que estava na secretaria, naquele dia. Ela e sua família frequentavam a igreja onde o meu marido tinha sido pastor de jovens, anos atrás. Foi o primeiro dia ruim. E, então, veio o segundo dia ruim. O juiz da corte juvenil? Ele não era apenas juiz no tribunal. Era também juiz de basquete na liga de basquete de ensino domiciliar e tinha apitado muitos jogos, durante vários anos, nos quais os meus dois filhos haviam participado. Além disso, tinha trabalhado em projetos comunitários junto com meu marido quando este era pastor de jovens. Nós o conhecíamos bem, e ele também conhecia nosso entusiasmo com a criação de crianças e adolescentes piedosos que, no futuro, fariam a diferença na comunidade.

Ah, por favor...

Toda vez que eu encontrava essas pessoas meu rosto ficava corado, meu coração doía e minha alma sentia cada vez mais vergonha. A má escolha de meu filho estava conectada à minha, e eu tinha decidido que era um fracasso de mãe. Um fracasso completo. A esposa de um ex-pastor que havia se tornado professora de Bíblia e escritora não conseguia ensinar o próprio filho a obedecer à lei — ou a Deus.

Maternidade múltipla escolha

À medida que os meus três filhos foram crescendo — dois já são adultos, e um está no último ano do Ensino Médio —, passei a enxergar o quanto eu era uma mãe presa ao nosso último mito da maternidade: a escolha ruim de meu filho quer dizer que sou uma mãe ruim.

No momento em que nosso filho sai da nossa barriga, ou quando o buscamos para adoção, tomamos um assento na primeira fileira para assisti-lo se comportar. Às vezes o comportamento dele faz nosso coração cantar. Os primeiros sorrisos. Os primeiros passos. Ver a formação de sua querida personalidade. Algumas coisas que eles fazem nos levam ao riso, enquanto a luta contra uma doença grave faz surgir em nós os sentimentos de compaixão mais fortes que temos em nosso coração de mãe. A cada dia que se passa, o nosso amor por ele cresce.

Mas há alguns desvios ao longo do caminho. Nosso filho pode fazer ou dizer algo que nos preocupa. Ou nos causar desconforto ou raiva. Ou, quem sabe, simplesmente ameaçar nos fazer parecer como se não soubéssemos o que raios estamos fazendo como mães, já que seu comportamento é exasperador, e não exemplar.

Lembro-me de trazer nossa primeira filha do hospital, quando ela tinha quatro dias de vida. Embora tivesse sido um longo trabalho de parto, que terminou numa cesárea emergencial, eu estava adorando ser conhecida como mãe. Tinha estudado bastante e observado os outros. Mesmo havendo algumas coisas sobre as quais eu não estava muito segura, sentia-me preparada para enfrentar a árdua tarefa e a responsabilidade enorme de criar meu pacotinho de alegria ruivo de olhos castanhos. Eu sabia que, trabalhando muito e me esforçando com diligência, venceria todas as dificuldades. Eu aplicaria todo o conhecimento adquirido dos livros que lera e de mães que pareciam profissionais. Ia ficar tudo bem.

Chegou, então, o primeiro dia em que levamos nosso bebê à igreja. Em vez de dormir tranquilamente durante todo o sermão, ela começou a chorar. E que pulmão aquela garotinha tinha! (Ainda tem)

Logo, eu tinha a seguinte equação eficiente cimentada na minha cabeça: bebê chorando = mãe ruim. Ah, e essa não era a única equação gravada no meu intelecto. Havia também outras coisas que se igualavam a uma mãe ruim. Uma criança fazendo birra. Um brigão no parquinho, empurrando outra criança para o chão. Uma pré-adolescente revirando os olhos para um adulto e dizendo ousadamente “não enche” quando este pediu que ela fizesse algo. Um adolescente infringindo regras. Ou a lei. Em minha percepção, todas essas coisas podiam ser diretamente ligadas a filho tendo uma mãe ruim.

Bom, pelo menos um dos meus filhos tinha feito todas essas coisas! Acho que isso me colocava na competição para a pior mãe do ano. Ou da década.

Ai, ai.

Ou será que não?

Meninos maus (e meninas más) na Bíblia

Ao longo dos séculos, pais se sentem responsáveis pelo comportamento dos filhos e o lamentam. A Bíblia contém relatos de muitos filhos cujo comportamento fez nascer cabelos brancos prematuramente em seus pais.

Considere, por exemplo, o personagem do Antigo Testamento, Jó. No primeiro capítulo do livro que leva seu nome, vemos Jó se levantar cedo para oferecer um holocausto por cada um de seus dez filhos — sete meninos e três meninas — depois de eles terem dado um grande banquete na noite anterior. Dê uma espiada na rotina matinal desse pai: “Terminado um período de banquetes, Jó mandava chamá-los e fazia com que se purificassem. De madrugada, ele oferecia um holocausto em favor de cada um deles, pois pensava: ‘Talvez os meus filhos tenham, lá no íntimo, pecado e amaldiçoado a Deus’. Essa era a prática constante de Jó” (Jó 1:5).

Jó se preocupava que seus queridos dependentes pudessem ter feito algo de errado, ou se comportado mal, ou até mesmo pecado. Então, ele

fazia tudo o que podia para certificar-se que o histórico de seus filhos permanecesse limpo. E ele fazia isso todos os dias de manhã, antes mesmo de tomar café.

O desejo de Jó de que seus filhos caminhassem de maneira digna é admirável. Devemos nos preocupar com o estado espiritual dos filhos — nos preocupar, mas não ser totalmente responsáveis por ele. Você observou algo curioso nesta história? Talvez não, caso o personagem Jó seja novidade para você.

Espera aí... onde eu estava?

Ah, sim!, embora os filhos de Jó pudessem ter feito algo de errado, Jó não podia. De fato, a Bíblia registra que: “Não há ninguém na terra como ele, irrepreensível, íntegro, homem que teme a Deus e evita o mal” (Jó 1:8). E não era um mero repórter local da antiguidade fazendo tal observação. Essa descrição foi feita pelo próprio Senhor!

Mãe impecável. Filhos duvidosos. Acontece.

Que tal outro exemplo? Você se lembra da história dos filhos do Eli? A história se encontra em 1 Samuel capítulos 1 e 2, caso você queira ler a passagem, mas aqui está uma versão resumida:

Eli era um sacerdote bondoso e justo, que ministrou a Ana quando ela se encontrava numa situação difícil. Ana era estéril e orava a Deus no templo, chorando e pedindo um filho. Eli a ouviu e, depois de investigar para ter certeza de que não estava embriagada, deu-lhe a notícia de que ela ia ter um filho. Ela respondeu dizendo que daria seu filho para o Senhor. Assim, depois de desmamado, Ana entregou Samuel ao sacerdote, que o criou, dando-lhe um lar e também treinamento espiritual. Mas Samuel não era a única pessoa para quem Eli era uma figura paterna. Ele também tinha dois filhos biológicos, chamados Hofni e Fineias. Parte dos deveres dos filhos de Eli era servir como sacerdotes no tabernáculo, em Siló. Era ali que a Arca da Aliança era mantida.

Também era de responsabilidade dos filhos de Eli servir como mediadores entre Deus e o povo quando eles adoravam o Senhor e ofereciam sacrifícios a ele. Isso nos leva a pensar: com uma responsabilidade

religiosa tão profunda, estes dois rapazes eram os melhores entre todos, espiritualmente falando. Mas não eram. Em vez disso, os dois irmãos “não se importavam com o SENHOR” (1Sm 2:12). Eles também são citados como filhos de Belial (Almeida Revista e Corrigida). Belial quer dizer “ímpio” ou “não digno”, e isso era exatamente o que os filhos de Eli eram.

Eram gananciosos e se entregavam à cobiça. Eles praticavam a extorsão, pegando para si a melhor carne trazida pelos israelitas para o sacrifício e usando-a para si mesmos. Em vez de cozinhar a carne e comer apenas o que era permitido pela lei, eles insistiam em assar os melhores cortes, cuja gordura não era queimada, como exigia a lei. Assim, tratavam com desprezo a oferta do Senhor.

Mas, espere! Tem mais. Além de abusar de sua autoridade, os dois irmãos também praticavam atos imorais com mulheres que iam ao tabernáculo.

Eli descobriu tudo sobre o comportamento dos filhos. E, então, se reuniu com eles para perguntar por que cargas d'água estavam cometendo aqueles pecados:

Eli, já bem idoso, ficou sabendo de tudo o que seus filhos faziam a todo o Israel e que eles se deitavam com as mulheres que serviam junto à entrada da Tenda do Encontro. Por isso lhes perguntou: “Por que vocês fazem estas coisas? De todo o povo ouço a respeito do mal que vocês fazem. Não, meus filhos; não é bom o que escuto se espalhando entre o povo do SENHOR. Se um homem pecar contra outro homem, os juízes poderão intervir em seu favor; mas, se pecar contra o SENHOR, quem intercederá por ele?” Seus filhos, contudo, não deram atenção à repreensão de seu pai, pois o SENHOR queria matá-los (1Sm 2:22-25).

Resumindo, um grande homem tinha filhos horríveis. Ele tentou corrigi-los, mas eles não lhe deram ouvidos. Como resultado, o Senhor lidou com eles com aspereza.

A Bíblia registra que Eli foi advertido para que removesse seus filhos de suas funções sacerdotais, mas ele simplesmente não pôde fazê-lo. Os dois

morreram no mesmo dia, e o filho adotivo de Eli, Samuel, continuou a crescer para se tornar o novo profeta de Israel.

Embora Eli não fosse um pai perfeito — o que é humanamente impossível — ele não foi chamado de ímpio como foram seus filhos. Eli podia ter tomado a decisão de remover seus filhos, que tinham comportamento indevido, de suas funções sacerdotais, assim evitando que a corrupção continuasse, porém não há registro de que Eli fosse responsável pelo mau comportamento dos filhos.

Aprendeu a lição? Se nossos filhos estiverem se comportando indevidamente, devemos fazer o que pudermos para confrontá-los sobre o mau comportamento e persuadi-los a parar. Foi o que Eli fez. O que ele não fez foi dar prosseguimento com as consequências de seus atos.

Veja que podemos ler tudo o que é publicado para estudo bíblico, destacando, sublinhando e memorizando cada passagem. Podemos evitar que pratiquemos o mal, lidando com rapidez com o próprio pecado. No entanto, às vezes, simplesmente não conseguimos fazer o mesmo com o pecado de nossos filhos.

É possível ser uma *mulher* piedosa, mas falhar em ser uma *mãe* piedosa.

Que isso sirva de advertência para o fato de que precisamos ser proativas em alertar nossos filhos quanto às consequências de seus atos, caso não mudem o comportamento com base numa advertência apenas oral. Mas também devemos estar cientes de que duas maçãs ruins caíram de uma árvore (Eli) que parecia boa. Se tivermos filhos se comportando de modo ímpio, não é nossa culpa. Eles devem. Eles têm de responder pelos próprios pecados. É nossa responsabilidade, porém, tentar ajudá-los a corrigir o comportamento e mudar o caminho em que estão andando. E devemos estar prontas para aplicar castigos desconfortáveis e não populares, caso sejam necessários.

Outra família na Bíblia que sempre tem me fascinado no que se refere a tentar jogar o mau comportamento dos filhos nas costas dos pais: pense na história de Caim e Abel. Eles eram os filhos da primeira família. Seus pais eram Adão e Eva.

Caim foi o primeiro homem nascido no mundo. Seu irmão, Abel, foi o primeiro homem a morrer. E como ele morreu? Pelas mãos do próprio irmão.

O livro de Gênesis relata que Caim era agricultor e Abel, pastor de ovelhas. Um pequeno drama se deu entre os irmãos pelo fato de o Senhor ter aceitado a oferta de Abel, que trouxe as partes gordas das primeiras crias do seu rebanho, mas não a de Caim, que trouxe do fruto da terra. Isso despertou em Caim ciúmes do irmão. Um dia, ele atraiu seu irmão para o campo e o matou.

Dois filhos. Interesses e paixões diferentes. Personalidades diferentes. Qualidades de caráter extremamente diferentes. Um era inocente. Outro cometeu assassinato. Ambos tinham os mesmos pais. Será que os pais eram responsáveis pelos atos e pelas escolhas dos filhos?

Se você concluir que o comportamento de um filho é responsabilidade completa e única dos pais, como então explicar os comportamentos tão diferentes desses dois irmãos? Não deveriam os dois ser exemplares ou terríveis? Como é possível que um fosse tão “na dele”, enquanto o outro se tornou o primeiro na lista dos mais procurados pela polícia? Será que Adão e Eva eram responsáveis pelos atos dos dois rapazes?

Não. As escolhas de Abel e Caim pertenciam a eles mesmos.

Centenas de páginas adiante, em Lucas 15, também temos dois irmãos que se comportam de modo bastante diferente. A história do filho pródigo mostra um filho mais velho que não causa nenhuma confusão exteriormente. Ele segue o fluxo. Obedece à programação. Um filho modelo. Pelo menos é o que parece.

No entanto, seu irmão mais novo decide ir para uma região distante e gastar sua parte da herança com prostitutas e um estilo de vida irresponsável. Mais tarde, quando se encontra faminto, invejando a comida que dá para os porcos, enquanto trabalha como cuidador destes animais, ele cai em si. Retorna para casa e seu pai o recebe de braços abertos.

É então que o irmão, aparentemente virtuoso, revela certa perversidade em seu caráter. Com ciúmes do amor do pai pela ovelha negra da família,

ele se recusa a festejar o retorno de seu irmão. De fato, ele aponta que seu pai nunca lhe deu nem um cabrito para *ele* festejar com seus amigos durante todo o tempo em que esteve em casa, se comportando bem e sendo o filho bom.

Os dois filhos tinham falhas de caráter, apesar de o pai deles ser descrito como amoroso e bom provedor. De novo, as escolhas dos filhos foram feitas por vontade própria. O mau comportamento deles não era culpa do pai.

O que podemos aprender com essa pequena turnê pelas desventuras de pais e filhos na Bíblia? Uma série de coisas. Vamos lá...

1. É DEVER DOS PAIS ENSINAR AOS FILHOS A RESPEITO DE DEUS E O QUE ELE EXIGE.

Há vários versículos na Bíblia que ensinam os pais a instruírem seus filhos. Já no início, quando o Senhor está instruindo os israelitas a viver do modo que ele requer, vemos que também exige que eles passem todas as informações para seus filhos. E que deveriam conversar com seus filhos a respeito de todas as coisas boas que Deus fazia na vida deles. Deuteronômio 4:9 mostra esse conceito: “Apenas tenham cuidado! Tenham muito cuidado para que vocês nunca se esqueçam das coisas que os seus olhos viram; conservem-nas por toda a sua vida na memória. Contem-nas a seus filhos e a seus netos”.

Alguns capítulos mais adiante, vemos a sala de aula que devemos usar para transferir essas verdades aos nossos filhos. É a sala de aula da vida:

Gravem estas minhas palavras no coração e na mente; amarrem-nas como sinal nas mãos e prendam-nas na testa. Ensinem-nas a seus filhos, conversando a respeito delas quando estiverem sentados em casa e quando estiverem andando pelo caminho, quando se deitarem e quando se levantarem. Escrevam-nas nos batentes das portas de suas casas, e nos seus portões, para que, na terra que o SENHOR jurou

que daria aos seus antepassados, os seus dias e os dias dos seus filhos sejam muitos, sejam tantos como os dias durante os quais o céu está acima da terra (Dt 11:18-21).

Hoje podemos pensar do seguinte modo: converse com seus filhos a respeito da lei de Deus e do que ele tem feito em sua vida quando estiverem jantando formalmente ou apenas tomando um lanche na sala. Quando estiver dirigindo ou esperando o ônibus da escola. Envie aos seus filhos mensagens bíblicas de ânimo quando eles estiverem com seus amigos. Insira um versículo na conversa quando estiver colocando-os para dormir à noite. Pendure quadros com mensagens bíblicas nas paredes de casa. Qualquer coisa que você possa fazer para colocar a Palavra de Deus diante dos olhos, nos ouvidos e no coração de seus filhos. Eles precisam saber o que Deus exige deles para que possam aprender a tomar decisões segundo os caminhos do Senhor.

2. É DEVER DOS PAIS SERVIR DE MODELO PARA SEUS FILHOS NO QUE SE REFERE A TER UM RELACIONAMENTO COM JESUS E O QUE ELE FORNECE.

Apenas saber o que Deus exige de nós não é suficiente. Nossos filhos precisam saber aonde (ou, melhor ainda, para quem) ir para que possam levar uma vida cristã. Não seja um seguidor de Cristo privado, nunca deixando seus filhos verem seu relacionamento com o Senhor. É claro que não queremos fazer coisas boas em frente de nossos filhos só para que eles observem. No entanto, precisamos deixá-los ter um vislumbre de como é uma verdadeira caminhada com Cristo.

Converse com seus filhos sobre seu relacionamento com Deus. O que você está aprendendo enquanto lê a Bíblia hoje? Há alguma lição específica que falou ao seu coração durante o estudo bíblico ou na igreja? Não compartilhe esses conceitos só com seus amigos próximos; compartilhe-os também com seus filhos. É claro que, se seus filhos são ainda pequenos,

você vai precisar simplificar a coisa para eles, contando-lhes somente o básico da verdade bíblica num nível que eles possam entender. Ver você entusiasmada sobre a Palavra de Deus e como ela se concretiza em sua vida pode ser contagiante. Seus filhos podem ser mordidos desde cedo pelo bicho da Bíblia!

Além disso, converse com eles a respeito de como Deus responde às suas orações. Conte-lhes sobre o que você tem orado ultimamente. Faça-lhes pedidos de oração específicos para que eles também orem. À medida que Deus for respondendo, converse sobre essas respostas com seus filhos. É útil ensiná-los desde pequenos que Deus não é o gênio da lâmpada, pronto a realizar todos os nossos desejos.

Muitas vezes eu disse aos meus filhos, ao conversar sobre como Deus responde às nossas orações, que é mais ou menos como eu e o papai respondemos aos pedidos deles. Quando eles nos pedem algo (por exemplo, um amigo passar a noite em casa), podemos responder de três jeitos: sim, não ou agora não. Isso é parecido com o jeito como Deus responde às nossas orações. Ele sabe o que é melhor para nós. Quando dizemos, então, que o Senhor responde às nossas orações, isso não quer dizer que ele diga sempre sim.

Ser uma mãe com propósito significa deixar nossos filhos nos verem conversando com Deus, aplicando sua Palavra e depositando completamente nossa confiança em sua sabedoria e vontade.

3. SE NOSSOS FILHOS SE COMPORTAM MAL QUANDO PEQUENOS, TALVEZ SE DEVA EM PARTE À NOSSA FALTA DE INSTRUÇÃO.

Sim. Há verdade na afirmação de que, se uma criança pequena se comporta mal em algumas situações, talvez isso se deva em parte à falta de instrução por parte dos pais. Seu filho de quatro anos costuma pegar bala na loja, enfiando-a no bolso e saindo sem pagar? Bem, se a mamãe e o papai nunca o ensinaram que é contra a lei, então eles contribuíram para essa situação.

Crianças pequenas com mau comportamento ou fora de controle são, às vezes, parcialmente consequência de uma atitude apática dos pais. Não ensinar aos filhos a discernir o certo do errado ou a se comportar de forma adequada pode levar a um mau comportamento numa criança pequena. No entanto, à medida que a criança vai crescendo, mais responsabilidade deve ser colocada sobre seus ombros.

Se você tem sido diligente em ensinar a seu filho o que é certo e o que é errado, e ele é pré-adolescente ou mais velho, resista à tentação de rotular-se como uma mãe ruim, caso ele faça uma escolha errada.

4. SE NOSSOS FILHOS FIZEREM ALGO DE ERRADO QUANDO PRÉ-ADOLESCENTES, ADOLESCENTES OU ADULTOS, DEVEMOS AJUDÁ-LOS A VOLTAR PARA O CAMINHO CERTO SEM NOS TORTURAR POR ELES TEREM SE DESVIADO.

Ah, é tão difícil! Nossa natureza humana quer dizer palavrões, gritar e berrar: “O QUE VOCÊ ESTAVA PENSANDO?!” Provavelmente nada. Adolescentes, principalmente os meninos, nem sempre pensam antes de agir. Na verdade, a parte do cérebro que toma decisões não se desenvolve por completo até cerca de vinte e cinco anos! Esperamos que eles tomem decisões da mesma maneira que os adultos — com experiência e cérebros completamente desenvolvidos —, mas eles nem sempre o fazem. Precisamos ajudar a corrigi-los. E fazê-los encarar as consequências. Mas não *devemos* nos culpar por suas más escolhas.

E, quando nossos filhos fizerem escolhas más, precisamos continuar sendo mães e pais — guiando-os, amando-os e encorajando-os. Isso não significa apoiar os erros deles ou fazer vista grossa. Significa resistir à tentação de explodir com raiva, condenar e rejeitar.

Uma amiga descobriu que sua filha, já na faculdade, ficou grávida como resultado da má escolha de dormir uma noite com um cara que conheceu numa festa. Como ela disse, sabiamente: “Quando você menos os quer é quando eles mais precisam de você”.

Certa vez, outra amiga, Cindy, que é autora de estudos bíblicos e dá palestras, me mandou uma mensagem desesperada pedindo oração por seu filho. Pedi a ela que compartilhasse sua história com vocês:

Nunca vou me esquecer daquela manhã em que recebi uma ligação desesperada do meu filho, que já estava na faculdade: “Hãã, mãe, entrei numa fria”. Chorando e gaguejando, ele me contou uma série de escolhas arrasadoras que terminaram com o envolvimento da polícia e, possivelmente, resultariam em acusações muito graves, capazes de mudar a vida dele.

Durante a chamada, eu me concentrei em ouvir com atenção o que o meu filho estava contando e, ao mesmo tempo, orava a Deus para me dar sabedoria e palavras divinas. Isso era mais do que terrível, e eu, desesperada, precisava que Deus nos guiasse — passo a passo — durante aquela situação difícil e complicada.

Naquela noite, depois que o choque inicial tinha passado, minha mente começou a considerar as implicações das escolhas do meu filho. E se ele fosse preso? Como eu explicaria aos seus irmãos menores? O que pensariam os vizinhos? E se tudo saísse no jornal local? Como poderia manter minhas funções na escola, meus compromissos de palestrante — sabendo que o meu filho primogênito não somente havia feito escolhas ruins, mas tomado decisões ilegais, danosas.

O meu pior pesadelo tinha se tornado realidade, e eu não sabia o que fazer.

A princípio, eu só pensava em ajudar o meu filho. Sabia que estávamos enfrentando uma situação que ia mudar a sua vida (não importando como as coisas se desenrolassem), e eu precisava, desesperadamente, que Deus trabalhasse por meio de mim. Eu não queria responder na carne. Mas, dentro de mim, eu me perguntava: “Como ele pode ter feito isso? Não o eduquei melhor? O que está acontecendo com o mundo?” Felizmente, consegui demonstrar amor incondicional, graça, compaixão e solidariedade. Foi, claramente, uma obra do Senhor.

Cindy é um exemplo de mãe que se recusou a entrar no modo pânico e explodir. Mesmo sendo incrivelmente difícil, eu vi minha amiga derramar o seu coração a Deus ao mesmo tempo que derramava amor e compaixão ao seu filho. Ele já sabia que ela não estava de acordo com seus atos, não precisava de um sermão. Precisava de amor incondicional. E minha fé também foi testada por meio das mensagens diárias com pedidos específicos

de oração. Quando tudo acabou, falei para ela dizer ao seu filho que ele me devia um novo par de jeans. O meu quase rasgou nos joelhos de tanto orar por ele!

Sou tão agradecida porque não somos mães ruins como resultado das más escolhas de nossos filhos. Às vezes já é difícil o suficiente lidar com as próprias escolhas. Além disso, pense assim: se você for direta e unicamente responsável pelo mau comportamento de seu filho, então o oposto também é válido? Devemos receber crédito pelas escolhas boas e piedosas de nossos filhos? Não. Qualquer coisa boa e piedosa em meus filhos encontra seu crédito todo em Deus. Eles fazem escolhas certas *apesar* de eu ser a mãe deles, pois sou imperfeita. E qualquer escolha errada que eles fizerem pertence somente a eles.

5. ÀS VEZES O MAU COMPORTAMENTO DE NOSSOS FILHOS CONTINUA PORQUE NÃO MOSTRAMOS AS CONSEQUÊNCIAS.

Ao amarmos nossos filhos quando fizeram algo de errado, precisamos tomar cuidado para não repetir o erro de Eli e apenas adverti-los a parar, sem mostrar as consequências. Quando nossos filhos não estão obedecendo à lei ou a Deus, não podemos ter medo de confrontá-los. Podemos ajudá-los a voltar para o caminho certo e reto.

6. NÃO CRIE UM REBANHO.

Embora haja algum mérito em ter as mesmas regras para todos os seus filhos no que se refere a questões como hora de voltar para casa, namorar etc., resista à tentação de criar um rebanho. Os filhos precisam ser tratados como indivíduos. A mesma disciplina não funcionará para todos. Eles têm personalidades diferentes. Eles têm reações diferentes para consequências diferentes.

Quando nossos filhos eram pequenos, percebemos que precisávamos determinar uma consequência diferente para cada filho que se comportava mal. Uma filha minha detestava realizar tarefas domésticas além de sua cota. Seu irmão, no entanto, adorava trabalhar pesado. Se o fizéssemos tirar o mato da horta, ele não ia se importar. Na verdade, era capaz de fazê-lo com prazer. Para ele, estabelecemos consequências monetárias. Ele odiava que mexessem com seu bolso! Nosso terceiro filho não era detido por nenhuma dessas consequências. Mas que ninguém tentasse impedi-lo de ir a um evento social... — até hoje! Quando ele se comportava mal, ainda pequeno, tinha de perder uma festa de aniversário ou um passeio com skate. Isso era o que mais o incomodava.

Provérbios 22:6 diz: “Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles.”

A linguagem original do versículo gera uma interpretação mais ou menos assim: “Treine uma criança no caminho que ela deve ir [e em manter seu dom ou sua inclinação individual], e quando ela for velha, não se desviará dele”.

Outros estudiosos da Bíblia dizem que, literalmente, significa: “segundo a sua inclinação”. Isso indicaria que precisamos ser estudantes de nossos filhos, estudar a personalidade deles e, então, tomar bastante cuidado sobre como interagimos com eles, principalmente no que diz respeito à disciplina. Assim, resista à tentação de estabelecer políticas iguais e consequências-padrão. Peça a Deus que a ajude a criar consequências que serão eficazes. Talvez você tenha de misturar um pouco as coisas para cada filho, a fim de obter o melhor resultado individualmente.

E isso nos leva ao próximo tópico...

7. CRIE SEUS FILHOS DE JOELHOS.

Muito importante. Muito necessário. Mas, às vezes, muito ignorado. Principalmente se você for uma praticante. Praticantes gostam de fazer

coisas. Mães praticantes pensam que devem não apenas ficar ali, mas fazer algo. E, às vezes, orar pode parecer que estamos simplesmente ficando ali. No entanto, precisamos remover essa noção de nosso cérebro. Orar é a coisa mais crucial no que se refere à criação dos filhos. Precisamos criar nossos filhos de joelhos. Buscar Deus em tempos de crise e em tempos de alegria ajuda a solidificar nosso relacionamento com o Senhor e nos ajuda a mudar a vida de nossos filhos. Portanto, ORE, mãe!

8. LEMBRE-SE DE QUE TUDO DE BOM EM SEU FILHO AINDA ESTÁ LÁ.

Minha amiga Glynnis me disse isso quando eu liguei para ela para lamentar sobre o incidente do tabaco de mascar. Pensei que não havia esperança para meu filho porque tinha sido levado a fazer uma escolha ruim. Mas as palavras de minha amiga me encorajaram. Lembrei-me de todas as qualidades de meu filho. Elas ainda estavam ali; eu apenas não podia vê-las porque aquela escolha ruim as tinha ofuscado.

Ele é compassivo, sempre torcendo pelos subjugados ou querendo auxiliar qualquer pessoa que precise de ajuda. Ele é criativo. E tem habilidades sociais incríveis. De fato, depois que o susto tinha passado, vi que algumas de suas qualidades, na verdade, estavam presentes em sua escolha ruim. Ele viu uma oportunidade para ser empreendedor ao ajudar a operar o comércio ilegal de produtos de tabaco. É claro que, no caso, a decisão dele foi totalmente errada, mas, alguns anos depois, quando estudou economia, percebemos que ele é um empreendedor bastante talentoso com um senso apurado de economia. Aos dezessete anos ele já está economizando para começar dois tipos de aposentadoria, assim que for legalmente capaz.

Além disso, descobrimos que o garoto mais velho que comprava o tabaco era pobre e vinha de uma situação familiar horrível. Meu filho disse que sentia pena e queria ajudá-lo. Mais uma vez, isso não justifica a má

escolha de participar do negócio ilegal, mas, de fato, revela o coração compassivo dele.

Lembra-se do juiz que disse ao meu filho que ele não teria de pagar a multa se escrevesse um relatório sobre os perigos dos produtos de tabaco para a saúde? Ele escreveu e o submeteu à Justiça. Eu pensei que o incidente estava terminado quando, um dia, vi o número do juizado de menores chamando no meu telefone. Com medo de que houvesse algo de errado, atendi com hesitação. Era o oficial de justiça dizendo que o relatório de meu filho tinha sido tão bem pesquisado e escrito que eles agora estavam usando-o como exemplo em nosso município e enviando cópias para o juizado de menores do município vizinho. Ele só queria me dizer que eu deveria ficar orgulhosa do meu filho. Eu respondi como uma ovelha: “Bem, senhor, obrigada... Será mesmo?”.

Por isso, lembre-se: ainda que seu filho faça uma escolha ruim, tudo de bom ainda está nele!

9. LEMBRE-SE DE QUE VOCÊ ESTÁ VENDO O COMEÇO DO TESTEMUNHO DE SEU FILHO.

Certa vez fiquei tão estressada por causa de uma decisão “não tão boa” tomada por um de meus filhos que telefonei para minha amiga, Lynn. Em meio aos meus soluços, ela ouviu minha dor e me disse exatamente o que eu precisava ouvir naquele momento: “Karen, você tem de se lembrar de que está vendo o começo do testemunho dele. Não é o fim”.

As palavras dela fizeram cessar o monólogo em minha cabeça sobre o mau comportamento de meu filho. De repente, lembrei-me de todas as pessoas maravilhosas que conheço que têm um testemunho extremo. Muitas delas entregaram a vida para Cristo e o servem de maneiras incríveis. Mas essas pessoas fizeram escolhas ruins quando adolescentes ou jovens. Algumas, até imorais. Outras, ilícitas. Todas, completamente erradas. Mas, apesar de suas escolhas ruins no início da vida, Deus as atraiu para perto

dele, e elas responderam. O testemunho dessas pessoas é poderoso e mostra aos outros a compaixão e o perdão de um Deus poderoso e santo.

Mãe, Deus é maior do que os efeitos das escolhas de seus filhos. Ele é maior do que as decisões ruins que seus filhos possam tomar durante os anos do ensino básico. Ele é muito maior do que as consequências das decisões erradas tomadas por seus filhos quando adolescentes. E Deus é ainda maior do que a dor que possa ser trazida a você como resultado das más decisões tomadas por eles como adultos.

Não amarre sua identidade às escolhas de seus filhos, sejam elas brilhantes ou imbecis. Nós não somos as escolhas dos nossos filhos. As decisões e o comportamento deles pertencem a eles mesmos.

CAPÍTULO 12

Chega de mitos

É preciso os olhos da fé para ver o fruto de uma geração vindoura de fidelidade.

— NANCY WILSON.



Ela jogou seus braços ao meu (Ruth) redor, agarrando-me ao pescoço. Inclinando-se bem perto de mim, quase encostando seu nariz no meu, ela declarou: “Você é a melhor mamãe do mundo!” Meu coração derreteu como normalmente derrete quando minha doce filha de cinco anos faz tais declarações. Que mãe não adora ouvir uma filha declarar tanto amor? Respirei fundo e sussurrei: “A mamãe também te ama muuuuito!”. “Eu amo você também”, ela sussurrou de volta, a vozinha rouca.

Tenho essas trocas com meus filhos com bastante frequência. Dessa vez, em particular, senti outro tipo de emoção, enquanto minha filha declarava sua devoção de um modo tão ousado. Eu tinha um peso em meu coração do qual ela não estava ciente. O que ela não sabia é que, bem no fundo, eu não estava me sentindo “a melhor mamãe do mundo”. Em vez disso, sentia-me uma confusão. Uma grande confusão.

Fora um período muito estressante em minha vida, e eu não era a mesma mãe que havia sido nos últimos dez anos. Depois de perder meu

sogro, num trágico acidente automobilístico, e minha sogra, somente dois anos mais tarde, tudo em meio a deixar a igreja na qual meu marido trabalhara dez anos para mudar para outra igreja, numa nova cidade, com novos amigos, eu tinha deixado as circunstâncias esmagadoras nas quais me encontrava tomar conta de minha cabeça e de meu coração. Era difícil sorrir, e eu sentia a alegria sendo sugada para fora de meus dias. Ampliando meu estado pessoal, em meio a tudo isso, eu tinha deixado as vozes insistentes da dúvida encher minha cabeça e comecei a questionar se era, de fato, uma boa mãe.

Eu estava cansada.

Estava me sentindo esgotada.

Estava lutando para segurar as pontas.

Na maioria dos dias, assim que eu tomava o último gole do meu café matinal desejava que já fosse hora de dormir. Eu estava plenamente consciente de que precisava fazer alguma mudança. À medida que eu lutava com o que estava sentindo, continuava chegando à mesma conclusão, repetidamente. Eu sabia que precisava fazer uma mudança.

O que eu tinha me dado conta era gritantemente óbvio.

Essa mudança tinha de começar comigo.

João 3:30 é o versículo da minha vida. Ele contém um lembrete que nos faz humildes: “É necessário que ele cresça e que eu diminua”.

Deus tem trabalhado esse versículo em minha vida desde que me tornei cristã. Quando eu era adolescente, desdobrei um pequeno pedaço de papel que tinha sido passado do pastor de jovens para um amigo, que ficou encarregado de me entregar o bilhete. Escrito no papel estavam as palavras: “É necessário que ele cresça e que eu diminua”. Não havia muito tempo que eu tinha me convertido e não estava frequentando regularmente o grupo de jovens. Para ser sincera, eu meio que estava evitando a igreja. Esse era um lembrete gentil de que eu precisava acertar os ponteiros. Foi um momento crucial, de grande mudança em minha vida.

Tudo que eu precisava era ler aquele simples versículo e eu sabia que estava, sinceramente, vivendo do modo errado. Eu mesma. Estava na hora

de seguir Jesus. Segui-lo de verdade. Precisei segurar firme nesse versículo, pois submeter minha vontade à dele é uma batalha diária. Tantas vezes precisei andar pela fé, e não pelos meus sentimentos. Como mãe, cerca de vinte anos mais tarde, não foi diferente. Sentindo o peso e a culpa, e acreditando na mentira de que eu era uma mãe ruim, estive diante de idênticas encruzilhadas com o mesmo chamado à redenção. “É necessário que ele cresça e que eu diminua”.

A vida deve ser uma entrega diária, e passo a passo, àquele que determina os seus passos. Todas passamos por momentos difíceis na vida, provações que podem durar meses, anos ou a vida inteira. Nenhuma de nós está imune. Mas há uma coisa que todas podemos fazer: escolher como vamos enfrentar a vida, dia após dia. Podemos escolher entregar a Deus a nossa vida.

Deus deu a cada uma de nós história e propósito singulares. Ele está escrevendo uma história por meio de nós. A história é dele, mas, em graça, ele transforma nossa história para fazer parte da história dele. Como mães, uma grande parte de nossa história são as vidas às quais nos dedicamos todos os dias em casa.

Você vai viver essa história?

Você vai entregar sua vida a Deus e glorificá-lo por meio dela?

Que tipo de legado você vai deixar?

Vivendo um legado

Uma de minhas passagens favoritas das Escrituras relacionadas com legado é Hebreus 11, um capítulo que alguns mestres da Bíblia chamam de “Galeria dos Heróis da Fé”, pois registra o legado de homens e mulheres que andaram pela fé.

Há um refrão constante ao longo do capítulo: “Pela fé...” Por exemplo, veja este trecho:

Pela fé Isaque abençoou Jacó e Esaú com respeito ao futuro deles. Pela fé Jacó, à beira da morte, abençoou cada um dos filhos de José e adorou a Deus, apoiado na extremidade do seu bordão. Pela fé José, no fim da vida, fez menção do êxodo dos israelitas do Egito e deu instruções acerca dos seus próprios ossos. Pela fé Moisés, recém-nascido, foi escondido durante três meses por seus pais, pois estes viram que ele não era uma criança comum, e não temeram o decreto do rei (Hb 11:20-23).

Você está vendo essas duas belas palavras em cada uma dessas histórias? Foi pela fé que essas pessoas deixaram seu legado. Foi pela fé que eles viveram. Foi pela fé que o legado delas permanece até hoje.

Você notará, principalmente se conhecer a Bíblia bem, que os nomes mencionados aqui e em outros trechos do capítulo não eram os nomes de pessoas perfeitas. Eles não eram santos no sentido de que eram sem pecado. Muitas vezes, estavam longe de ser perfeitos. Mas eles estavam disponíveis. Eles tinham seus corações abertos para o amor de Deus. A vida deles estava embrulhada naquele desejo que consome a alma de fazer o que eles fizeram para Deus.

E acho que a coisa mais incrível sobre os homens e as mulheres mencionados neste capítulo é que eles mesmos não conheceram seu legado. Fico me perguntando o que cada um pensaria ao ler seu nome nesta “Galeria dos Heróis da Fé”. Será que ficariam surpresos com o fruto da obediência deles? Será que ficariam chocados diante do legado de suas vidas?

Eram simplesmente homens e mulheres tentando ser obedientes a Deus. Eles queriam, mais do que tudo, agradar a Deus, agradar àquele a quem tudo deviam. A história deles se encaixou na história maravilhosa de Deus. Às vezes, fé tem mais a ver com colocar um pé na frente do outro do que viver em constante estado de alerta. Às vezes as coisas grandes, as coisas que ecoam para a eternidade, estão todas embrulhadas nas pequenas coisas. São encontradas nas trincheiras: em meio a fraldas sujas, na hora de contar uma história, durante as refeições e nas caronas.

Seja o que você fizer e onde estiver, faça-o para Deus. Permita que sua vida deixe um legado para a glória de Deus. Permita que Deus escreva o capítulo que é seu como parte da história dele, muito maior.

“Pela fé...”

Pela fé Kelly amou e cuidou de seu bebê, criando uma ligação íntima que um dia ajudou seu filho a entender e experimentar o amor do Deus Pai.

Pela fé Allison disciplinou seus filhos, ensinando-os a discernir o certo do errado.

Pela fé Emily colocou seu filho para estudar piano, em que ele prosperou, e, silenciosamente, ela agradeceu a Deus pelos dons e interesses singulares de seu filho.

Pela fé, durante muitos anos, Janice juntou dinheiro para que seus filhos finalmente estudassem numa universidade cristã, em que seu entendimento da fé e do mundo seria moldado por companheiros na fé.

Pela fé Anna orou diariamente por seus filhos, colocando-os sob os cuidados do Pai celestial.

Pela fé...

Hora de viver a verdade

Assim como Ruth acreditou num mito sobre si mesma, no dia em que sua doce filha lhe deu aquelas palavras de ânimo, nós, mães, somos frequentemente tentadas a crer nas mentiras que flutuam em nossa mente, que ameaçam derrubar nossa confiança como mães. Eu (Karen) e Ruth oramos para que, ao longo da leitura deste livro, você tenha começado a reconhecer algumas dessas fábulas e a substituí-las pela verdade. A verdade de Deus.

Vamos lembrar os mitos um a um para ter certeza de que não mais habitaremos na terra da mitologia da mãe perfeita. Quando passamos a crer nos mitos — e vivemos em derrota por causa das coisas em que eles nos levam a acreditar — nunca satisfazemos as expectativas. E então? Pedimos

desculpas. Pedimos desculpas pelas fracassadas que somos. Pedimos desculpas por não satisfazer as expectativas dos outros sobre nós. Ou talvez, somente na nossa cabeça, torturamo-nos repetidamente por não conseguir ser tudo o que a cultura diz que devemos ser — tudo o que achamos que as outras mães estão sendo quando espiamos seus perfis perfeitos nas redes sociais.

Vamos dizer um basta aos mitos da maternidade. Vamos parar com os pedidos de desculpas. Não acredite nas mentiras! Não peça desculpas! Levante a cabeça, mãe! Você e Deus estão no controle!

(Tudo bem. Fim do discurso animador. Parando de sacudir os pompons.)

Agora, vamos revisar os dez mitos em que as mães acreditam. E vamos chutá-los para a sarjeta!

PRIMEIRO MITO: SER MÃE É ALGO NATURAL, FÁCIL E INSTINTIVO

Embora a maioria das mulheres sinta um desejo natural de ser mãe, isso não necessariamente quer dizer que temos uma habilidade natural para a maternidade. Como tudo na vida, ser mãe requer tempo, dedicação e aprendizado para toda a vida. Exatamente como você não nasceu sabendo cozinhar ou dirigir, como se virar no supermercado, também não sabe automaticamente tudo o que envolve ser uma boa mãe. Todas temos de aprender.

Embarcar na jornada da maternidade é uma experiência para qual nenhuma de nós pode estar totalmente preparada. Não importa quantas vezes dissemos a nós mesmas que a maternidade seria fácil, simplesmente não é. Quando eu era pequena, sonhava em ser mãe um dia. Quer seja essa sua história ou não, meu sonho não correspondeu nem um pouco à realidade da maternidade. A verdade por trás do mito é que querer ser mãe e saber como ser mãe são coisas diferentes!

SEGUNDO MITO: MEU JEITO DE SER MÃE É O JEITO CERTO (E ÚNICO)

Não. Não, querida, não é. Tampouco é o meu jeito. E o jeito de ninguém é exatamente “certo.” A menos que haja um mandamento preto no branco na Bíblia para algo pertinente à maternidade, criar os filhos é uma questão de múltipla escolha. Algumas escolhas são melhores que as outras? É claro que sim! Não devemos simplesmente depender da sorte ou fechar os olhos e girar e, então, colocar nossas esperanças e nossos sonhos em algum método aleatório de criar os filhos. Devemos orar a Deus. Devemos ser cautelosas. Devemos ponderar as opiniões de outras mentoras e mães de nossa confiança que estão mais adiante do que nós nessa jornada. Mas temos de parar de pensar que estamos fazendo as coisas de um jeito certo e único.

E se existisse um jeito certo de executar determinado aspecto da maternidade? Por exemplo, e se existisse um jeito certo, perfeito e utópico de alimentar nossos filhos?

Bom, até assim, estarmos certas não nos dá o direito de julgar os outros que não fazem as coisas do jeito que fazemos. Os mandamentos de Jesus a nós se aplicam o tempo todo, assim como a admoestação da Bíblia para que sejamos bondosas, amorosas e graciosas. O. Tempo. Todo.

Então, por favor, tome decisões nas diversas áreas da maternidade. Ore com fervor. Converse com o seu marido, caso você seja casada. Troque experiências com suas amigas. Confie no seu instinto. Mas confie em Deus para sua situação específica e não espere que todos façam as coisas do seu jeito. E quando não fizerem? (Porque não farão!) Seja amorosa. Seja graciosas. Dê apoio. Ou, pelo menos, fique quieta.

Esteja aberta para responder às perguntas, caso tenham alguma, sobre por que você chegou à conclusão a que chegou. Mas responda com gentileza e respeito. Vamos acabar com a noção de que estamos fazendo as coisas de um jeito certo e único. Vamos parar de erguer muros que nos separam de outras mães cujo comportamento é diferente do nosso. Em vez disso, vamos construir pontes.

E, agora, vamos ao terceiro mito...

TERCEIRO MITO: SOU “SÓ” MÃE

Ah, você não é! Você é muito, muito mais!

A afirmação de que uma mulher que cuida de seus filhos está fazendo algo importante na sociedade é verdadeira. É falso dizer que ela não está fazendo algo que lhe traz realização pessoal. E também é falsa a afirmação de que não importa para nossos filhos se você está ou não está intencionalmente presente na vida deles. A maternidade é muito mais do que simplesmente a configuração padrão de uma mulher que não pôde arranjar uma ocupação “de verdade”.

Se você abriu mão de sua carreira — ou quem sabe decidiu fazer uma pausa ou reduziu o ritmo de trabalho — para estar mais disponível para a família, você fez algo maravilhoso. Ser mãe em período integral não é para todo mundo, é claro. A situação de cada pessoa é diferente. As mãos de Deus não estão amarradas de modo que ele não possa trabalhar no coração e no lar daqueles que têm uma mãe que trabalha fora de casa em meio período ou período integral. Mas se você tem a sorte de ter recursos financeiros e/ou o apoio de sua família para ficar em casa cuidando dos filhos, você não optou pelo mais fácil. Você não é menos do que ninguém. Ao contrário, você está desempenhando um papel muito valioso! Lembre-se: a mão que balança o berço governa o mundo.

Uma mãe é crucial. Esses anos passam rápido demais e podem ser vividos somente uma vez. Embora alguns dias pareçam estar durando uma eternidade, os anos com certeza voam mais rápido do que o bater de asas do beija-flor. Você não pode vivê-los de novo. Então, aproveite-os ao máximo. Curta cada momento que você pode passar com seus filhos, mas não se perca no processo. E não acredite na mentira de que não está contribuindo para a sociedade e de que o que você está fazendo não importa. Importa, sim.

Importa para seus filhos. Importa para toda a sua família. E importa para Deus. Tantos grandes santos da fé e líderes do mundo devem seu sucesso ao fato de ter uma mãe envolvida em sua vida e que orava por eles.

Abraham Lincoln disse: “Tudo o que sou, ou que espero ser, devo à minha mãe-anjo”.

Tudo bem. Embora uma mãe seja valiosa e quase insubstituível, a maternidade não deve ser o princípio e o fim da nossa vida. O que nos leva ao próximo mito...

QUARTO MITO: A MATERNIDADE NOS CONSOME TOTALMENTE E NOS SATISFAZ PLENAMENTE

[Som de campainha] Errado de novo. Há momentos em que você simplesmente não curte usar o crachá de “Mãe”. Talvez você até se pergunte por que decidiu ter filhos ou adotá-los, para começo de conversa! E ser a mãe de alguém não deve ser o enfoque exclusivo de sua existência — apostando tudo o que você tem no bilhete “melhor mãe do mundo”. Somente nosso relacionamento com Deus deve nos consumir e nos realizar. É o único relacionamento que não pode ser desplugado de nós e que durará toda a eternidade.

Quanto mais rápido aceitarmos que é um mito a crença de que nos sentimos realizadas o tempo todo sendo mães e que esse papel deve consumir todo o nosso tempo e energia — sem sobrar nada para qualquer outra atividade — melhor será para nós e nossos filhos. Aprenderemos a nos dar um tempo. E alguma graça. Começaremos a procurar brechas para manter vivos nossos interesses e paixões e para investir em relacionamentos com pessoas fora de nossa casa. E seremos acessíveis. Outras mães saberão que somos um lugar seguro para processar suas decepções com a maternidade, na medida em que nos ajudam a buscar nossa identidade e realização no relacionamento com Deus.

QUINTO MITO: UMA BOA MÃE CONSEGUE FAZER TUDO (E AO MESMO TEMPO)

Todas as expectativas que hoje são colocadas sobre os ombros de uma mãe são suficientes para lançá-la numa profunda depressão. É impossível fazermos tudo. Pelo menos, não tudo ao mesmo tempo. E, ainda que organizemos as coisas na vida tentando aproveitar todas as experiências e oportunidades, não fomos criadas para ser Supermãe.

Fomos criadas para seguir a Cristo.

Seguir a Cristo significa buscar sua orientação. Significa que reconhecemos que ele nos deu dons em determinadas áreas, enquanto em outras arenas somos deficientes. À medida que aprendemos a caminhar mais perto dele, descobrimos que nossas paixões, nossos desejos e nossas áreas de *expertise* são o que fomos criadas para fazer. Então, podemos nos concentrar nessas áreas e não mais permitir que o mundo dite as regras, dizendo-nos o que devemos fazer para ser “boas mães”.

Além disso, precisamos nos livrar da noção de que não devemos terceirizar certas coisas. Ou de que não devemos deixar nosso marido nos ajudar. Quando colocamos estas expectativas nostálgicas e não realistas sobre nós mesmas — ser a dona de casa suprema, a mãe mais sábia do mundo, o membro da comunidade mais consciente e a esposa mais amorosa, tudo ao mesmo tempo, acabamos enlouquecendo. Ninguém pode corresponder a todas essas expectativas! E não há nada de errado em chamar reforço às vezes.

Certifique-se de pedir a Deus orientação sobre como lidar com todas as responsabilidades da criação dos filhos. Não peça orientação para sua cunhada. Nem para outras mulheres do grupo de estudo bíblico. Nem para outras mães no parquinho. Tampouco para a mãe que toma café ao seu lado no campo de futebol. Você não tem de ser quem elas são ou fazer o que elas fazem.

Você é singular. Deus lhe deu filhos singulares. Sua situação é singular, e ele é fiel para mostrar a você como fazer tudo o que tem de ser feito para cuidar adequadamente de seus filhos.

Confie em Deus. Sonde a sua família. Encontre um ritmo singular e uma rotina que funcione para você e sua família e, então, faça com prazer!

Mas não tente fazer tudo ao mesmo tempo. Você vai somente se sentir desanimada ou tentada a desistir. Você não foi criada para assumir uma tarefa tão grande. Você é apenas uma mulher.

Uma mulher com um Deus muito poderoso. Vocês dois são suficientes. Não é preciso uma super-heroína.

SEXTO MITO: A MATERNIDADE É UMA COMPETIÇÃO

Pergunte a qualquer mãe como ela está se sentindo e ela quase sempre responderá: “cansada, ocupada, sobrecarregada” etc. Sim, a maternidade nos testa de modos que jamais poderíamos imaginar. A vida parece um redemoinho, às vezes. Mas a verdade é que não tem de permanecer desse jeito.

Somos levadas a crer que a maternidade tem de governar nossa vida. Não temos de acreditar no mito de que esta fase da nossa vida é fora de controle, louca e exaustiva. Embora seja um período estressante e frenético, há passos que podemos dar para viver mais centradas num propósito. Podemos escolher viver em missão, dizer “não” e, proativamente, encarar nosso cronograma tendo em mente aquilo que mais importa. A maternidade não tem de ser uma competição!

SÉTIMO MITO: A MATERNIDADE É FRUTO DO ACASO

Você não está simplesmente “dando o melhor chute!”. Ser mãe não é cambaleiar no escuro à medida que você cria uma família. Deus a chamou e a equipou para viver com a missão de formar seus filhos. Deus nos deu sua Palavra para nos inspirar e nos informar, a fim de que não tenhamos de adivinhar.

A verdade é que Deus, intencionalmente, a escolheu para ser mãe de seu filho. Criar os filhos tem valor eterno. Treinar, estimular, formar, ensinar

e corrigir seus filhos a amar a Deus e aos outros requer bastante trabalho.

Não se deixe enganar. A maternidade não é um tiro no escuro. Deus, graciosamente, nos chamou a ajudar a passar adiante fé para a próxima geração. A boa notícia é que não temos de fazer isso sozinhas!

OITAVO MITO: TUDO DEPENDE DE MIM

Sim, você é importante. Você é a primeira e mais crucial professora, mentora e formadora do coração e da alma de seu filho. No entanto, você não é tudo para ele e não pode fazer, ser e prover tudo o que seu filho precisará na vida. Nem enquanto eles forem pequenos. Nem quando são adolescentes.

Lembre-se: se você pudesse satisfazer todas as necessidades de seu filho, ele não precisaria de Deus. Vamos prometer uma à outra que não vamos mais tentar ser tudo para nossos filhos. Em vez disso, vamos aproveitar cada oportunidade, conectá-los com as pessoas a quem Deus já escolheu e moldá-los nas pessoas que Deus quer que eles sejam.

Conheça as paixões de seus filhos. Converse sobre seus interesses vocacionais ou recreativos, mesmo quando forem pequenos. Torne isso uma questão de oração, essa conexão deles com os outros podem ensiná-los uma habilidade, fornecer orientação ou encorajamento. Conte-se em desempenhar o papel que Deus tem para você na vida de seus filhos como mãe. Você não precisa desempenhar todos os papéis no elenco coadjuvante!

Entendeu? Ótimo.

Vamos falar agora sobre receitas. Cozinhar uma receita para criar um filho brilhante. É isso do que trata nosso novo mito. Uma pitada disto, uma colher daquilo... Temos de medir com cuidado, se não vamos arruinar tudo, certo?

ERRADO!

Vamos derrubar este mito diretamente em sua fundação:

NONO MITO: TENHO DE FAZER TUDO CERTO, SE NÃO MEU FILHO VAI “SAIR ERRADO”

Você já conheceu alguém com uma alma bondosa, sempre a pensar nos outros? Ou talvez um homem corajoso, destemido e campeão pelos oprimidos e subjugados? Talvez outra pessoa no topo de sua área academicamente, intelectualmente ou até atleticamente? Conheceu uma enfermeira muito consciente? Um pastor carinhoso? Uma professora amorosa ou um entregador de correspondências atencioso?

Conheci pessoas em cada uma das categorias acima mencionadas. Sabe o que todas elas tinham em comum?

Uma má criação.

Pais distantes. Ou mesmo ausentes. Negligentes. Até abusivos. Algumas das pessoas mais maravilhosas que conheço, na verdade, tiveram uma infância horrível e pais que não ganhariam nenhum prêmio pelo modo como criaram seus filhos. (Ou quem sabe eles nem criaram seus filhos. Deixaram que a escola ou a sociedade o fizesse. Ou os filhos criaram a si mesmos!)

Agora, é claro que isso não quer dizer que devemos estragar tudo de propósito. Significa apenas que não há sempre uma receita de cinco passos que garanta que nossos filhos serão perfeitos. E também significa que não temos de fazer tudo certo para nossos filhos se tornarem bons adultos. Precisamos nos libertar do medo de que, se errarmos como mães, nossos filhos estarão condenados ao fracasso.

Precisamos parar de ligar os pontos entre o que fazemos e como nossos filhos se saem. Ou de fazer o inverso e desenhar uma flecha do comportamento deles até a criação que estamos dando para eles.

Se eu for responsável por todos os atos de meu filho, serei uma manipuladora de fantoches. E Deus não criou fantoches. Criou pessoas. Em algum momento, nossos filhos farão as próprias escolhas na vida. Esperamos ter sido uma boa influência neles e tê-los orientado na direção certa. Mas não podemos oferecer garantias. Portanto, devemos nos libertar

desse medo de que, se cometermos qualquer falha na criação dos nossos filhos, eles se tornarão psicopatas.

(Está bem, exagerei um pouco. Mas você entendeu o que eu quis dizer! Não me diga que você nunca se torturou porque sentiu que cometeu uma falha na criação de seu filho e se perguntou se isso o prejudicará.)

Então vamos parar de tentar encontrar aquela receita perfeita. Ela não existe. Não há receita para a criação dos filhos. Trata-se de um relacionamento. Um relacionamento com Cristo e com nossos filhos. À medida que crescemos em nosso relacionamento vertical com o Senhor, também cresceremos no relacionamento com nossos filhos. Sim, cometeremos erros. Sim, vamos nos arrepender do que fizemos ou dissemos às vezes. Todavia, quando seu filho a vir continuamente se voltar para Cristo ao cometer uma falha ou dar crédito ao Senhor quando você fizer uma escolha sábia, ele também vai querer ter um relacionamento com Deus — um relacionamento vivo, ativo e crescente.

Vamos rasgar todas essas receitas. Jogue fora os livros de receitas maternas. Pare de acessar sites sobre como criar filhos perfeitos. Corra para Jesus. Tanto diante de seus erros como diante de seus acertos.

Agora, finalmente, irmãs, precisamos muito atirar para longe de nosso coração esta mentira final. É o mito que aponta o dedo acusatório para nós em momentos difíceis da criação dos filhos e nos tenta a acreditar na seguinte declaração:

DÉCIMO MITO: A ESCOLHA RUIM DE MEU FILHO QUER DIZER QUE SOU UMA MÃE RUIM

Está bem. Talvez, se seu filho tiver quatro anos e estiver vagando pela cidade durante uma nevasca, porque (a) você se esqueceu de agasalhá-lo naquele dia e (b) permitiu que ele saísse por aí andando, sem supervisão, então, sim, isso pode refletir um modo ruim de você como mãe. Mas não é disso que estamos falando quando mencionamos este mito.

Estamos falando de quando um filho faz uma escolha. Uma escolha levemente ruim. Ou uma escolha terrível. Você não é as escolhas dele. Você tem de lidar com os efeitos da escolha de seus filhos, mas não pode deixar que as decisões ruins deles a definam.

Seu filho de três anos ameaçou bater numa criança enquanto brincava no shopping? Bem, então ele precisa aprender que esse comportamento é inaceitável e que lhe custará uma consequência. Mas não significa que você deve se encolher de vergonha, pois a seguinte equação *não* é verdadeira: ameaçar bater numa criança de três anos + incidente envolvendo empurrão na piscina de bolinhas do restaurante = mãe ruim.

Mais tarde, quando seus filhos estiverem mais velhos, eles vão tomar decisões que não são as que você gostaria que tomassem. Embora a magnitude dessas escolhas possa variar, todos os filhos fazem escolhas ruins, às vezes. Não amarre sua identidade às decisões imperfeitas de seus filhos. As escolhas deles pertencem a eles. Ajude-os a aprender com elas, remediar as coisas e não repetir os mesmos erros, mas não se torture por causa disso! E lembre-se: quando você menos os quer é quando eles mais precisam de você!

Dez mitos. Dez crenças que devemos derrubar.

Chega de mitos

Nheeeeeec. Nheeeeeec. Nheeeeeec. Nheeeeeec.

Fazia a porta de madeira na cafeteria cada vez que alguém entrava ou saía com seu café.

Sentadas à mesinha redonda do canto, eu (Karen) e algumas amigas estávamos reunidas, bebericando uma xícara de algo quente e delicioso enquanto nos atualizávamos sobre a vida umas das outras naquela tarde de outono. Compartilhávamos as experiências boas e ruins de nossa vida como mulheres, esposas e mães.

Eu já conhecia aquelas mulheres há mais de duas décadas. Estabelecemos nossa amizade como recém-casadas, mães de primeira viagem e, para algumas, novas seguidoras de Jesus. Formamos nossos laços com conversas sobre a gravidez, compartilhando dicas sobre o parto — e algumas histórias de terror — e os maiores e últimos conselhos sobre a criação de filhos pequenos ou como conseguir fazer seus filhos comer os legumes do prato. Essas garotas eram meu time, meu sistema de apoio no qual eu confiei nos primeiros dias da maternidade, quando estava sem a menor noção, cansada e, às vezes, sem esperança.

A maioria dessas amigas queridas estava um pouco à frente de mim na excursão da maternidade, estando casadas e sendo mães há mais tempo do que eu. Eu estava muito grata pelo companheirismo delas ao longo dos anos. Elas estiveram ao meu lado nos momentos bons e ruins, muitas vezes respondendo às perguntas ou me dando conselhos quando eu não sabia o que fazer.

Enquanto bebericávamos nosso café e beliscávamos uns biscoitos, observei o rosto de minhas amigas. Todas nós tínhamos envelhecido, obviamente, com marcas da idade e rugas surgindo para algumas.

Quando nos tornamos amigas, todas ainda tínhamos o cabelo da cor natural. Agora eu desconfiava que todas retocávamos as raízes brancas regularmente, embora somente nossos cabeleireiros pudessem dizer com certeza. Nossas mãos cuidavam dos filhos — e dos pais idosos. Nossos pés e corações tinham caminhado em meio a dificuldades conjugais, e nossos olhos tinham visto alguns de nossos filhos se afastarem do Senhor.

Minha mente retrocedeu para o início de nossa amizade, para os tempos em que nos reuníamos em parques, excursões da escola dominical ou coisas do tipo. Nossos filhos eram tão pequenos. E nós, de fato, também éramos. Naquela época, éramos otimistas sobre o que nossos filhos se tornariam um dia. Tínhamos altas expectativas e profunda fé em Deus. Queríamos criar filhos e filhas que amassem e servissem a Deus e aos outros, que se ergueriam acima do comum e resistiriam ao típico e “normal”, filhos e filhas que se destacariam como servos de Cristo.

E, para alguns de nossos filhos, foi exatamente isso o que aconteceu. Mas não para todos. Talvez nenhuma de nós tenha sonhado tudo o que eventualmente viria de nossos filhos — coisas que aconteceriam com eles tanto por escolha como aleatoriamente. E, com certeza, houve circunstâncias que jamais desejaríamos para ninguém.

Enquanto papeávamos e compartilhávamos as novidades, também falávamos de outras amigas que não estavam conosco naquele dia. Algumas tinham se mudado. A maioria ainda morava na mesma cidade. Quase todas também tinham experimentado voltas e reviravoltas repentinas em suas vidas, como elas jamais esperavam.

Quando fiz um rápido balanço da vida de minhas companheiras-mães, tanto as que estavam presentes quanto as outras que estavam em meu pensamento, dei-me conta de que pelo menos uma de nós tinha experimentado determinadas situações, na família ou entre os parentes, e muitas na vida dos filhos agora adolescentes ou adultos:

- ✿ Doença grave que exigiu internação, medicação ou cuidados em longo prazo
- ✿ Acidentes de carro, causado por um filho adolescente, resultando numa ação judicial que poderia potencialmente ter custado a casa da minha amiga
- ✿ Doença mental num filho adulto que pareceu ter saído do nada, resultando em raiva, amargura e até em breve período de desalojamento para esse filho
- ✿ Rebeldia adolescente, incluindo cigarro, álcool e drogas ilícitas
- ✿ Acidente automobilístico trágico que colocou um filho em uma cadeira de rodas para toda a vida
- ✿ Filhos ou filhas sendo pegos com imagens inapropriadas no celular
- ✿ Filhos pegos mentindo ou roubando

- ✿ Filho diagnosticado com dificuldade de aprendizado que exigiu terapia de alto custo apenas para conseguir passar pelo Ensino Médio
- ✿ Marido que não lidou bem com a crise da meia-idade e buscou outras maneiras de satisfazer seus desejos sexuais
- ✿ Filho que revelou a uma família incauta que estava descaradamente vivendo um estilo de vida sexualmente imoral
- ✿ Perda de emprego e/ou desligamentos dos filhos ou maridos
- ✿ Filha diagnosticada com um distúrbio alimentar sério e fatal
- ✿ Filhos casados cujas novas visões políticas ou opiniões sobre questões sociais diferiram demais das de seus pais, causando tensão e até prejudicando o relacionamento
- ✿ Pais idosos que exigiram cuidados especiais ou um lugar para morar e tiveram de se mudar para a casa do filho, necessitando de atenção vinte e quatro horas por dia
- ✿ Divórcio não desejado e inesperado depois que um caso extraconjugal foi descoberto
- ✿ Filho cumprindo pena na prisão
- ✿ Morte de adolescente devido a um acidente de trabalho
- ✿ Execução hipotecária

Agora, se esta lista de acontecimentos fosse apresentada a mim ou a qualquer uma de minhas amigas quando embarcamos na jornada da maternidade, teríamos fugido o mais rápido possível. De modo algum teríamos visto algo de bom nestas situações! Só de pensar que eu poderia experimentar alguma delas me levaria a estremecer. Mas eu ia fazer as coisas certas. As coisas retas. E meus filhos iam “sair certos e retos”. A fórmula era simples. Uma receita para o sucesso espiritual. Se alimentássemos, disciplinásemos, ensinássemos e formássemos nossos filhos de determinado jeito, o triunfo seria nosso!

Mas ali, sentadas, compartilhando nossas histórias e conhecendo os detalhes da nossa vida, inclusive o que estava acontecendo com nossos casamentos e filhos — para algumas, até netos — bem, os cenários não eram exatamente o que esperávamos que fossem.

Você pensaria que estaríamos tristes. Desiludidas. Sem esperança ou, no mínimo, sem ânimo. Mas não era o caso.

Uma a uma, à medida que eu observava o rosto de minhas amigas, via mulheres — mulheres fortes. Esposas e mães que haviam passado por grandes dificuldades na vida, mas permaneceram firmes. Eram mulheres para as quais eu me voltava quando tinha um problema pequeno, por exemplo, como remover mancha de barro das calças de cor clara do meu filho, mas também em quem confiava para minhas questões espirituais mais profundas. Eram mães das quais eu podia ter certeza de que receberia respostas boas e piedosas, pois elas caminhavam junto a Jesus.

Nossas jornadas individuais e coletivas não eram um passeio no parque. Não estávamos caminhando saltitantes, sob a supervisão de um Deus parecido com um gênio da lâmpada que nos concedia tudo o que desejávamos. Nem de longe.

Esta jornada era mais como fazer uma trilha extenuante que sobe e desce montanhas traiçoeiras. Uma marcha no meio da noite mais escura para um destino desconhecido. Uma viagem ao longo de um território inimigo que parecia assustador e inseguro. Apesar disso, elas caminhavam fielmente junto a Jesus.

Porque eu as tinha visto enfrentar muitas adversidades e ter o tapete da vida puxado de seus pés uma ou duas vezes, podia confiar nelas. Eu sabia que não ia receber nenhuma resposta de escola dominical delas. Nem um discurso tranquilizador ou uma perspectiva cor-de-rosa sobre a vida. Eu podia confiar que elas seriam sinceras comigo.

E elas foram.

Uma a uma, enquanto continuávamos a compartilhar, eu podia ver um padrão emergindo à medida que falavam sobre a vida. Sobre Deus. Sobre o relacionamento delas com ele.

Embora a jornada da maternidade e do casamento não fosse fácil, com certeza valia a pena. Eu duvido que alguma delas trocasse a profundidade espiritual que agora sentia por uma vida fácil, com filhos e maridos perfeitos. Não. É no ardor do conflito e nas profundezas do desespero que estabelecemos um relacionamento sólido com Deus.

Houve um tempo que éramos tolas o suficiente para pensar que sabíamos tudo. Agora sabemos que só Deus sabe todas as coisas. Somente ele pode ser tudo — para nós, mães, e também para os nossos filhos. E é a nossa dependência completa dele para viver e obter respostas que nos permite ter uma fé profunda, uma fé que nos leva a nos lançar nos braços de Jesus, enchendo-nos com a Palavra de Deus e criando nossos filhos de joelhos enquanto mergulhamos em oração, ao mesmo tempo em que lavamos roupas, ajudamos as crianças com o dever de casa e realizamos outras tarefas.

Então corra para ele, mãe. Corra dos mitos. Atire-se nos braços da Verdade. O Caminho. A Verdade. E a Vida. Como um pai amoroso que ganhou a confiança completa de seu filho pequeno. Corra. Salte. Aterrisse e esteja segura.

O caminho é, muitas vezes, assustador. As curvas e as voltas nos deixam atordoadas. Mas ele é fiel. Sempre fiel. Ele nunca a deixará para andar sozinha, mas irá carregá-la a cada passo da jornada somente se você permitir.

Acreditamos em você, mãe. Chega de mitos. Deixe que a verdade dessas palavras sejam absorvidas por sua alma.

E então... ame sem limites e seja uma boa mãe.

Você pode nos dar a honra de orar por você?




Pai, colocamos diante de ti esta mãe que está lendo essas palavras neste momento. Tu conheces os pensamentos ansiosos dela. Tu vês os maiores medos dela. Tu ouves o clamor mais desesperado dela no meio da noite. Nós confiamos no Senhor e sabemos que sempre sabes o que é melhor para nós e para os nossos filhos. Tu não cometes erros. Não há nada que pegue o Senhor de surpresa. Cada filho. Cada situação. Cada alegria e cada tristeza — tudo isso é permitido em nossa vida com um propósito. Que nós não nos desesperemos. Que nós não nos tornemos amargas. Que nós não desanimemos, mas caminhemos ainda mais perto do Senhor. Queremos crer na verdade e viver a verdade. Porque o Senhor é a Verdade que nos liberta, o Caminho que nos dirige e a própria Vida — extremamente abundante e gloriosamente eterna. Colocamos em tuas mãos, Senhor, nossos medos e o futuro de nossos filhos. Amamos o Senhor. Sê nosso Pai perfeito no exercício de nossa maternidade e liberta-nos de todos os mitos e obstáculos para a Verdade. *Amém.*



The page is decorated with several grey hearts of varying sizes, some containing small white dots. They are scattered around the central text.

Material adicional

A small, elegant black flourish or scrollwork design is positioned below the first paragraph.

Esperamos que esta seção lhe sirva de encorajamento e que a ajude a desempenhar seu papel de mãe. Anexamos alguns materiais práticos, inclusive um balanço anual para mães, a oração da mãe por seu filho, o guia semanal de oração da mãe, dez lembretes com versículos para a mãe ocupada demais e lembretes de encorajamento extraídos deste livro. Você pode tirar cópias à vontade de qualquer parte do material e cortá-lo para levá-lo com você ou colocá-lo num local bem visível para servir de lembrete. Acreditamos que esses recursos vão ajudá-la, pois acreditamos em você!



Balanço anual para mães



Recomendamos de coração que, pelo menos uma vez por ano, você separe um tempo para ficar sozinha e trabalhar neste conjunto de perguntas. Talvez você possa pedir a uma amiga que cuide de seus filhos por um período e depois inverta os papéis, a fim de que vocês duas possam ter algumas horas sozinhas com seus pensamentos — e com Deus — para preparar as respostas. Pegue sua Bíblia e leia com calma a seguinte passagem bíblica, antes de responder a cada pergunta:

Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração;
prova-me, e conhece as minhas inquietações.
Vê se em minha conduta algo te ofende,
e dirige-me pelo caminho eterno (Sl 139.23–24).

1. Como você descreveria sua vida hoje? O que você gostaria de mudar?

2. Como você está emocionalmente? Que emoções ou sentimentos estão presentes com mais frequência em sua vida agora?

3. O que está fazendo para cuidar de sua saúde? O que você precisa mudar nas áreas do sono, exercício físico, nutrição e descanso e relaxamento?

4. Como você está espiritualmente? Como vai sua vida devocional? Que objetivos você pretende alcançar em sua vida devocional durante o próximo ano?

5. Qual é sua maior necessidade em seu casamento hoje? Que objetivos você e seu marido podem estabelecer para o seu casamento?

6. Qual é sua maior necessidade como mãe hoje? Com o que você tem dificuldade? Como você pode se dedicar melhor ao seu chamado?

7. Como estão os seus filhos? Que qualidades de caráter em seus filhos você mais quer cultivar este ano?

8. Quais compromissos ou atividades você precisa deixar de lado este ano? De quais oportunidades você precisa tomar posse este ano?

9. Qual qualidade de caráter pessoal você mais precisa cultivar este ano?

10. Como você melhor resumiria aquilo para o que Deus a está chamando a se concentrar e realizar mais este ano?



A oração da mãe por seu filho



A seguir, eis uma das nossas passagens favoritas das Escrituras. Queremos que você dedique um momento para orar esta passagem da Palavra de Deus tendo seus filhos em mente. Você vai notar que há espaços em branco para inserir o nome de seu filho. Que Deus use esse material para encorajar seu coração, à medida que você forma seus filhos. Como mãe, não se esqueça de que Deus é o Formador e Artista Supremo.



Salmos 139.13–18, paráfrase da autora

Tu criaste o íntimo do ser do(a) _____ e teceste _____ no meu ventre.

Eu te louvo, porque fizeste _____ de modo especial e admirável. Tuas obras são maravilhosas! Digo isso com convicção.

Os ossos do(a) _____ não estavam escondidos de ti quando em secreto ele(ela) foi formado(a) e entretecido(a) como nas profundezas da terra.

Os teus olhos viram o embrião do(a) _____; todos os dias determinados para ele(ela) foram escritos no teu livro antes de qualquer deles existir.

Como são preciosos para mim os teus pensamentos, ó Deus! Como é grande a soma deles!

Se eu os contasse, seriam mais do que os grãos de areia. Se terminasse de contá-los, eu ainda estaria contigo.



Guia semanal de oração da mãe



Recomendamos que você use este pequeno guia semanal para ajudá-la a se concentrar em sete áreas de sua vida como mãe, intencionalmente tornando-as objeto de oração. Quem sabe você gostaria de adquirir um diário para registrar suas orações — e as respostas de Deus. Ou de fazer um caderno de oração com uma espiral e protetores de página de plástico, como se usa em *scrapbooking*. Você pode tirar cópias dos lembretes e fixá-los nos protetores de página no início do caderno. (Se você gosta de caprichar, use papel decorativo ou coloque uma foto de sua família nesta seção.)

Em seguida, faça sete páginas, uma para cada dia da semana. Você pode fazer estas páginas simples, escritas à mão ou aprimorá-las e fazê-las com papel decorativo de *scrapbooking* e fotos. Personalize-as da maneira que você desejar. Adicione folhas de papel em branco, a cada seção, atrás da página para cada dia da semana. Em cada dia, enquanto você passa alguns momentos em reflexão silenciosa, anote um ou mais lembretes de oração para ajudá-la a escrever suas orações a Deus nas páginas em branco.

SEGUNDA-FEIRA

Meu coração de mãe clama: orando por meus filhos

Pai, _____ está realmente no meu coração hoje, porque _____. Peço que o Senhor o(a) capacite a _____.



Jesus, _____ precisa saber que o Senhor está perto hoje e que o Senhor o(a) ama. Peço que o Senhor orquestre uma situação hoje que lhe mostre o quanto eu me importo com ele(ela).



Querido Deus, _____ está tendo muita dificuldade para _____. Peço que o Senhor me mostre claramente como posso me aproximar dele(dela) nessa luta para ajudar, e não para atrapalhar.



Pai, quais de meus filhos precisam de um toque especial de mim como mãe esta semana? Peço que o Senhor me mostre o

que devo fazer para deixá-lo(la) saber o quão profundamente o(a) amo e me importo com ele(ela).



Jesus, esta semana _____ vai enfrentar _____ . Peço que o Senhor me mostre como devo orar por essa situação.

TERÇA-FEIRA

Sentimentos confusos: orando por uma mente sã

Pai, neste momento meu coração está cheio do sentimento de _____ . Ajuda-me a entender esse sentimento hoje. Por que estou me sentindo assim? O que o Senhor diz sobre essa emoção? Por favor, ajuda-me a buscar sua Palavra e a registrar pensamentos úteis aqui.



Senhor, uma situação surgiu e meu coração está apertado. É a seguinte:



Sinto que o Senhor está me dizendo o seguinte sobre essa situação que me aflige:



Ajuda-me a escolher uma das passagens bíblicas abaixo para meditar hoje em meio aos meus sentimentos a respeito dessa situação:

Até quando, SENHOR? PARA SEMPRE TE ESQUECERÁS DE MIM? ATÉ QUANDO ESCONDERÁS DE MIM O TEU ROSTO? Até quando terei inquietações e tristeza no coração dia após dia? Até quando o meu inimigo triunfará sobre mim? Olha para mim e responde, SENHOR, MEU DEUS. (Sl 13.1-3)

Volta-te para mim e tem misericórdia de mim, pois estou só e aflito. As angústias do meu coração se multiplicaram; liberta-me da minha aflição. Olha para a minha tribulação e o meu sofrimento, e perdoa todos os meus pecados. (Sl 25.16-18)

Portanto, visto que temos um grande sumo sacerdote que adentrou os céus, Jesus, o Filho de Deus, apeguemo-nos com toda a firmeza à fé que professamos, pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado. Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade. (Hb 4.14-16)

QUARTA-FEIRA

Trabalhando em minha caminhada: orando por meu crescimento espiritual

Pai, quero crescer diariamente para me assemelhar cada vez mais ao Senhor. Peço que o Senhor me mostre uma área de minha vida em que preciso trabalhar para que esse crescimento ocorra:



Uma oração que tenho a respeito do meu tempo dedicado à sua Palavra é:



Uma oração que tenho a respeito de conversar com os outros sobre a minha fé é:



Uma questão ou dificuldade que atualmente tenho enfrentado em minha vida de oração é:



Quero dedicar mais tempo à memorização das Escrituras. Um versículo que eu gostaria de guardar em minha memória é:

QUINTA-FEIRA

Colocando minhas tarefas diante do Senhor: orando por meu lar

Senhor, uma das tarefas da maternidade com as quais tenho lutado é _____ por causa de:



Querido Pai, sempre que chega a hora de _____ em casa, sinto-me tão frustrada! Peço que o Senhor me ajude a entender meus pensamentos a respeito desta questão:



Jesus, uma área da minha vida domiciliar que sei que estou negligenciando é _____. Peço que o Senhor me ajude a ganhar uma perspectiva renovada nessa área. Derramo aqui meus sentimentos ao Senhor a respeito de:



Pai, por favor, capacita-me a encontrar alegria ao servir minha família e realizar as tarefas muitas vezes ingratas da maternidade? Peço que o Senhor me ajude a enumerar aqui os motivos por que servir ao Senhor enquanto sirvo minha família importa:

SEXTA-FEIRA

Estabelecendo amizades leais: orando por minhas amigas-irmãs em Cristo

Pai, algumas qualidades que considero fundamentais numa boa amiga são:



Agora, entre as qualidades que citei, a que eu mais preciso trabalhar é_____. A pessoa com que preciso me concentrar nisso é_____.



Querido Deus, uma amiga que está em meu coração hoje é_____, porque:_____.



Uma coisa que eu posso fazer para alcançar essa amiga durante a próxima semana é: _____

Pai, a palavra do Senhor diz que uma amiga ama em todos os momentos (Pv 17.17). Neste momento, estou tendo dificuldade

para amar _____ por causa da seguinte situação:

_____.



Peço que o Senhor me revele o que eu preciso fazer para amar essa pessoa. Preciso ir a ela e ter uma conversa? Escrever uma mensagem pedindo desculpas? Ou passar algum tempo ouvindo-a? O que eu sinto que o Senhor me chama a fazer a respeito desse relacionamento é: _____

SÁBADO

Simplificando a vida: orando pelo meu cronograma

Jesus, um aspecto do meu cronograma atual que está me causando sofrimento é _____



O que eu poderia fazer de maneira diferente para lidar com esse atual incômodo? Peço que o Senhor me ajude a anotar algumas soluções possíveis agora: _____



Pai, estes são os compromissos que atualmente tenho na minha vida: _____



E estes são os compromissos pontuais que vão entrar no meu cronograma esta semana ou muito em breve:



Peço que o Senhor me ajude a orar a respeito dessas duas listas com cuidado e um coração sincero, perguntando-lhe se preciso

renunciar a algum desses compromissos. Vou registrar aqui meus pensamentos a respeito disso, depois de orar:



Em contrapartida, há algo que eu deveria adicionar ao meu cronograma? Em caso afirmativo, o quê? _____



Como precisarei ajustar meu cronograma e meus compromissos para dizer sim àquilo que o Senhor me chama a fazer, e não a todas as outras solicitações?

DOMINGO

Servindo a Deus e aos outros: orando pelas pessoas na minha vida

Uma pessoa na minha vida que não mora em minha casa, mas que sinto que o Senhor está me chamado a alcançá-la é:



Pai, o que eu posso fazer para transmitir amor e apreciação a essa pessoa? Ajuda-me a enumerar algumas ideias e passos de ação aqui:



Pai, amo o Senhor e a igreja e quero servir a ambos da melhor maneira possível. Uma área de serviço em que estou atualmente envolvida é _____, e meus pedidos de oração para essa área de serviço são:



Deus, coloco este líder da igreja ou do ministério diante do Senhor hoje:



Aqui estão meus pedidos por ele e seu ministério:

Dez lembretes com versículos para a mãe ocupada demais



Aqui estão alguns versículos para facilitar sua memorização. A ideia é que eles a ajudem a fazer uma pausa para orar quando sentir-se tentada a assumir coisas demais — ou a desacelerar e descansar no Senhor. Eles possuem o tamanho de um cartão de visitas; então, você pode tirar cópias e guardá-los num porta-cartões para carregá-los sempre junto.



E lá procurarão o SENHOR, o seu Deus, e o acharão, se o procurarem de todo o seu coração e de toda a sua alma (Dt 4.29).



Os que conhecem o teu nome confiam em ti, pois tu, SENHOR, jamais abandonas os que te buscam (Sl 9.10).



Mas eu confio em ti, SENHOR, e digo: Tu és o meu Deus. O meu futuro está nas tuas mãos (Sl 31.14–15).



Olhem para o SENHOR e para a sua força; busquem sempre a sua face (1Cr 16.11).



“Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e àquele que bate, a porta será aberta” (Mt 7.7–8).



De madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus levantou-se, saiu de casa e foi para um lugar deserto, onde ficou orando (Mc 1.35).



Responde-me quando clamo, ó Deus que me fazes justiça! Dá-me alívio da minha angústia; tem misericórdia de mim e ouve a minha oração (Sl 4.1).



“Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso” (Mt 11.28).



“Eu mesmo o acompanharei, e lhe darei descanso” (Êx 33.14).



Descanse somente em Deus, ó minha alma; dele vem a minha esperança (Sl 62.5).



Lembretes de encorajamento extraídos de “O Mito da Mãe Perfeita”



Aqui estão alguns trechos do livro, extraídos para que você possa tirar cópias e colocá-los num local visível ou de fácil acesso. Oramos para que estes lembretes de encorajamento a ajudem a encontrar e a manter sua perspectiva à medida que você cria seus filhos.

Nós, mães, nunca vamos conseguir fazer tudo perfeito. Nem nossa casa. Nem nosso método de disciplinar os filhos. Nem nossa comida. Nem nossos horários. Quando mantemos esses mosaicos míticos da perfeição como objetivo, estamos apenas nos sabotando para o fracasso garantido. Precisamos parar de buscar a aparência da perfeição. (Sim, a *aparência* da perfeição. Verdadeira perfeição não existe.) Em vez disso, devemos começar a buscar Jesus Cristo.



Deus separou o lar como pertencente a ele. O lar é um lugar em que a presença de Deus deve ser sentida e os propósitos dele devem ser buscados. Ele coloca pais nesses lares como guardiões, pastores, sacerdotes, cuidadores, educadores e guerreiros chamados e comissionados a transmitir sua fé para seus filhos por amor ao mundo.



É claro que você deve regozijar-se em ser mãe. A maternidade lhe trará prazeres com frequência. No entanto, a verdadeira alegria vem de servirmos a Jesus. Se você pendurar seu

chapéu da felicidade em ser mãe, vai experimentar desespero durante tempos difíceis ou quando seu filho não estiver fazendo escolhas boas ou piedosas. Obtenha sua alegria verdadeira de ser seguidora de Jesus, e não de ser mãe do fulano ou beltrano.



A importância daquilo que fazemos para Deus não depende de *quantas pessoas* estão vendo o que fazemos. Deus mede nossa fidelidade a ele (e à nossa família) do mesmo jeito, quer outras pessoas estejam vendo ou não. [...] O “aceno divino de aprovação” de Deus que vê é suficiente para você?



As regras podem mudar o comportamento, mas não o coração. [...] Nossos filhos precisam do nosso amor, não somente da nossa lei.



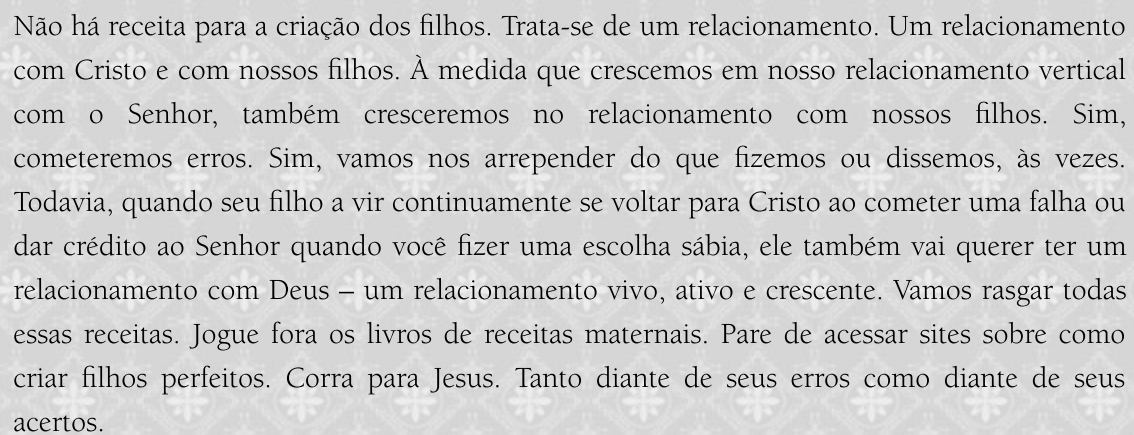
Se quisermos que os nossos filhos sejam discípulos de Jesus, primeiramente precisamos ser pais que sejam discípulos de Jesus. Nós repassamos aquilo que temos.



Precisamos contar nossos dias [...] não para vivermos com medo, mas para tentarmos viver com mais fidelidade. [...] Nosso tempo como mãe não é infinito. Contamos nossos dias para que possamos aproveitá-los ao máximo.



Não amarre sua identidade às escolhas de seus filhos, sejam elas brilhantes ou imbecis. Nós não somos as escolhas dos nossos filhos. As decisões e o comportamento deles pertencem a eles mesmos.



Não há receita para a criação dos filhos. Trata-se de um relacionamento. Um relacionamento com Cristo e com nossos filhos. À medida que crescemos em nosso relacionamento vertical com o Senhor, também cresceremos no relacionamento com nossos filhos. Sim, cometeremos erros. Sim, vamos nos arrepender do que fizemos ou dissemos, às vezes. Todavia, quando seu filho a vir continuamente se voltar para Cristo ao cometer uma falha ou dar crédito ao Senhor quando você fizer uma escolha sábia, ele também vai querer ter um relacionamento com Deus – um relacionamento vivo, ativo e crescente. Vamos rasgar todas essas receitas. Jogue fora os livros de receitas maternas. Pare de acessar sites sobre como criar filhos perfeitos. Corra para Jesus. Tanto diante de seus erros como diante de seus acertos.

Agradecimentos

De Karen:

Para meu marido, Todd, e meus filhos, Kenna, Mitch e Spence: sou tão agradecida por ser tanto a esposa quanto a mãe dessa família incrível! Amo vocês e gosto de vocês também.

Para minha mãe, Margaret Patterson, que criou ambos, meu irmão e eu, de joelhos, ao mesmo tempo em que providenciava nosso sustento: você fez parecer tão fácil, ainda assim sempre deu o crédito a Deus. Obrigada por me ensinar a viver um dia de cada vez.

Para minhas irmãs do Proverbs 31 Ministries, especialmente, nossa presidente, Lysa TerKeurst: obrigada por me permitir alcançar o equilíbrio entre ser trabalhadora e esposa e mãe. Vocês são grandes exemplos de como caminhar nessa linha delicada de maneira a glorificar a Deus, e somente a ele.

Para Ruth: adoro ministrar e encorajar outras mães junto com você. Quem pensaria que um simples encontro num café daria origem a este projeto! Obrigada por trabalhar arduamente e por rir com frequência. Isso, com certeza, nos ajudou a seguir em frente. (Bem, isso e também o café com Nutella.)

Para tantas mães, amigas e companheiras que, ao longo dos anos, têm sido modelos de mãe para mim: Kelly Hovermale, Marcia Stump, Suzy Williams, Debi Davis, Andie Cocco, Tammy Underwood, Trisha Hufnagel, Jill Savage, Julie Barnhill e, especialmente, Mary Steinke, Kim Cordes, Sharon Glasgow e Lindsey Feldpausch do Good Morning Girls.

De Ruth:

Estou pasma e bastante grata por Deus ter escolhido usar uma garota comum como eu para disseminar esta mensagem de esperança, luz e amor neste mundo. Abençoada, nem sei como descrever como eu me sinto de poder compartilhar com mães esta mensagem de verdade.

Agradeço ao meu marido maravilhoso, que tem me animado e apoiado nos últimos dezessete anos de casamento. Deus não poderia ter feito ninguém mais perfeito para mim do que você. Amo você.

Tyler, Bella, Noah e Sophia, sou muito agradecida por ser sua mãe. Vocês tornam a maternidade fácil. Vocês têm abençoado minha vida e sou muito orgulhosa de cada um de vocês. Amo vocês.

Agradeço aos meus pais, que acreditaram que eu poderia mudar o mundo desde o momento em que nasci. Seu apoio, amor e infinito encorajamento têm me inspirado a trabalhar arduamente e a sonhar alto. Amo vocês.

Agradeço à mãe que mudou completamente minha visão sobre a maternidade há dez anos: Sally Clarkson. Seu exemplo e voz da verdade tem me inspirado inúmeras vezes. Amo muito você e sou grata de poder chamá-la de minha mentora e amiga.

Agradeço à minha querida mentora e amiga, Sandra Maddox. É mais que uma bênção tê-la em minha vida. Em você, Deus me deu a mentora especial, “segunda mãe” e amiga que eu precisava em você.

Obrigada, Karen Ehman, por sua parceria e por ter arriscado comigo. Eu não podia ter pedido uma coautora melhor ou uma amiga mais louca! Amo todas as suas expressões bobas e os papos tarde da noite.

Agradeço às minhas amigas *online* que se tornaram reais, que oraram por mim, riram comigo, choraram comigo e torceram por mim. Vocês sabem quem vocês são. Não posso imaginar a vida sem cada uma de vocês. Vocês se tornaram minhas confidentes mais chegadas e minhas aliadas mais queridas.

Agradeço à equipe de colaboradores do The Better Mom e do For the Family. Sou abençoada todos os dias por ministrar com vocês e chamá-los

de meus amigos.

Obrigada aos leitores do The Better Mom e do For the Family. Sou abençoada por estar nesta jornada com cada um de vocês e muito grata por seu apoio. Oro todos os dias para que Deus trabalhe tremendamente na vida de vocês e que sejam inspirados a criar gerações que vão impactar o mundo para Cristo.

De Karen e Ruth:

Agradecemos à Esther Fedorkevich, nossa empresária, por sua criatividade, persistência e confiança neste projeto. Sua motivação e seu encorajamento é como respirar ar puro.

Obrigada, Sandy Vander Zicht, e toda a equipe da Zondervan, inclusive Robin Phillips, Londa Alderink e Lori Vanden Bosch, editora fantástica. Também somos gratas por sua orientação e encorajamento. Não poderíamos ter desejado uma equipe melhor. Obrigada por seu comprometimento incansável com a disseminação desta mensagem de esperança para as mães.

Notas

1. VALENTI, Jessica. “Not Wanting Kids Is Perfectly Normal”. *The Atlantic*, 19 de setembro de 2012. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/health/archive/2012/09/not-wanting-kids-is-entirely-normal/262367/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.
2. FOSTER, Richard. *The Celebration of Discipline*. 3. ed. São Francisco: HarperSanFrancisco, 2002. p. 128.
3. TERKEURST, Lysa. *The Best Yes*. Nashville: Thomas Nelson, 2014. p. 10.
4. BUECHNER, Frederick. *The Hungering Dark*. São Francisco: HarperOne, 1985. p. 74.
5. WIERSBE, Warren. *The Wiersbe Bible Commentary: Old Testament*. Colorado Springs: David C. Cook, 2007. p. 67.
6. DANNEMILLER, Scott. “The One Question Every Parent Should Quit Asking”. *The Huffington Post*, 20 de novembro de 2014. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/scott-dannemiller/the-one-question-everyparent-should-quit-asking_b_6182248.html>. Acesso em: 20 jul. 2016.
7. SAX, dr. Leonard. *Boys Adrift*. Nova York: Basic Books, 2009. p. 42-47.
8. BARNA, George. *Revolutionary Parenting*. Carol Stream, IL.: Tyndale, 2010. p. 15.

Sobre as autoras

Karen Ehman é oradora do Proverbs 31 Ministries, autora *best-seller* do *The New York Times* e escritora do *Encouragement for Today*, um devocional online que alcança mais de um milhão de mulheres diariamente. Ela é autora de oito livros, inclusive: *Keep It Shut: What to Say, How to Say It & When to Say Nothing at All*. Casada com seu namorado dos tempos da faculdade, Todd, e mãe de três filhos, ela gosta de procurar antiguidades para comprar, torcer pelo time de basquete Detroit Tigers e alimentar os muitos adolescentes que se reúnem em sua cozinha para experimentar a comida da Mama Karen. Entre em contato com ela no www.karenehman.com.



Ruth Schwenk tem quatro filhos pequenos, e foi na internet que encontrou o espaço perfeito para desenvolver sua vocação de ajudar outras mães: ela é a criadora do site TheBetterMom.com e cocriadora (ao lado do marido, Patrick) do site FortheFamily.org. Ruth é formada em teologia pelo Moody Bible Institute e, ao lado do marido, está no ministério cristão há quinze anos. Você pode encontrá-la também no Instagram @thebettermom.